

Atmabodha

de Sri Sankaracharya



Conhecimento de Si Mesmo

Sesha

Colaborador Félix Arkarazo



Atmabodha

de Sri Sankaracharya

Conhecimento de Si Mesmo

Sesha



Editado por
Associação Filosófica Vedanta Advaita Sesha
www.vedantaadvaita.com

Qual é aquela resposta que impede
o surgimento de toda nova pergunta?

Sesha

Índice

[Prólogo do autor](#)

[Prólogo do colaborador](#)

[Introdução](#)

PRIMEIRA PARTE

ATMABODHA E COMENTÁRIOS

[Atmabodha e comentários](#)

Figura 1: [O universo causal](#)

Figura 2: [O universo sutil](#)

Figura 3: [O universo denso](#)

Tabela 1: [O antakarana e as gunas](#)

Tabela 2: [Constituintes de jiva](#)

SEGUNDA PARTE

ATMABODHA

[Epílogo](#)

[Atmabodha de Sri Sankaracharya](#)

Prólogo do autor

Descobri o livro *Atmabodha* após meus 20 anos. Inicialmente sua leitura me pareceu complexa, pois a terminologia e o conjunto de ideias expostas eram completamente novos. Naquela época recém iniciava minha aproximação ao *vedanta*, razão pela qual o gênio de *Sankaracharya*, escritor do texto que nos ocupa, era para mim completamente desconhecido.

Os anos seguintes se converteram em uma enxurrada de ideias que avivavam completamente meu interesse por tudo o que era relacionado com a meditação. Buscava entre os mais dignos expoentes da cultura indiana, textos que pudessem mostrar uma via clara ao incerto caminho da busca interior. No entanto, me encontrei com textos tão abstratos e com ideias tão etéreas, que com eles não se podia encontrar um padrão prático com que fosse possível seguir. Os autores anônimos dos *Upanishad*, o *Bhagavad Gita*, assim como os conhecidos *sutras* de *Patanjali* se converteram em um eixo central de reflexão sobre um mundo que cada vez menos entendia.

Os anos se sucediam lentamente um após o outro e a semente plantada pelo contínuo estudo começou a brotar. Naqueles dias me dedicava quase que diariamente ao ensinamento e aprendizagem da filosofia oriental e intercalava todo este estudo com meus estudos de engenharia. Tornou-se manejável o jargão que buscava descrever o mundo a partir da visão oriental e busquei continuamente clarear as ideias que levaram ao aspecto prático que revela o mistério do Ser.

Sete anos de práticas ininterruptas sobre os mais variados cenários possíveis de meditação se converterão em uma decepção constante devido a frenética atividade mental. Busquei de mil maneiras possíveis encontrar um caminho que pudesse me levar a quietude mental. Experimentei todo tipo de práticas

meditativas, dos *mantras* aos *kirtans* e destes aos *bijans*¹, passando naturalmente pelo controle da respiração e a “indagação do eu” que propunha *Ramanamahashi*, por todas elas sem encontrar o qualquer mínimo alívio.

Momentos excepcionais de quietude mental ocorreram também neste período, mas a perda rápida daqueles instantes obtidos devido ao torturante movimento da vida me fazia duvidar inclusive da veracidade destas experiências. No entanto, nunca detive a indagação interior; não importando que ao sentar-me e buscar praticar a meditação na postura, caía continuamente para o estado de sonolência e a dormir ou que a dor nas pernas e costas se apresentavam como torturas insuportáveis. Apesar da ignorância que me cobria e a dor habitual quando me sentava a meditar, lutava por encontrar o silêncio que tantos livros e mestres formulavam como fruto desta prática interior.

Como um caminhante perdido no deserto, busquei beber com desespero o néctar de um conhecimento que me superava. Memorizei inteiramente muitos livros, disciplinei minha mente e corpo de maneira espartana. Tudo exclusivamente para preparar minha mente a um encontro que jamais se apresentava. Assim, estudei profundamente muitos dos *prakaranagras* ou livros introdutórios ao *vedanta*, entre eles o *Atmabodha*, com o simples desejo de encontrar aquele ensinamento que me oferecesse a resposta a minha desesperada busca de se saber o que é o Ser.

Aos 26 anos, no dia 12 de maio, ao entardecer, finalmente aconteceu o que tanto busquei e jamais tinha imaginado que chegaria de maneira tão franca. Durante horas, e finalmente dias inteiros, a mente mergulhou no mais profundo e inimaginável infinito. Milhares de segredos que nunca foram segredos foram encontrados. Inimagináveis galáxias e universos se

1. Os *mantras* são palavras de poder que, convenientemente expressadas, são capazes de extrair a energia nelas contidas. Os *bijans* são a parte central do *mantras*, aquele son que sintetiza sua força. Os *kirtans* são cânticos diversos que o devoto expressa em forma de adoração a sua divindade pessoal.

apresentaram em uma fração de instante e deram vazão a Bem-aventurança Absoluta. Finalmente havia regressado a casa, por fim todo esforço da busca havia terminado; já não existiam perguntas, as respostas se sucediam por si mesmas.

Como consequência deste profundo *samadhi*², a mente assumiu uma nova condição. Agora era fácil mergulhar em meu próprio interior e notar como a maquinaria mental movia cada uma das peças e engrenagens que a compõe. Podia perceber os mais insignificantes movimentos que nela surgiam e reconhecer a variada profundidade e níveis que operam nos diferentes graus de percepção interna e externa. Desde então naveguei pelos senderos do silêncio mental e vislumbrei as diversas maneiras em que ele se apresenta, mas diante de tudo, aprendi algo que mesmo lendo mil vezes jamais havia compreendido: da não-dualidade como sendo o factor excepcional que relaciona o conhecedor ao conhecido de forma simultânea.

Logo continuaram os anos de ensinamento. Prometi a mim mesmo, de encontrar uma sistematização da mente o suficientemente simples e prática que servisse de base aos estudantes que se perdem no confuso mundo da mente. Os milhares de alunos serviram para tal fim. O afã de mostrar de forma clara a mente e seus conteúdos era indispensável para que os jovens tivessem clareza sobre seus próprios processos pessoais. Assim, com o transcorrer do tempo, inclusive alguns deles tem experimentado também beber do oceano insondável da não-dualidade.

Os comentários realizados na presente obra são frutos da experiência pedagógica que durante tantos anos tenho realizado em tantos diferentes locais do mundo. Seu objetivo fundamental é aproximar o ancestral saber do *vedanta* mediante ideias próximas ao cotidiano. A soma de comentários se realizou ao vivo para um grupo de alunos próximo ao pequeno povoado

2. Existem diversos tipos de *samadhi* que estão explicados de forma sucinta no livro "*Vedanta Advaita*", obra escrita por *Sesha*. O *samadhi* representa em geral uma forma de cognição aonde o perceptor em diversos graus possíveis se reconhece não-diferente do conhecido. O grau supremo de experiência não-dual denomina-se *nirvikalpa*, grau que se explica na experiência mencionada.

de Sant Martí de Sesgueioles, na Catalunia, Espanha, há poucos anos, e agora são apresentados ao público em geral como um presente a todos os sinceros buscadores do saber.

Sesha

G.d.1.E

Bogotá, setembro de 2012

Prólogo do colaborador

Quando os seres humanos possuem suficientemente afiada a perspicácia, infalivelmente chegam a conclusão de que toda a experiência transformadora que tenha podido marcar sua vida é traduzível em termos de compreensão.

Evidencia-se por outra forma que, de todos os tipos de compreensão, são as mais transformadoras aquelas que fazem referência a essência das coisas e, conseqüentemente, de nós mesmos. É ai, e apenas ai, aonde se constata que se é possível saciar a sede de plenitude que, de maneira mais ou menos difusa, habita no interior de toda pessoa que tenha uma indagadora inquietude.

E deste modo, somos cada vez mais os afortunados que temos tido acesso a um ensinamento que brilha com luz própria no momento de apresentar um corpo teórico-prático que oferece a solução empírica, pela experiência, aos mais altos questionamentos metafísicos: o sistema *vedanta advaita*.

Mas nosso privilégio não termina por ai. Desde alguns anos, esse acesso vem se materializando nas mãos de um instructor que, sustentado pela experiência viva e pessoal das elevadas verdades expostas nos ensinamentos, apresenta um implacável magistério recheado de contribuições que, por serem novas, resultam fascinantes na medida em que apresentam uma nova visão do compendio de conceitos e abstrações metafísicas do Oriente. Creio sinceramente que esse magistério alcançou dimensões supremas ao longo de uma série de seminários nos quais *Sesha* apresentou as 68 *slokas* do *Atmabodha*, pois presumo será um imenso prazer viajar pela requintada apresentação do *vedanta*.

Apenas me resta assegurar a tarefa que me foi atribuído, de reconfigurar às transcrições daqueles seminários em formato

escrito sempre estimulado pelo afã de tentar que, ao longo das páginas nas quais o estimado leitor está a ponto de adentrar-se, lhe seja dado o desfrutar dessa viagem interior que, por ser sem distância, se constitui em viver a mais exaltada e doce aventura concebível para um ser humano: a aventura da compreensão.

Félix Arkarazo
Bilbao, Abril 2012

Introdução

Vamos nos aprofundar ao longo deste texto, no estudo do *Atmabodha*, título que traduzido será: “Conhecimento do *Atman* ou Si Mesmo”. É um *prakaranagranta*, um livro introdutório ao *Vedanta*, e está atribuído a *Sankara*, conhecido como o *Acharya* (Mestre, Sábio).

Existe uma unanimidade em reconhecer a *Sankaracharya* na condição de ser o maior expoente da tradição *vedanta advaita*, devido ao seu prodigioso trabalho de sistematização que relacionou as ideias gerais expostas nos antigos textos dos Vedas e também na maioria dos comentários que destes textos realizou. Conseguindo desta maneira, criar uma ordem clara em uma época do hinduísmo em que proliferavam em excesso diversas escolas de pensamento, frequentemente divergentes entre si.

Esta forma se sustentava principalmente na organização da filosofia inerente aos preceitos dos Vedas através de diversos comentários sobre os textos fundamentais como os *Brahmasutras* e o *Bhagavad Gita*, assim como na redação de livros do nível de *Vivekachudamani* (A jóia Suprema do discernimento), considerado também um *prakaranagranta*, além de diversos hinos devocionais.

Foi assim que apresentou um mecanismo, um sistema de aproximação a realidade metafísica. A Realidade Última do Ser, sistema do qual faz parte o *Atmabodha*. Os *prakaranagrantas* buscam possibilitar uma aproximação, de uma maneira relativamente acessível, aos conceitos básicos que formam a filosofia *vedanta*, e realiza isto através de um protocolo comum, que reside em um tratado de quatro questões fundamentais chamadas de *anubandas*.

1. A primeira *anubanda* trata de determinar quais são as qualidades que terá que reunir o aspirante a discípulo (*adkari*) que

queira ascender a este conhecimento, quais tem que ser as suas capacidades, condições de discernimento e característica.

2. Esta segunda ferramenta aplica-se sobre o fundamento de *estudo do adkari*, a matéria sobre a qual terá de basear sua indagação, que não é outra que a identidade expressada pela *mahavakya* (grande sentença) “*Jiva Brahman aika*”, “o indivíduo é idêntico a *Brahman*, o Absoluto não-dual”.
3. *Sambanda*. Trata-se sobre o mecanismo prático pelo qual o *adkari* alcança a realização desta identidade. Essencialmente se fundamenta na prática meditativa ou *nididhyasana*.
4. *Prayoyama*, ou resultado final, que é a obtenção prática, através do aprimoramento das anteriores *anubandas*, da Realidade do Ser.

Estas quatro linhas principais constituem o denominador comum dos *prakaranagranthas*, mas temos que assinalar que, nem todos incidem em cada uma das *anubandas* com similar profundidade; assim, o *Laghu Vakya Vritti* versa quase exclusivamente sobre *sambanda*, o *Drg Drsya Viveka* não analisa a totalidade das *anubandas*, mas o faz o *Vedantasara* (Essência do *vedanta*), atribuído a *Sadananda Yogindra*. Outros, como o *Panchadasi*, alcançam um alto grau de complexidade, tanto pelo número de *slokas* ou aforismos como pelo nível de análise e de profundidade a que se chega nelas.

O *Atmabodha* neste sentido é mais básico, mais simples, condição que não retira um dos problemas fundamentais que localizamos na hora de abordarmos um texto com estas características, problema que possui uma dupla vertente: a tradução, por uma parte e junto a ela, a interpretação desta tradução.

Como tantos textos clássicos, o *Atmabodha* é uma recopilção de sentenças, aforismos ou *slokas*. Estes *slokas* possuem cada um em si, resumidos de forma sucinta, uma série de ideias de ordem metafísica que fazem parte de uma tradição determinada, neste caso a hindu. Quando se busca abordar o estudo de preceitos metafísicos de certa tradição desde a perspectiva de

outra separada aparece um afastamento, um distanciamento, pois estes preceitos fazem referência a experiências que podem ser estranhas a análise do tradutor ou do estudioso.

Frequentemente se pretende diminuir este distanciamento recorrendo o ao máximo rigor linguístico possível, mas novamente nos encontramos diante de um dilema: a mesma palavra que faz parte do encabeçamento, *Atman*, por exemplo, apresenta significados diferentes em função do contexto, podendo assemelhar-se tanto ao conceito *Brahman*, por uma parte, como ao conceito “alma” ou inclusive “psique individual”, por outra.

A um nível mais prosaico podemos citar outro exemplo para ilustrar a natureza do problema: quando observamos um filme, ou seja, em um cinema ou diante da televisão, ao observamos os subtítulos, comprovaremos que estes estão frequentemente distantes de transmitir todas variantes e matices expressivos da fala dos personagens, convertendo-se em uma versão mais ou menos pobre da versão original. É fácil concluir que o problema será ainda mais grave na situação de se abordar, como é o caso, linguagens que fazem referência a realidades altamente abstratas.

Devido a isto em nosso caso, optamos por uma vertente que, em lugar de incidir no rigor filológico, trataremos de aproximarmos ao que se busca explicar nas ideias expostas por uma tradição com as palavras mais próximas e alinhadas com a própria tradição.

Por exemplo, citaremos a tradução de Annie Besant do *Bhagavad Gītā*. De todas as numerosas traduções deste maravilhoso texto que se tem realizado, seria esta uma das que menos incidem em um rigor filológico propriamente dito. No entanto, sua base poética alcança por momentos a tal nível que sempre nos apresenta a íntima certeza de que essa é uma maneira mais adequada de aproximar-se a verdadeira natureza dos ensinamentos que no *Gītā* em particular se transmite e geralmente, a maneira mais correcta de abordar todo texto que apresente verdades metafísicas.

Nesta linha, e como o *Atmabodha* tem sido também objeto de numerosas traduções, vamos apostar por uma vertente que incida claramente nas ideias que nos *slokas* são transmitidas, mas que na representação linguística destas ideias e neste sentido, incidiremos principalmente na análise da ideia essencial que o *sloka* busca transmitir; será, pois uma produção aberta, consistente com a maneira como temos entendido o *vedanta*.

Uma última observação, para finalizar esta introdução: como irá confirmando o leitor ao longo do texto se constatará certas reincidências ao abordar determinados aspectos da exposição. Sem sermos negligentes, acreditamos na validade do método da insistência como ferramenta pedagógica para embasar, de forma mais eficaz possível, conceitos e ideias que alcançam as vezes, como se verá, graus extremos de sutileza.

PRIMEIRA PARTE

Atmabodha
e comentários

Atmabodha

e comentários

SLOKA 1

“Eu componho o Atmabodha, o conhecimento de Si Mesmo, para servir as necessidades daqueles que, tendo se purificado mentalmente através de práticas e austeridades, e havendo adquirido paz interior, carecem de inquietudes e buscam a Liberação”.

É muito difícil falar daquilo que as palavras não definem, custa ensinar a profundidade de um saber que escapa a razão. São realmente poucos os grandes mestres que, tendo experimentado a realidade do Ser, se aproximam com precisão ao plasmar em um texto das abstratas ideias pelas quais rodam suas distantes compreensões. O *Atmabodha* é um destes inestimáveis presentes que uma mente sábia soube manifestar para nossa ajuda. As eternas verdades expressas ao longo dos *slokas* são as provas inequívocas da força e vocação compassiva de seu autor.

O terreno aonde vamos entrar é altamente abstrato, o que faz com que pareça ser um dos principais obstáculos ao nos aproximarmos a essência dos postulados que propõe a filosofia *vedanta*. Seu raciocínio metafísico é profundamente sutil, apenas poderá ser desenvolvido adequadamente em uma situação de ausência de inquietudes mentais, situação incomum na maioria das pessoas.

Suponhamos por exemplo: que se busca determinar mentalmente o resultado da multiplicação 26×32 ; normalmente para

facilitar esta tarefa é necessário fechar os olhos aproximando-nos a um tipo de interiorização mais tranquila. Seguramente os ruídos e incômodos externos serão um inconveniente ao raciocínio requerido para multiplicar corretamente. A inquietude interior obstrui qualquer processo contínuo de análise ou raciocínio minimamente abstrato, inclusive entorpece o desenvolvimento de qualquer atividade mental, por simples que esta seja. É fácil concluir, que aprofundar-se nas realidades metafísicas requer uma ausência de inquietude mental. Essa ausência de inquietude ou de dúvida mental é a base do método que o *vedanta* propõe como mecanismo de acesso as realidades mais metafísicas, método denominado *nididhyasana* ou meditação.

Através da prática da meditação continuada se é possível desenvolver uma faculdade de assentamento na auto-observação interior, que permite o acesso a compreensão de realidades altamente abstratas. É possível aprender, por exemplo, que a percepção presencial, quando é um contínuo, catapulta o observador a diversos estados de consciência que proporcionam níveis superiores de análises e de compreensão metafísicas. Sobre isto convém ressaltar que a análise do que falamos difere completamente do que habitualmente entendemos como tal. A análise, raciocínio e aprofundamento metafísicos, operando sob os parâmetros de uma auto-observação livre de inquietudes mentais, descartam as vias da lógica, o raciocínio e a dialética, para induzir as mais altas compreensões pela via que poderíamos denominar de “vivência contemplativa”, “intuição” ou “compreensão direta”.

No entanto, como afirma o *sloka*, é necessária uma condição prévia de preparação pessoal, de forma semelhante ao que ocorre aos matemáticos e aos músicos. Os matemáticos mais ilustres são aqueles que converteram a linguagem dos símbolos matemáticos em representações claras e consistentes de suas próprias reflexões interiores. Por exemplo, Newton teve a abstração de que o universo é a soma de inumeráveis eventos infinitesimais que são capazes de englobar-se e formar um todo

momentâneo, estabelecendo assim as bases do que hoje conhecemos como “cálculo infinitesimal”.

Os músicos, por sua vez, são capazes de configurar, com base na linguagem sonora, conceitualizações claras e elevadas que chegam até o sublime, mas em todos estes casos se requer de uma condição de estabilidade e maestria interior que permita escutar dentro de si os diversos compassos que ao entrelaçarem-se convertem o silêncio em uma modalidade audível.

Assim sendo, semelhante ao que ocorre com as linguagens da matemática e musical, a linguagem metafísica requer para conformar-se e servir de guia para a compreensão das realidades metafísicas, da ausência de inquietude e da dúvida que de forma desorganizada leva a uma mente inquieta. Se a mente é caótica, dificilmente se alcançará um mecanismo adequado pelo qual se possa criar uma sequencialidade sadia que permita uma compreensão válida das questões que se apresentam.

Por esta razão o *vedanta* está dirigido a todas aquelas pessoas que “... tendo-se purificado mentalmente através de práticas e austeridades e havendo adquirido a paz interior, carecem de inquietudes e desejam a Libertação”.

A habilidade de um mestre interior, semelhante a de um sábio matemático ou a de um virtuoso musicista, é a conquista de um *Don* que se expressa sem esforço. No caso do mestre interior seu *Don* nasce da naturalidade de poder atender a atenção. Quando a mente equânime se dirige ao interior e não mais encontra resistência alguma com nenhum pensamento, então se vislumbra a continuidade das coisas existindo. Ali, nesta região de silêncio e de quietude, se é possível distinguir as intercortadas forças da natureza sem que por ela apareça a menor inquietude mental.

Sobre isto, cabe aqui dizer que ao se estudar a filosofia ocidental, constatamos que praticamente nenhum de seus expoentes demonstram conhecer por vivência de primeira mão a natureza das verdades metafísicas que teorizam. Todas as abstrações se encontram em uma categoria de realidade situada

além de suas próprias experiências. Talvez seja Plotino o único em apresentar algo associado a vivência consciente do Absoluto. Plotino falava da “Razão Pura” como uma experiência magistral de contato com o Eterno e o Infinito. No entanto, têm sido numerosas as controvérsias que tem levantado as expressões de incomensurabilidade por parte dos tradutores e estudiosos que, como se tem apontado, não possuem as experiências vividas e próximas ao que Plotino queria explicar: a experiência, conhecida no Oriente como *nirvana* ou *samadhi*.

Assim, a Razão Pura de Plotino chega a confundir-se com a razão aristotélica, na qual se estabelece que a lógica acentuada, a lógica asséptica possui a qualidade de não se necessitar das experiências para se validar o que a razão pura determina. Assim se mal interpretam, por exemplo, passagens na qual Plotino nos fala de como a percepção da Beleza emerge através da Razão Pura, como se esta percepção fosse possível como consequência de algum tipo de raciocínio intelectual elevado. Os mundos da Razão Pura de Plotino, os mundos das Realidades Abstratas dos Ininteligíveis platônicos, requerem para sua análise de um nível singular de introspecção que permita detectar a natureza das verdades que animam estes mundos; a inquietude mental se apresenta como um equívoco para se alcançar esta possibilidade.

Basta então, que a percepção esteja livre da inquietude que impede a continuidade de uma análise interior para que o conhecimento resultante apareça de maneira natural e na forma de essencialidade do que as coisas na verdade São. As verdades que buscam expressar o *vedanta*, verdades elevadas e profundas que não são detectáveis por um processo meramente dialético, fazem parte dos mundos que emergem em uma auto-observação carente de inquietude mental. São para estas pessoas, capazes de indagar nestes mundos de forma estável, para quem foi configurado o *vedanta* em geral e também o *Atmabodha* em particular.

Sem a necessidade de adentrarmos por hora nos estados superiores de Consciência, aonde se é possível a experiência de *Brahman* como Essência não-dual da realidade, a prática meditativa ou *nididhyasana* que apresenta o *vedanta* nos aproxima a experiências que nos permitem equipar-nos com um mecanismo de indagação interior altamente eficaz. A inusitada estabilidade na percepção, a estranha consistência do vazio que ali se estabelece a evidência de que se é possível conciliar de forma simultânea a condição de se ser observador e objeto observado na cognição é uma das realidades que assombram a quem se aprofunda na prática, inclusive nos níveis iniciais que fazem parte do estado de Observação³.

SLOKA 2

“Como o fogo é a causa direta da cocção, assim a compreensão que outorga o Conhecimento, e nenhuma outra forma de disciplina/prática, é a causa direta da liberação, porque a liberação não pode ser obtida sem o Conhecimento de Si Mesmo”.

Encontramo-nos aqui com uma metáfora recorrente em *Sankara*, o fogo e a cocção, aonde o fogo se assimila a compreensão, a força consciente.

Definir a Consciência á tão complicado como definir a adimensionalidade de um ponto. A Consciência é uma daquelas coisas que todos experimentamos, mas que ninguém consegue defini-la com clareza. O termino “Consciência” será uma ideia

3. Referimo-nos ao terceiro dos estados de Consciência que as diversas obras de *Sesha* apresentam para estabelecer as possíveis relações entre sujeito e objeto que operam na cognição; são elas:

Estado de Sonho, aonde o sujeito se desdobra na forma de sujeito e objeto.

Estado de Pensamento, aonde o sujeito se apresenta diferenciado e distinto do objeto que se conhece.

Estado de Observação, aonde prevalece exclusivamente sujeito ou o objeto de cognição.
Estado de Concentração, aonde sujeito e objeto são simultâneos, ou seja, há experiências não-duais associadas a um campo fechado.

Estado de Meditação, aonde o sujeito e objeto são também simultâneos, ou seja, se apresentam como sendo uma percepção não-dual associada a um campo aberto.

recorrente no presente texto. De início ao fim e de variadas formas se buscará dar sentido e promover uma definição prática. Inicialmente, Consciência tem a ver com a força que produz o saber, com o ato que induz compreensão e aprendizagem.

Erroneamente assume-se que aprender é um produto de nosso próprio esforço. Nada mais equivocado. Descobrimos o saber como descobrimos uma noite estrelada ao abrirmos os olhos e olhamos o céu. As estrelas não nascem por abrirmos as pálpebras; a abóbada celeste sempre está ali a espera de ser descoberta. De forma semelhante, o saber sempre está em nós, como está a umidade na água. O saber próprio da Consciência não é uma qualidade da vida, é o que dá vida a toda qualidade.

Por isto o ato da compreensão adquire relevância para o *vedanta*, devido a que se converte na expressão prática de algo indefinível como a Consciência. Talvez não possamos detectar o fluir da Consciência, mas seguramente percebemos que sabemos que somos e que existimos. Existe também um termo que nos aproxima da natureza da Consciência, pois se converte em seu fator dinâmico: a atenção.

Estabelecido isto, e definido a atenção como sendo a expressão dinâmica da Consciência, diremos que ambas, Consciência e atenção, usufruem de uma condição altamente interessante, ou seja, são “sem causa”, no sentido de que não são induzidas por uma causa prévia mental nem física. Tanto a Consciência como a atenção surge por si mesma e sustentam por sua vez o contínuo de saber que as coisas São.

A atenção ilumina com sua natureza os objetos e lhes permitem serem conhecidos. Assim como uma lâmpada permite reconhecer as cores e as formas que se escondem na escuridão, da mesma maneira a atenção da vida aos conteúdos do passado e igualmente as projeções futuras que a mente constrói. No entanto, quando associamos a atenção de maneira contínua ao presente, esta atenção se converte no fogo que produz a cocção da liberdade interior. É também importante ressaltar que outras escolas de pensamento dão importância ao ato de amor,

convertendo a devoção no eixo central de todo seu treinamento. O amor se alimenta de si mesmo e sempre flui como sentido de integração entre aquele que ama e o amado. O Saber, semelhante ao Amor, são os meios mais seguros que permitem erradicar a ignorância que convive na mente e no coração.

Talvez o apresentado por último possa ser um pouco estranho para uma mente racional, quem poderia chegar a presumir que o “amor” não é uma atividade tão fundamental. No entanto, as pessoas dotadas de uma natureza emotiva podem estar mais próximas a compreensão do que o Amor, sem que intervenha causalidade alguma, impregna tudo o existente. A partir desta compreensão final podemos nos aproximar a um tipo de compreensão amorosa que permite abordar a própria vida cotidiana convertendo a cada ação em um a oferenda amorosa a divindade, considerando esta divindade como sendo o objeto essencial, como a razão de ser de si mesmo: a busca do amado, tornando-se indistinguíveis o que se compreende e o que se ama. Assim como o devoto converte ao amado em objeto de sua busca pessoal para fundir-se nele, assim o *gnana*⁴ apresenta o discernimento como o modo aonde se revelam o conhecido e o conhecedor na exaltação da não-dualidade.

Diremos que é o fogo, como força da compreensão, a causa direta da cocção, do conhecimento de Si Mesmo, mas com a condição de que este fogo implique na continuidade da atenção associada ao momento presente.

SLOKA 3

“A ação não pode destruir a ignorância porque a primeira não está em conflito com a segunda. Apenas a compreensão que outorga o conhecimento é capaz de destruir a ignorância, como apenas a luz é capaz de diluir a densa escuridão”.

4. O *gnana yoga* representa o aspecto do *Vedanta Advaita* que busca, mediante o discernimento aguçado, uma compreensão que outorga a experiência da Realidade não-dual. Enquanto que, o *bhakti yoga* busca, mediante a vivida experiência devocional, uma compreensão de integração entre Deus e seu devoto, entre aquele que ama e o amado.

Quando *Sankara* menciona a palavra ignorância, *agnana* busca mostrar não uma falta de conhecimento, mas sim um conhecimento real, mas errôneo. Por exemplo, ao observarmos durante uma noite brilhante uma concha na praia, se é possível supor erroneamente que ali existe uma moeda de prata. *Agnana* implica tomar como real algo inexistente. Outro exemplo possível seria o de repreender qualquer pessoa em um sonho. Quando na realidade ela não existe, parece ser real quando dormimos. Não se conhece nada em sonhos que repreenda o erro, mas assumimos como uma percepção válida. Ver o ilusório como sendo real é *agnana*, ignorância.

A vida nos impulsiona continuamente a ação. O ato de estarmos vivos comporta a responsabilidade de interagir com o meio através de nossas características pessoais. É nesta interação de situações pessoais e do meio aonde se requer manter um processo que metaforicamente *Sankara* denomina de “cocção”, ou seja, é necessário atender aos eventos que se apresentam a partir de uma atenção livre de inquietudes e de desejos. O segredo do tema se encontra em que o corpo e a mente respondam exclusivamente aos eventos que fazem parte do momento presente, do aqui e agora. Quando a percepção e sua resposta são exclusivas ao presente e esta interação é contínua, ou seja, permanece em “cocção suficiente”, se estabelecerá uma compreensão que culminará nos estados superiores de Consciência: Concentração, Meditação e *samadhi*. Esta experiência superior de compreensão pressupõe a destruição da ignorância, *agnana*.

O Ocidente tem tratado de abordar ao longo do tempo o problema da aproximação a Verdade, ao Real, mediante a categorização da ação em um plano moral. Assim, se tem configurado ao longo das épocas diferentes pautas éticas que, dividindo as ações ou compreensões em “boas” e “más”, pretendiam constituírem-se em modelos estáveis de referência na busca interior. Independentemente se seu valor relativo como fator de coesão social, o tempo tem demonstrado fartamente a futilidade de tais tentativas como possível via de acesso as realidades superiores.

A partir do *vedanta* se estipula que são o Conhecimento e o Amor as vias por excelência idôneas para percorrer o caminho a liberdade. Assim afirmamos que a atividade moral por si mesma não pode ser agente que induza a liberdade pessoal. Então, não é a ação como tal o que vale, mas sim a compreensão associada a ela, pois sem esta compreensão a ação e a ignorância podem coexistir indefinidamente por muito “virtuosos” que sejam nossos atos. Mas além de qualquer ética relativa está a compreensão que surge em forma de liberdade.

A ação não tem que ser a escala através do qual se dará uma solução ao problema do encontro com o Real. Associar-se as virtudes não permite encontrar uma condição que seja consistente para a busca interior. O que vale das coisas é a compreensão que delas temos.

Após o estabelecimento da importância da continuidade na compreensão presencial, se entende a insistência em instaurar a atenção como *sadhana* principal, e como esta atenção tem que ser realizada sem esforço, isto é, sem um sentido volitivo associado. Propõe-se permanecer atentos sem esforço ao mundo que aparece, a realidade presencial que acontece; sendo assim que o único mundo que aparece sem esforço é este que surge no aqui e agora, por isto afirmamos que todo nosso *sadhana*⁵ implica em estar continuamente atento ao momento presente.

SLOKA 4

“É apenas devido a ignorância produzida por uma equivocada compreensão que o Ser não-dual aparece como finito e delimitado a “nome e forma”. Quando a ignorância é destruída, o Ser não-dual, que não admite nenhuma multiplicidade, revela a Si Mesmo cuja verdadeira a natureza é não-dual, tal como o sol se revela quando as nuvens se afastam”.

5. Conjunto de práticas instrumentadas pela tradição que se segue ou pelos ensinamentos de um mestre qualificado.

O *sloka* aborda o problema das compreensões fugazes, aquelas cujo saber não perdura, por exemplo, acreditar que somos o corpo ou simplesmente que um objeto é o nome e a forma que o define.

Nossas crenças particulares escondem um saber que não perdura. Sua momentaneidade faz com que qualquer compreensão não possa manter-se em um marco espaço-temporal. Por isto *Sankara* afirma que esse saber momentâneo impede de vermos nossa natureza Real não-dual, ocultando-a. Assim, nome e forma são sinônimos de sobre-imposição, de dualidade e de ignorância.

Tudo o que conhecemos podemos reduzi-los a um nome e a uma forma; no entanto, nome e forma representam o objeto, mas não a sua realidade. Passado o tempo o situado objeto, encontrando-se em outro espaço, alteram seu nome e sua forma. Vivemos em um mar de nomes e formas que, ritmadas sob um som desconhecido, modificam e se transformam. Nossa mente capta o mar de nomes e formas e incessantemente move-se ao comando que impera diante da mudança. Por isto, se é impossível advertir a Realidade sob a ótica mutante da mente. Assumir que nossa representação mental das coisas, ou seja, seu nome e forma possam constituir uma representação válida, atribuindo-lhes uma condição como sendo “O Real” é o que *Sankara* denomina de “ignorância”.

Para o *vedanta*, a ignorância básica nasce da identificação com o sentido de individualidade, com o eu. Quando a mente reconhece o próprio sentido egóico e o assume como sendo válidos, então nasce a identificação e com ela a validade da individualidade. O que nos define mentalmente como pessoas vai alterando-se com o tempo. Somos dependendo do momento e do lugar. Em função das experiências vividas vamos nos transformando para o bem ou para o mal. O que acreditamos que somos é apenas uma opinião baseada em nossas compreensões momentâneas. Nada disto pode ser Real, pois baseia-se em conjecturas e opiniões do eu, do *ahamkara*. Imaginamos um grande pote na qual vertemos leite processado. A primeira vista o leite é completamente homogêneo; experimentamos então e

esprememos um par de limões e misturamos a mistura um pouco. Momentos mais tarde veremos como surgem claramente diferenciadas duas substâncias completamente diferentes que previamente eram a mesma: coalho e nata. De maneira semelhante, a aparição do eu introduz diferenciação na cognição. Genericamente a diferenciação na cognição geralmente denomina-se de nome e forma. Assim a mente, induzida por sua condição diferenciadora, o eu, relaciona continuamente nomes e formas mediante sua capacidade dialética inata. Essa força de raciocínio que impera na mente leva a distinguir suas diferentes qualidades, memória, lógica, inteligência e outras.

Buscaremos nos aprofundar no problema da ocultação da verdadeira natureza não-dual do Ser desde uma perspectiva nova, recorrendo ao conceito de “simetria”. Para isto, é necessária uma pequena introdução.

A segunda lei da termodinâmica estabelece que em todo campo fechado a energia se conserva, ou seja, é constante. Também reconhecemos, tal como os físicos afirmam, que existem quatro forças fundamentais que operam no universo, que são denominadas de: 1) força gravitatória. 2) força eletromagnética, 3) força forte e 4) força fraca. Os cientistas buscam estabelecer a relação entre estas quatro forças mediante a soma delas denominada como “superforça”.

No que concordam os cientistas é em atribuir a estas forças uma função de compensação ou de equilíbrio para que um sistema fechado, em concordância com a segunda lei da termodinâmica, permaneça invariável. Assim, estas forças não seriam no fundo mais que mecanismos que a própria natureza possui instaurados para preservar sua própria conservação. Estas forças necessariamente têm que possuir um denominador comum, um sentido de identidade da natureza que está imbuída em uma aparente e constante mudança. O sentido de identidade na aparente diferenciação se denomina de “simetria⁶”.

6. Aconselhamos ao leitor a ler o capítulo de Beleza e Simetria do livro “Quântica & Meditação”, texto de *Sesha* editado pela AFDAS, agosto 2012 (www.vedantaadvaita.com).

Considerando que a própria Terra como planeta que se apresenta como sendo um campo fechado, tal como se apresenta a termodinâmica, temos que afirmar que sua energia total sempre se conserva. Os variados ciclos das estações da climatologia são as respostas da natureza diante das variáveis que se apresentam como temperatura, velocidade da terra, luminosidade, gravitação lunar, etc. Os ciclos das estações e as variáveis que os criam são entre eles diferentes, no entanto, a soma de tudo o que acontece sempre permite manter o equilíbrio termodinâmico de todo o sistema, ou seja, da terra. As forças da natureza são em essência expressões das quatro forças fundamentais, razão pela qual podemos supor que estas forças promovem um caráter compensatório para que os sistemas fechados se conservem diante as alterações constantes que ocorrem. Simetria é o sentido de unidade que existe na aparente mudança. Assim as forças modificam-se incessantemente compensando-se umas as outras, mas o sistema aonde elas atuam sempre está em equilíbrio. Este é o encanto da simetria: permitir as mudanças sem jamais perder o equilíbrio.

A simetria pode também expressar-se na atividade psicológica do ser humano. A mente produz imensuráveis simetrias que, no fundo, são estados de compreensão em constante movimento com o fim de manter o equilíbrio do sistema mental. A partir desta perspectiva, os diversos padrões psico-afetivos que apresenta o indivíduo não seriam mais que as simetrias que por uma única identidade base se estabelece no comando de seu comportamento. Esta simetria se expressa mediante a diversificação das condutas psíquicas que oferecem uma riqueza de atributos a personalidade. Assim, a base psicológica de todo ser humano se sustenta no desejo de existir como um eu⁷. São as diversas simetrias que emergem dos diversos aspectos de um impulso primitivo e básico as que levam a uma individualidade em permanecer-se como uma unidade psico-cognitiva. As diversas simetrias são a diversificada expressão dos hábitos

7. Os budistas geralmente nomeiam a esta condição básica e primária da mente como *tahna*, o desejo de existir como um eu.

mentais e de sua aparição como resposta a qualquer atividade cotidiana. A partir disto é fácil então converter o amor em ódio e vice-versa ou o cansaço em força ou a esperança em decepção, inclusive o prazer em dor.

Graças a elegância do conceito de simetria podemos descartar os julgamentos de valor sustentados nas apreciações antagônicas e diferentes como “boas” e “más”, e gerar assim um profundo e eficaz entendimento dos processos mentais que adornam o comportamento humano.

A simetria como ferramenta teórica, nos permite afirmar que a ignorância, *agnana*, surge com a aparição do ato volitivo⁸ na cognição. Esta volição imprime um sentido de diferenciação na natureza não-dual da Realidade, criando uma aparente delimitação de inumeráveis simetrias que a mente adverte mediante a diversidade de nomes e formas. São os nomes e formas quem se relacionam através do raciocínio e criam a distinção entre os diferentes conteúdos mentais, inclusive entre o perceptor e o percebido. No entanto, devido ao surgimento das simetrias duais em um sistema eminentemente não-dual, que se requer uma compensação na própria cognição do sistema fechado, se fazendo necessário a aparição de *karma* e *maya* como elementos equilibradores da equação que produz a dualidade. Devido a novidade das presentes ideias, solicito ao leitor paciência. Nos parágrafos seguintes se explicará detalhadamente o desenvolvimento de abordagens que esclarecerão as afirmações prévias.

O *vedanta* cunhou os termos *karma* e *maya* como forças que imperam na natureza psíquica, tal como a ciência cunhou os termos “força forte” e “força fraca” que subjazem no átomo. *Karma* tem relação com a força de causalidade, com o contínuo dinamismo que induz o impulso de nascimento do eu. O objeto essencial do *karma* é, mediante o intercambio e a ação, induzir o sentido de permanência da própria mudança

8. O ato volitivo ou o surgimento do eu emerge na forma de “sou”, “quero”, “desejo” e toda atividade mental que implique um sentido de individualidade, de propriedade ou domínio.

e, portanto, do sentido de eu. *Maya* se refere, ao contrário, a força que na mente permite advertir o inexistente como real e o Real como inexistentes.

Da mesma forma, o *vedanta* cunhou os termos *nama* e *rupa*, “nome e forma”, como expressões genéricas da presença do eu. Cada vez que o “eu” faz parte de um processo mental, os nomes e as formas se convertem nas expressões irrefutáveis da atividade dual na cognição.

Nome e forma, são aspectos predominantes na dualidade, são atividades relacionadas que espontaneamente surgem da mente no mesmo instante em que o universo é pensado por um eu; igualmente, *karma* e *maya*, como “causalidade” e “ignorância”, são forças de compensação que equilibram o sistema dual para que este subsista com atributos de individualidade. Ambos, *karma* e *maya* são mecanismos compensatórios de todo o sistema dual que conhece através de um processo que evidência o sentido volitivo na cognição.

Por isto, retirando o sentido volitivo da percepção, o *ahamkara*, desaparecerá nome e forma como atributos diferenciadores. Perceba que quando a não-dualidade se faz presente, a identidade dos objetos se mantém, mas não as fronteiras mentais de nome e forma que os diferenciam. Igualmente, diante das desaparecimento do eu; *karma* e *maya* desaparecem como forças de compensação do sistema dual e de todas as infinitas simetrias que estas congregam sob a percepção, permitindo assim, como diz *Sankara*, que o sol se experimenta sem as nuvens que o cobrem. A não-dualidade é uma “multisimetria”, nela se conjuga o simultâneo no infinito; ali *karma*, *maya*, ego e demais realidades são informações que fluem sem diferenciação alguma de quem as experimenta.

Quer dizer, nenhuma dualidade, nenhuma simetria afeta a tudo, em essência, a natureza não-dual da Realidade, semelhante como a perigosa serpente que temerosos acreditamos detectar na escuridão a beira do caminho não afeta a corda, que é seu substrato real. Dualidade e não-dualidade são mundos que coexistem mas, jamais se cruzam.

O que detectamos mentalmente através de atributos duais, são as diversas e infinitas possíveis simetrias que englobam as nossas experiências pessoais sob alguns cânones kármicos determinados. Coexistem inumeráveis realidades duais, inumeráveis simetrias, sustentadas todas pela mesma identidade não-dual, pelo qual, se faz evidente a futilidade de todo planejamento evolucionista que permita uma suposta “primeira origem” do existente e, na melhor das situações, tanto os físicos como os filósofos enfrentam as singularidades⁹ e paradoxos que a lógica encontra diante da busca do metafísico.

A partir daqui, e dado que a informação base do universo é sempre idêntica e não-diferenciada e está sempre presente nos sistemas duais. As diversas simetrias que a mente detecta possuem como base a não-dualidade. A criação e a evolução são o resultado das forças compensatórias do *karma* que criam uma realidade denominada *maya*, ilusória. Isto implica na aparição de diferentes estados de Consciência em função das diferentes simetrias que estejam operando segundo o tipo de agente ou eu que prepondere no distante da cognição. Ou seja, não há diferentes mundos, apenas diferentes simetrias que geram diversos modos de percepção. Seguindo ao adágio clássico: “Existem outros mundos, mas eles estão neste” e desde aí, inclusive se pode compreender a *maya* como aquela manifestação de ignorância que nos induz a considerar como válido e real o mundo que emerge sob uma determinada simetria cognitiva.

O conceito de simetria é uma ferramenta profundamente interessante que nos permite encarar desde uma nova perspectiva os complexos aspectos metafísicos e também nos oferece uma nova abordagem a grandes conceitos que fazem parte do ensinamento do *vedanta* como são *maya*, *karma*, ignorância, sobre-imposição..., assim como a conjugação de aspectos aparentemente contraditórios sobre a realidade das coisas.

9. Regiões do espaço-tempo aonde as leis da física não funcionam. Por exemplo, o Big Bang ou grande explosão a que se referem os astrofísicos como sendo a origem do universo, é uma região aonde as leis da física não funcionam ou simplesmente são diferentes das convencionais.

SLOKA 5

“O praticante, devido as repetidas compreensões que diariamente outorgam as experiências, purifica sua mente que se encontra envolvida pela ignorância; a compreensão desfaz a ignorância tal como o pó do kataka desaparece depois que se tem limpado a água lodosa”.

Somos acostumados a considerar como sendo um ignorante a alguém com falta de conhecimento, a quem, com falta de saber, não pode definir corretamente aquilo que raciocina. Esta definição não é exatamente a qual *Sankara* se refere. Por ignorância *Sankara* estabelece como sendo o assumir como válida uma realidade inexistente. Ou seja, o ignorante, segundo *Sankara*, não possui falta de saber, pois seu saber é completo, mas atribui certa realidade a algo que essencialmente é falso. Assim o *vedanta* estabelece uma relação íntima entre a ignorância, *agnana* e *maya*, ilusão.

A ilusão, *maya* e a ignorância, *agnana*, são atividades que operam na mente e que induzem a assumir como sendo válido o conhecido ainda quando este seja inexistente. Um exemplo clássico é o já citado sobre a serpente e a corda. O caminhante observa ao lado da trilha uma corda enrolada, mas a transforma em sua mente na existência de uma serpente. Inclusive o caminhante é capaz de dar movimento, cor e intenção a serpente, razão que o leva a temer e finalmente a fugir do local. *Sankara* denomina ignorância não a falta de conhecimento a respeito da corda, mas sim, o encanto ilusório que a mente constrói dotando de realidade a algo que não existe. Assim, o caminhante converte em real o ilusório e em ilusório o real.

Além disto, o *vedanta* estabelece que todo nome ou toda forma estão dotados essencialmente de caráter ilusório, mayá-vico. Não existe um nome ou uma forma que a mente possa experimentar independente dos restantes e que seja Real; todos os nomes e formas são ilusórios, como fantasmas inexistentes, como as serpentes sem realidade própria. Todo nome e forma

podem ser definidos como um sistema ou um campo fechado de informação, aonde as fronteiras do campo delimitam sua extensão e estimulam a aparição de outros campos. Assim, todo campo fechado de informação, pelo próprio ato de ser fechado, é ilusório. O campo fechado existe, claro que sim, como a serpente, mas somente através de um processo mental que transpõe o ilusório como real, ou seja, mediante *agnana*, ignorância.

Os campos fechados fluem em um contínuo espaço-temporal que os diferencia e cataloga. Um campo fechado é uma ideia, semelhante a uma pedra. Os campos fechados se distinguem como sequências mentais que aparecem e desaparecem uns após os outros. Os campos fechados evoluem no meio temporal e se modificam no espacial. Qualquer coisa que possa ser definida por nome e forma é um campo fechado. Evidenciamos um campo fechado para diferenciá-lo de um campo aberto. Enquanto que os campos fechados são ilusórios, mayávicos, e gerados pela ignorância, *agnana*, estabelecida no raciocínio egóico, os campos abertos indicam um aglutinamento de informação sem fronteiras, isto é, a soma ilimitada, infinita e simultânea de informações que emergem de maneira prática ao nível da Meditação.

Toda percepção individual ou todo campo de informação fechado ou todo sistema de informação dual, leva inerente uma apreciação ilusória ou mayávicos, devido a que o campo se experimenta mediante frações cognitivas sequenciais no tempo e no espaço. No instante em que percebemos um sistema ou a um campo fechado de informação, existirá além desta fronteira informações que desconhecemos; no preciso momento que percebemos um bosque se suprime da percepção o céu, junto como tudo mais que está além da fronteira visual ou auditiva. Buscar experimentar o bosque nos aproxima a detalhar sequencialmente cada um dos matizes que ele apresenta. *Maya* apresenta atributos de realidade a uma percepção que não é completa nem simultânea, pois o resto do universo de desconhece.

No entanto, o campo fechado, sem importar as fronteiras a que ele está submetido, pois se modificam a cada instante segundo seja a percepção, permanece como real ao perceptor graças a que a mente experimenta infinitas simetrias ou ilimitadas probabilidades ao conhecer. Toda modificação operante em um sistema fechado, tal como o analisamos no *sloka* anterior, se equilibra sempre mediante a aparição de *karma* e *maya*.

A não-dualidade que se experimenta como atividade cognitiva que surge na Meditação é uma “multisimetria”, devido que ali todas as potenciais simetrias ou probabilidades de saber se experimentam simultaneamente. Na não-dualidade o universo inteiro é conhecido em todos seus infinitos detalhes que o compõe, isto é, a Consciência conhece o universo e o universo não é mais do que a substancialidade da Consciência.

Resumindo, se faz evidente de que o ato de perceber uma informação a partir do âmbito dual implica em deixar de perceber todas as informações restantes, ou seja, o complemento deste campo fechado de informação. Desde o ponto de vista epistêmico, a percepção Real será aquela que englobe o conjunto de informações existentes em todo o universo de forma onipresente e simultânea, pois esse conjunto é o único que usufrui da estabilidade absoluta inerente ao Real. *Maya* é um modo de percepção aonde se observa como sendo real a cognição individual, aquela que exclui o complemento dessa percepção e que impede, assim, de conhecer o que se É.

O atributo de ser uma ilusão não faz referência a uma suposta inexistência do que se percebe, mas sim ao fato de ficar velada toda a informação complementária a que se está percebendo. Por isto geralmente se afirma que o ser humano está imerso em *avidya*, ignorância, porque habitualmente se assume como válido algo que, ao ser conhecido gera desconhecimento do complemento deste mesmo algo.

Gnana é a compreensão da força de “existir” que impregna as coisas que se conhecem. Quando se mescla a força de Ser as coisas conhecidas, então se gera uma Compreensão.

Essa exaltação que aparece quando passamos de “conhecer” um evento a “compreendê-lo”. Muitas vezes passamos rapidamente repetidas vezes sobre um evento e o conhecemos até que emerge uma compreensão do mesmo evento. *Gnana* é a presença de Ser na cognição, quando que *vignana* é a força da própria Consciência que reconhece aos objetos existindo.

Assim se afirma que, devido a *maya*, o ser humano está imerso na ignorância, na forma de *avidya* e *agnana*. Não é que não conheça ou não compreenda; simplesmente não alcança a experimentar a totalidade da percepção sobre o que se conhece, não pode reconhecer a “multisimetria” não-dual que é a sustentação de qualquer percepção dual.

E tudo se deriva como foi apresentado anteriormente, da introdução na percepção do sentido volitivo, do eu, que permite a existência de nome e forma diferenciados. A saída do conflito se encontra na simplicidade da inibição desse sentido volitivo, através da continuidade perceptiva sem esforço diante de qualquer evento que acontece no momento presente.

A continua percepção do aqui e do agora elimina qualquer simetria individual, ou seja, elimina *maya*, *avidya* e *agnana*, para que assim se possa emergir a percepção da “multisimetria” ou não-dualidade. Esta experiência total, simultânea e onipresente do universo conhecendo-se a si mesmo denomina-se de *Nirvikalpa samadhi*.

As implicações práticas das afirmações prévias são avassaladoras. Deixa de se ter sentido o esforço por alcançar a liberdade ou por encontrar o arcano supremo que nos outorgue a paz. A saída é a compreensão que se deriva de toda percepção continua que se estabeleça sob qualquer simetria. Todo problema ético, epistemológico ou metafísico se resolve de uma só taca-da: a solução é viver! Trata-se de aproveitar a própria condição da existência e da atenção que estão fluindo exclusivamente no aqui e agora.

SLOKA 6

“O mundo do samsara, cheio de apegos, aversões e dualidades é como um sonho: parece ser real tanto tempo quanto nos mantenhemos dormindo, mas apresenta-se como irreal ao despertar”.

O termo *karma* sugere a presença de um futuro na ação que se realiza em um instante qualquer. Geralmente o ser humano projeta-se ao futuro buscando o fruto da ação que cotidianamente realiza. Uma ação realizada gera *karma*, ou seja, cria relação com a consequência, quando esta ação física ou mental se realiza com desejo de fruto e com sentido egoístico. Quando falamos de sentido egoístico nos referimos a sua aceitação cognitiva e não ética, ou seja, com a presunção de que exista sentido de individualidade, de ser proprietário ao se realizar a ação.

O que o *karma* transpõe da ação para sua consequência é o enredo egóico. O ato de realizar uma ação e projetar uma meta nos projeta na própria meta. Assim como o eu deixa uma pegada histórica de si mesmo no passado, igualmente o *karma* gera uma pegada de eu para o futuro. A consequência mais interessante do *karma* é a contínua permanência de sentido de eu. Assim, o eu do passado se prende com o do futuro criando o encadeamento da individualidade. Nos vemos como sendo indivíduos contínuos porque mentalmente somos o resultado de nossos próprios anseios. A consequência do *karma* é a crença mental de que o “eu” é uma continuidade.

Quando o corpo morre e se decompõe em seus elementos essenciais, a ideia de eu permanece na mente, fração que não se decompõe devido a sua natureza sutil. A morte se parece ao sonho, razão pela qual na mitologia grega se atribuía um parentesco de irmãos a Hipnos e Thanatos, sonho e morte, respectivamente. As tendências inacabadas existentes na mente obrigam a que a entidade sutil mental seja impelida a tomar novamente um corpo físico, com o propósito de experimentar as consequências dos anseios originados previamente em vidas passadas.

No final ocorre algo paradoxal; o *karma* induz as forças da natureza¹⁰ a agir construindo um veículo físico adequado aos anseios prévios, mas quando eles se saturam, por sua vez mais geram a si próprios. Assim a vivência dos *karmas* induz a aparição de novos, algo que se converte em um ciclo vicioso. Finalmente o “eu” aparece nascendo e morrendo uma vez atrás outra, impulsionado pelas tendências, pelos anseios, pelos desejos não concluídos de vida após vida. A este movimento cíclico ininterrupto de nascimento e morte geralmente chama-se de *samsara*, e se representa como uma roda que gira sem parar através do tempo.

Nos *slokas* anteriores, apresentamos que a mente funciona produzindo inumeráveis simetrias baseadas nas múltiplas informações que constituem cada evento conhecido. A mente está sujeita a perceber nomes e formas, compará-las e emitir julgamento de valor quando há coincidências com alguns conceitos da memória. No entanto, cabe questionar: se as probabilidades de que a mente assuma uma forma ou um nome específico são infinitas, porque experimentamos percepções humanas tão parecidas? Se a realidade é um incessante e ilimitado oceano de probabilidades mentais, Como percebemos coisas tão semelhantes em condições que podem ser tão diversas?

A resposta é apresentada pelo fato de que a percepção dos seres humanos está condicionada por seu *karma* individual e pelo *karma* coletivo. A “coletivização” do *karma* faz com que sejam permitidas simetrias associadas a experiências semelhantes; devido a isto, todos veem o mundo sob determinados parâmetros comuns.

O *karma* individual da estrutura e forma ao corpo físico, a qualidade e condições aos sentidos e órgãos em funcionamento, a mente e a forma específica da ação emocional e mental. O *karma* coletivo outorga reações grupais que determinam a estrutura física e mental, junto como todos aqueles

10. São a diversificada coletividade dos *devas* que coloca em movimento as engrenagens que provê a aparição do corpo físico.

comportamentos em situações coletivas no nível de família, raça, cidade, país, etc.

O *prarabdha karma*, ou seja, conjunto de ações-consequências que se desenvolvem ao longo da vida, desde o nascimento até a morte, pode apresentar-se como individual ou coletivo, tal como se explicou no parágrafo anterior. O *karma prarabdha* estabelece certo grau de denominadores comuns em nossos sistemas físicos enraizados na presença da genética ou nas condutas coletivas mediante costumes grupais. Estamos programados para responder sob simetrias de conduta que são semelhantes e por isto vemos o mundo se forma parecida, pois os parâmetros sob os que se configuram nosso corpo físico, energético e mental são altamente semelhantes em função do *karma prarabdha* estabelecido antes do momento de nascer.

Nossas respostas físicas e mentais as ações cotidianas que realizamos estão sempre sujeitas aos condicionamentos genéticos e culturais que assumimos como válidos em função de nossas próprias tendências inatas. Vemos a dor de uma maneira e encaramos a felicidade de outra também pessoal. Não somos livres de reagir: nossas tendências, nossos *samskaras*¹¹ nos obrigam a interpretar o mundo de uma maneira peculiar. Por isto o *samsara*, como roda de mortes e renascimentos, é o final da dualidade: um universo sempre em mudanças, em evolução, que tende a um aperfeiçoamento ainda desconhecido, nele é apenas possível mover-se entre os opostos de prazer e dor.

Estar submergido nesta continua mudança, sem poder encontrar uma solução a esta impermanência é como dormir sem notar que o universo onírico apenas existe na mente do sonhador. Enquanto o sonho da dualidade perdurar graças a ignorância do indivíduo, o universo se vê como real graças a *maya*, tal como os eventos do sonho eles aparecem como sendo reais para quem dorme. No entanto, basta uma correta cognição para revelar o mistério da ilusão e do sonho; basta despertar

11. Termo sânscrito que representa ao conjunto de tendências firmemente estabelecidas que modelam nossas respostas cotidianas, nossas preferências e necessidades.

para a vigília ou, semelhantemente, experimentar a não-dualidade para notar que o universo não são frações, mas sim um contínuo infinito de realidade simultânea e onipresente.

SLOKA 7

“O samsara parece ser real tanto tempo quanto o Brahman não-dual, que é a base consciente e substancial de tudo o existente, permaneça incompreendido. Isto é semelhante a ilusão de se ver o metal prata em uma concha de ostra”.

Relacionar o que É com o que não é, ou seja, enquanto busca-se descrever uma Realidade que subjaz através do que aparentemente se vê como sendo real, requer explicações mediante uma linguagem o mais natural e simples possível, o que cria uma dificuldade pedagógica que em princípio é quase inevitável.

Hoje em dia contamos com conceitos como “simetria”, “multisimetria”, “probabilidade”, “holograma”, “informação”, etc., originários das investigações da física quântica ou clássica, que resultam serem ferramentas teóricas maravilhosas para manejarmos na transmissão de conceitos metafísicos. Mas desde milênios o ser humano busca destravar a busca do fundamental e para ele tem tentado desvendar o metafísico mediante uma linguagem proverbial, o que o faz verdadeiramente inteligível. Aqui temos a maestria de *Sankara* e de outros expositores antigos para resolver diante metáforas naturais, que as vezes inclusive exalam um certo aroma poético, o dilema pedagógico que se supõe buscar fazer transcender a condição da cognição comum e aproximar o buscador ao entendimento do aspecto metafísico da realidade.

Esta maestria apenas pode estar sustentada em uma preparação cognitiva e uma exercitação pedagógica de tal forma que possa surgir de forma natural, exemplos como o clássico da corda e a serpente, a concha da ostra e a prata, a aparente mobilidade da lua na noite, ou quando as nuvens se movem para dar passagem ao sol, e outros exemplos destinados a induzir a compreensão final.

Sankara faz uma coleta de metáforas magistrais para aproximarmos a um saber além da experiência mental comum. Busca descrever que o Real está muito próximo, mas escondido sob um tênue vel, como este se apresenta na falsa percepção noturna de se ver a uma concha de uma ostra e assumir a existência do metal prata. O Real abunda em todos os lugares, mas ninguém o vê, jamais se detecta. Nenhum argumento lógico desmascara o Real e, no entanto, parece estar ao virar da esquina. É frustrante para o aspirante como o essencial está tão próximo e por sua vez, distante. Se lhe propõe milhares de tarefas purificadoras para o tão desejado encontro, mas nenhuma delas parece ter um feliz termino na união o divino. Assim, se apresentam condutas éticas para implementar a aproximação com o absoluto; se estipulam exercícios yoguicos que requerem de grande força de vontade para o alcance do encontro; nada, nenhum parece ser um caminho claro a experiência de uma Realidade não-dual que se esconde sem saber onde.

Sankara estabelece que não é a realização de nenhuma ação que conduz a Liberdade. Não é no terreno ético aonde se propõe uma saída ao encontro com o fundamental. Basta uma correta cognição para desvendar o mistério. Uma correta cognição implica em ver o mundo que acontece com a intensidade de quem está apaixonado ou de quem espera a morte certa, a intensidade da surpresa total. Experimentar o presente, o aqui e o agora como sendo a única opção de vida, se converte no arcano que ninguém detecta. Basta observar qualquer evento sob a luz de uma atenção firmemente sustentada no presente para que este se revele como o objeto percebido e simultaneamente, como seu complemento cognitivo.

Existe um exemplo muito simples que a maioria dos leitores seguramente tem realizado. Referimo-nos ao “olho mágico”, uma serie de laminas desenhadas em muitas cores e em duas dimensões que escondem a tridimensionalidade de objetos que a primeira vista é impossível de detectar. Se aconselha, para detectar estes objetos tridimensionais, aproximar os desenhos

bidimensionais aos olhos e ir distanciando lentamente; assim, de um momento a outro salta uma figura escondida entre as cores. Existe quem uma e outra vez busca sem saber descobrir as formas tridimensionais que se escondem diante a desordem do colorido. Ali ocultas estão as figuras tridimensionais e basta uma correta percepção para detectá-las. De semelhante maneira ocorre com o Real: sempre está ali, mas o olhar cheio de eu impede de descobrir que tudo é tudo, que tudo está em todas as partes, que não existe diferenciação essencial no universo, que tudo tem sido, é e será.

Quando finalmente se revela o Real, a surpresa de notar que o universo é a prolongação de mim mesmo se faz notória. A visão percorre lugares distantes no espaço e no passado sem perceber movimento algum de distância ou tempo. A Consciência brilha por toda parte ressaltando a existência e afirmando a compreensão de um universo sempre contínuo e sem limites. Isto é *Brahman*, o Real, a experiência total, a causa sem causa de Si Mesmo.

SLOKA 8

“A percepção das múltiplas e diferenciadas “formas” existe exclusivamente na mente de quem percebe, sendo seu substrato o eterno e todo abrangente Vishnu, cuja natureza essencial é Existência e Consciência. “Nomes” e “formas” são como as pulseiras e braceletes, e Vishnu como sendo o ouro”.

O que *Sankara* busca sempre demonstrar é que a Realidade é uma essência imutável e que se expressa como Consciência, o impulso de saber. Nossa percepção é uma modalidade de informação em constante transformação. Esta percepção apenas se manifesta na mente do perceptor como diferenciada e impermanente devido a intromissão do eu na cognição.

Assim, as “múltiplas e diferenciadas formas” das que fala o *sloka* são próprias de um tipo de cognição dual que implica o sentido de *ahamkara*, de individualidade. A partir da perspectiva

egóica, o universo é uma infinita coleção de eventos individuais com sentido de realidade próprios. Esta coleção de eventos é representada genericamente através da presença dos inumeráveis nomes e formas com que a mente é capaz de recordá-los.

O *sloka* nos recorda uma vez mais a evidência de que o problema da percepção comum tem como raiz a impossibilidade de perceber de forma simultânea as informações que fazem parte de um campo e de seu complemento. Diante de qualquer nome e de qualquer forma que a mente possa detectar, se é impossível relacioná-la de maneira simultânea com os restantes. A atividade de relação onipresente e simultânea da informação, apenas é possível mediante a experiência não-dual; esta experiência requer necessariamente a diluição da atividade egóica, mas não a diluição da mente.

Não se nega a percepção dos nomes e das formas representadas por esta cognição dual. Simplesmente, qualquer simetria cognitiva mostra uma fração da realidade; no entanto, o *vedanta* afirma que em essência toda fração está intrinsecamente relacionada com as restantes. A impossibilidade de experimentar cognitivamente tudo em tudo, ou o tudo em todas as coisas leva a que a mente ofereça uma representação sequencial e dialética semelhante a que o ser humano comum experimenta e sobre a qual desenvolve sua forma particular de cognição, com a qual morrerá antes de poder conhecer a verdade.

Na atividade dual, que é comum ao ser humano, emerge o chamado “mecanismo dialético”, em função da qual todo o evento percebido requer de ser contrastado com outro previamente conhecido e instalado na memória. O evento percebido (tese) se contrapõe a outro armazenado na memória (antítese), e quando se dá a equiparação e coincidência, aparece o julgamento ou a sínteses cognitiva que produz o saber. Dado que este processo sempre se dá mediante a contraposição de nomes a formas e vice versa, se requer e um processo sequencial, semelhante ao usado por qualquer computador para ler um arquivo ou localizar um endereço na memória de um disco rígido.

A mente está formatada e desenhada para realizar julgamentos sequenciais e intelectivos associados a nomes e formas, mas também existem processos mentais que oferecem outras formas de cognição associadas aos estados não-duais de Consciência denominados de Concentração e Meditação. Quando no processo dialético não apresenta relação de uma forma com um nome ou de um nome com uma forma, não se expressa a capacidade sintética. Por exemplo, se o leitor ao ler o nome “nuvem” associar a ideia da forma que possui na memória e a contrapor, pode definir que a forma corresponde ao nome associado. Igualmente, se o leitor recordar a forma visual de um tijolo e expressar o nome deste, então existirá uma relação entre ambos que permite um saber válido que relaciona o nome a sua forma. Mas se solicito ao leitor que recorde um “riox de intercalação” seguramente não poderá com sua memória encontrar esta forma associada, devido a que a contraposição tese-antítese não se realizará e não existirá um julgamento final sintético.

Devido a que nossa mente está feita para julgamentos dialéticos, para simetrias cognitivas aonde apenas operam relações sequenciais de nomes e formas, se apresenta um dos problemas chave: nossa mente é altamente ineficiente para a compreensão de qualquer realidade na qual operam processos cognitivos associados a atividade simultânea.

Quando nos explicam, por exemplo, que as considerações metafísicas relativas a *Brahman* não-dual como sendo a sustentação Real do existente, se torna muito complexo de entendê-la, porque facilmente tendemos a pressupor que nosso universo e *Brahman* são entidades diferentes, quando na verdade são simultâneas e não-diferentes, isto é, apenas existe uma Realidade não-dual.

É aqui aonde se evidencia a pobreza e a limitação do modelo dialético mecanicista no qual se baseia nossa interpretação da realidade. Vemos o mundo como sendo real e ao mesmo tempo, entendemos que existem razões para concluir que tem que existir adicionalmente outro “mundo” Real que sustenta

o impermanente. Nessa dicotomia nos perdemos, pois nosso sistema mecanicista não permite a convivência simultânea de ambas às realidades; uma das duas: ou descartamos um dos mundos ou definimos equivocadamente que a chave está em como se é possível “viajar o eu” de um ao outro.

O *vedanta* apresenta que não é necessário abandonar a nada. Basta sustentar na percepção de qualquer simetria dual nenhum tipo de esforço volitivo, aproveitando o fato que toda simetria possui em essência na condição da “multisimetria” que a gera. Assim, pois, dada a simultaneidade “Ser e não-ser” que subjaz em toda simetria, podemos apressar qualquer das duas vertentes em função de qualquer que seja o modo de percepção que alimentarmos.

Devido a isto *Sankara* afirma no texto: “A percepção das múltiplas e diferenciadas formas existem exclusivamente na mente de quem as percebe”. O sentido de individualidade do perceptor faz com que nasçam diversas simetrias e um universo associado a esta percepção, aonde os entes diferenciados se mostram impermanentes. O que é o que não é impermanente em qualquer simetria associada a qualquer modo de percepção? A “. Existência e a Consciência como natureza essencial”, tal qual o descreve a *sloka*.

Desta maneira, o *vedanta* afirma: se você perceber de maneira sustentada qualquer simetria, sem interpor sentido de “eu” nem associar nome e forma a percepção; então reconhecerá que todo sentido de diferenciação se desmonta, desaparece, para terminar por apresentar-se na “multisimetria” não-dual que é sua origem; notará que em todos os universos, em todas as simetrias por onde previamente viajou sempre esteve acompanhado por Aquilo que É o Real expressado como o Don da Existência e o Don da Consciência.

É *Vishnu* que representa justamente esta condição do Real. A divindade sentada na cadeira de lótus e resguardada pela grande serpente *Ananta* é quem representa a *Brahman* não-dual, como Essência, Conhecimento e Bem-aventurança Absolutas.

SLOKA 9

“O oni-abrangente akasha parece ser limitado devido às diversas formas nele contidas e por serem experimentadas como sendo distintas das outras, mas o akasha torna-se sendo não-diferente diante da destruição do sentido de limite contido nas formas mentais. Semelhantemente, estas formas (upadhis) delimitadas mentalmente por “nomes”, fazem perceber a Brahman não-dual como diverso, mas Brahman surge finalmente como sendo uma realidade não-dual mediante o ato da atenção sustentada nos mesmos upadhis diferenciados”.

Sankara inicia fazendo uma referência a *akasha*, que é um dos cinco *tatvas*¹² primordiais ou sutis que fazem parte dos inícios da matéria no processo de desenvolvimento do universo. A partir da perspectiva do *vedanta*, em seu desenvolvimento cosmológico, apresentamos três tipos de matérias existentes que por sua vez geram três regiões de vida; são estes o mundo causal, o sutil e o físico. O mundo causal é uma região cuja matéria básica é formada pelas *gunas*¹³ ou qualidades da matéria que permanecem ainda sem misturarem-se; corresponde ao mundo de *Ishvara*, o deus criador e inteligência que rege o *karma* do universo inteiro. Quando as *gunas* se entre mesclam em si, graças a inteligência ativa do próprio *Ishvara*, nasce outro mundo sutil¹⁴. Este mundo sutil está formado pela mescla das três *gunas* em estado causal e formam os cinco elementos sutis. Estes elementos sutis constituem a mente coletiva (*mahat*) e a

12. *Tatva* é uma expressão que denota certa categoria de matéria. Assim, os *tatvas* são: *akasha*, *vayu*, *agni*, *apas* e *prithivi*, os cinco elementos (éter, ar, fogo, água e terra, respectivamente). Perceba que se chamam semelhantes aos elementos densos e que os sutis e eles causam confusão ao leitor não habituado.

13. *Guna* se traduz como “atributo”. Talvez o mais parecido a este conceito seja o que chamamos de “informação”. *Guna* é uma qualidade de matéria que, ao entre mesclarem-se com similares, oferece potencialidade de vida, semelhante a informação que ao entre mesclarem-se induz em energia, matéria ou qualquer outro tipo de substância. Para se aprofundar nestes conceitos aconselhamos o livro “Quântica & Meditação”, *Sesha*, editado pela AFVAS, Espanha, agosto de 2012. (www.vedantaadvaita.com).

14. Também chamado *hiranyagarbha* ou “ovo cósmico”. Este mundo é sutil, semelhante a matéria constitutiva das ideias ou do *prana*, vitalidade que desprende o sol.

individual (*antakarana*); que por sua vez formam o mundo energético ou prânico individual e coletivo. Estes cinco elementos sutis, por sua vez, se entre mesclam através de um processo denominado panchikaranam, ou quintuplicação, dando nascimento aos cinco elementos densos. Estes elementos densos serão por sua vez a base substancial constitutiva dos objetos densos do corpo humano e do universo¹⁵.

Akasha se traduz como “éter” e possui duas variantes, dependendo se há referência a sua representação em estado sutil ou denso. Se for *akasha* em estado sutil, fazemos referência a uma substância permeável e sutilíssima que favorece a possibilidade de que nasçam nele os demais objetos. A água induz o nascimento de todo tipo de vida orgânica; por exemplo, a sua umidade favorece a aparição de moldes; também produz chuva, oceanos e mil coisas mais. *Akasha* é um material que, diferente da água, favorece a presença da vida sutil em qualquer uma das condições que este se apresente. *Akasha* é o sustento espacial das ideias e das emoções, semelhante como é o espaço, o substrato que sustenta os volumes, assim *akasha* é o sustento dos materiais e das formas ideais. Quando *akasha* faz referência aos mundos densos, tem a ver com o som, com a vibração como atividade presente em toda a matéria. Deste modo, quando *Sankara* usa um comparativo a *akasha*, busca expressar que a Consciência Absoluta contém todas as coisas, semelhante a que o incomensurável *akasha* contém espacialmente a criação sutil e densa.

Por outra parte, denomina-se de *upadhi* a todo sistema particular ou individual. *upadhi* é sinônimo de individualidade, mas a usamos com uma conotação mais estrutural. Por exemplo, *upadhi* é o corpo físico, uma montanha, um objeto qualquer ou qualquer sistema independente que possua substância, inclusive ao próprio indivíduo ou qualquer de suas partes. Todo *upadhi* pode ser expresso mediante nome e forma. Todos

15. O corpo denso do universo geralmente se denomina de *virat*; o corpo físico humano se chama *stula sharira* (corpo físico), *anna maya kosha* (corpo ilusório de alimento), *chaya* (sombra), e de muitas maneiras mais.

os *upadhis* estão distribuídos em “oni-abrangente *akasha*” e se percebem diferenciados uns dos outros apenas a partir da perspectiva de outro *upadhi* chamado “eu”.

Os *upadhis* formam toda simetria cognitiva, e que são instáveis e impermanentes. As fronteiras que delimitam um *upadhi* jamais, em nenhum deles, se mantêm. O devido a impermanência, instabilidade e fugacidade do *upadhis* que cedo ou tarde as pessoas terminam fadadas a evidenciar o caráter ilusório da percepção.

Os *upadhis* evoluem em função da mudança que sofrem as fronteiras que os constituem. Assim, pois, carece de sentido apresentar perguntas sobre a origem do universo. O sentido de tempo e espaço acontece exclusivamente na mente de um perceptor que detecta *upadhis* diferentes uns dos outros. A situação é semelhante ao que acontece em um sonho enquanto dormimos. Note o leitor que o sonhador pode perguntar-se sobre a origem do universo que experimenta, pois detecta como sendo real enquanto dorme. Pode apresentar o sonhador o nascimento do universo a partir de um Big Bang ocorrido a treze milhões de anos? Sim, com certeza. No entanto, ali as coisas são na medida em que o sonho representa a percepção. Ao despertar, qualquer pergunta sobre a origem deste universo onírico realizado no próprio sonho carece de sentido, é completamente fútil. Nunca nada nasceu; e mais, jamais realmente nada evoluiu, nem sequer nada realmente morreu, apenas foi a mente experimentando um mundo sob certos cânones que favoreciam a presença de um universo particular.

Os *upadhis* são tão reais como qualquer evento de um sonho enquanto se dorme, ou tão válidos como em ver a uma serpente inexistente, por falta de uma correta cognição, ao observar a uma corda enrolada no caminho, ou seja, são reais e ilusórios por sua vez. A solução ao problema do que é Real não tem saída se buscarmos encontrar um tipo de categoria especial de *upadhi*. A solução válida implica em estabelecer uma forma de cognição aonde todo *upadhi* e os restantes existentes possam ser experimentados de maneira simultânea e onipresente. Esta atividade

cognitiva que revela esta opção denomina-se de “não-dualidade”. Ali o perceptor do universo, que é a própria Consciência. Não se diferencia da substância universal que experimenta. Um *upadhi* é simultaneamente ele mesmo e os restantes; experimentar esta afirmação implica em desdobrar o marco espacial-temporal e criar um contínuo como a base essencial da compreensão e do saber. O marco de desenvolvimento deste novo marco de cognição se denomina de “não-dualidade”. O nome com que a tradição *vedanta* expressa a Consciência conhecendo-se de forma simultânea e onipresente no universo inteiro denomina-se de *Brahman*. *Brahman* se assume como a Realidade não-dual Absoluta, é Consciência, Existência e Bemaventurança Absolutas.

SLOKA 10

“Devido a incessante atividade mental do perceptor, possuidor de consciência individual, os diversos upadhis (formas diferenciadas) como casta, cor e etapa de vida são sobrepostos ao Atman tal como o sabor e a cor podem sobrepor a água”.

Temos definido *upadhi* como sendo todo evento que é percebido sob a condição de nome e forma, seja em modo particular ou coletivo (por exemplo, árvore e bosque). Sinônimos da palavra *upadhi* são “campo”, “sistema”, “evento”, “variável” e inclusive “coisa”.

Se observarmos desatentamente a um piso de madeira se notará contido em um nome e uma forma a informação “tábua”; mas se somos minimamente rigorosos notaremos que esta informação inclui implicitamente a classe da árvore da qual se originou. A seiva que fluiu por ela, a água que absolveu enquanto crescia, o sol que lhe deu energia e assim, por extensão, chegamos a afirmar que esta ilusão possui infinitas informações que não detectamos a primeira vista. Isto igualmente ocorre da mesma maneira com qualquer campo de informação ou sistema de percepção que determinemos. Sendo assim, toda informação está constituída por infinitas

informações, todo campo de realidade que se possa experimentar possui essencialmente infinitas informações.

No entanto, todas as infinitas informações geram uma condição que um sistema qualquer venha a ter uma natureza essencialmente probabilística. A mente, ao recordar, escolhe um nome ou uma forma associada a percepção, deixando as restantes sem detectar. Antes de recordar, todas as coisas estão em todas as restantes. Antes de pensar tudo é tudo, ao introduzir a vontade, ao ingressar o sentido de apropriação da percepção mediante o eu, o universo se realinha convertendo-se em um universo sequencial e dual.

Desde a perspectiva psicológica, a tendência probabilística da mente se acentua formando respostas na forma de hábitos. Ou seja, embora humanos somos diferentes entre nós, certamente esta eleição não é aleatória; de fato, podemos observar que esta escolha está determinada por uma operatividade psicológica condicionada por elementos que provê o *prarabdha karma*, chamamos de *samskaras* os hábitos condicionantes.

Os *samskaras* são, pois, as tendências predominantes através dos quais começam a florescer simetrias cognitivas permitidas. Os *samskaras* básicos são muito poucos e isto fazem com que os modos de percepção que normalmente se dão nas pessoas sejam altamente semelhantes.

Isto, no entanto, parece contradizer a grande variedade e riqueza de experiências e comportamentos que se dá no existir humano. O que ocorre é que essas condições psicológicas básicas expressam-se em inumeráveis simetrias, as vezes são muito diferentes entre si, tanto que podem chegar a parecerem opostas. Por exemplo, uma criança que possui um forte impulso natural a ação, ao movimento, pode desenvolver, se lhe castiga ou reprime com dureza, a tendência oposta, e assim esta criança converte-se em uma criança contida, retraída, sendo pois, uma mesma condição psicológica de base a que impulsiona ambas as tendências. Por sua vez, estas gerarão simetrias sucessivas e sobrepostas, que poderão ser

psicologicamente integradoras ou não em função do grau de compreensão do próprio indivíduo e/ou de seu meio.

De qualquer modo, e da maneira como apresentamos, essas condições psicológicas básicas estão determinadas pelo *prarabdha karma*, e são estas que determinarão alguns modos de percepção e não outros. A saída para todo ser humano, sem importar que condição mental tenha lhe proverá o ato de permanecer atento ao evento que o momento presente permite, pois, desde aí toda percepção tende a migrar a outra dotada de maior estabilidade, basta conectar-se a suprema estabilidade da percepção não-dual. Esse caminho para decifrar as sucessivas camadas que, como diz o *sloka*, são sobrepostas ao *Atman*.

SLOKA 11

“O corpo denso, provido de karma, é consequência das ações passadas e está formado pelos cinco grandes elementos sutis, que se tornam densos quando a metade de um dos elementos sutis se une com a oitava parte de cada um dos outros quartos. O corpo denso é chamado de “sede” da experiência do prazer e da dor”.

O *vedanta* adota grande parte de sua cosmologia da escola *samkhia* e a reproduz assumindo assim a sua validade. Porém o *vedanta* se diferencia da *samkhia*, por ser um sistema exclusivamente metafísico, pelo qual lhe dá pouco interesse aos processos evolutivos da matéria. *Sankara* estabeleceu, em concordância com as categorias da matéria que constitui o universo, três diferentes regiões que unidas formam todo o existente; elas são:

1. O universo causal.
2. O universo sutil.
3. O universo denso.

Estas três imensas regiões ou *upadhis* são as primeiras três simetrias cosmológicas que emergem associadas ao mundo da não-diferenciação. “Sobre” destas simetrias se encontra a *Brahman* não-dual. As categorias da matéria destes três universos

diferem em ordem de complexidade devido as contínuas mesclas entre os elementos primários denominados de *gunas* ou qualidades da matéria. Assim, em cascata, se vão produzindo novas substâncias que, por sua vez, servirão de base a diversas simetrias materiais.

Denomina-se de *manvantara* o processo de nascimento e desenvolvimento do universo em toda sua extensão; este desdobramento vai seguido de um processo inverso de recolhimento chamado *pralaya*¹⁶. Esta “respiração de *Brahman*”, este nascer e morrer constante e contínuo de universo após universo traz consigo o nascimento das divindades ou inteligências que regem as condições de tudo o que é existente. Estas divindades poderiam assemelhar-se ao que chamaríamos de “a inteligência das forças da natureza”. Imagine o leitor se as quatro forças fundamentais, a forte, a fraca, a eletromagnética e a gravitatória, tivessem um símbolo com o qual pudéssemos representá-las e adorá-las. Estas forças primárias, que são inerentes em toda a manifestação, são desde a perspectiva da ciência processos operativos que dão sentido e ordem a criação. Desde a visão *vedanta*, para as primeiras forças que impulsionam o surgimento da natureza se a outorga o Don de serem inteligentes¹⁷; operam de forma semelhante em todo o universo e são representadas mediante aspectos simbólicos que ressaltam a majestade e a universalidade de sua natureza.

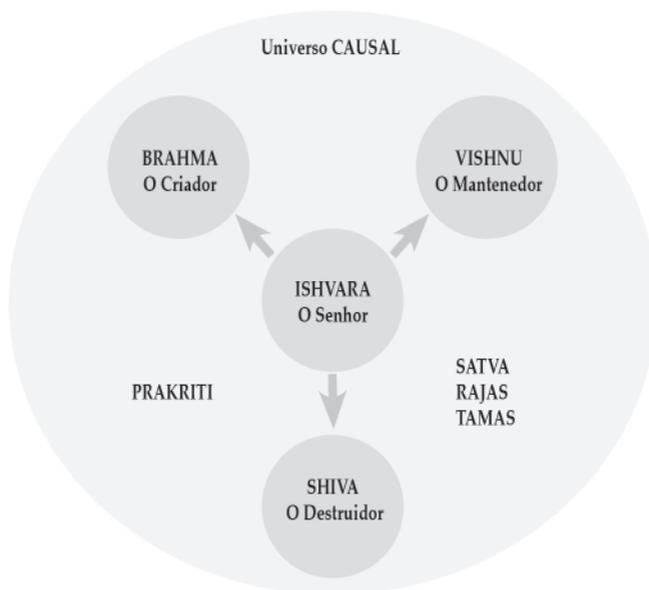
Assim, os *karmas* inacabados do anterior universo dão passagem, depois do sonho cósmico, *pralaya*, ao impulso e movimento

16. Correlativamente poderíamos associar o processo de *pralaya* ou sonho cósmico com o Big Crunch, o processo que a ciência assume como sendo o possível colapso do universo, no caso de que os buracos negros absorvam e agrupam a matéria em algum lugar sem dimensão espacial alguma.

17. O universo causal está regido por uma inteligência denominada de *Ishvara*, o Senhor. A esta atividade universal se lhe outorga o Don de ativar o *karma* inacabado do anterior universo e pôr em movimento as forças que recriam a vida a todo nível. *Ishvara*, por sua vez, se representa através da trimurti *Brahma*, *Vishnu* e *Shiva*, como forças operantes criadoras, mantenedora e destruidora do universo. As quatro forças anotadas previamente como forte, fraca, gravitatória e eletromagnética podem ser expressas como aspectos potenciais destas três inteligências divinas, pois elas regem os destinos e a natureza de tudo o existente.

material¹⁸ que servirá de base substancial a um novo universo em nascimento, *manvantara*. No estado causal do universo as *gunas* se encontram em quietude, ou seja, sem a própria atividade de entre mesclarem-se; a tal evento geralmente denomina-se na cosmologia *vedanta* como *prakriti* ou *gunas* em estado de repouso. É *Ishvara* a inteligência associada as substâncias que existem no plano causal quem detona a aparição do universo, como se fosse um big bang que dá início a uma realidade que desperta de um sonho milenar.

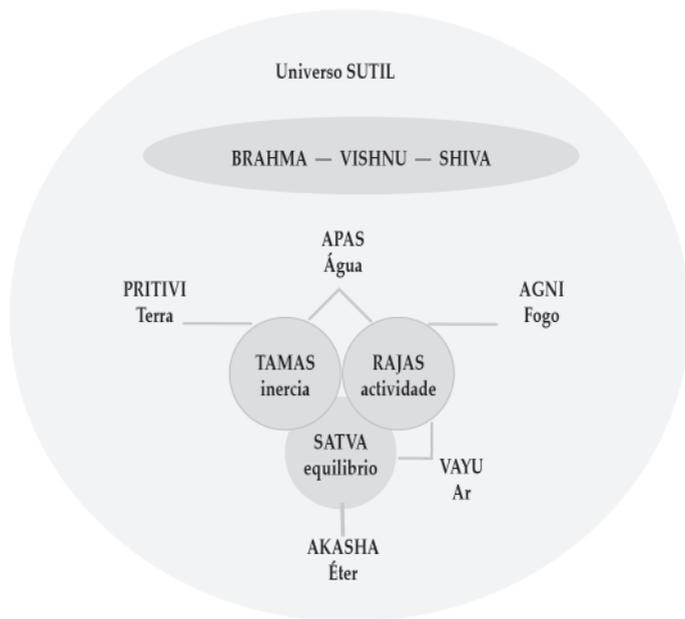
FIGURA 1. O UNIVERSO CAUSAL



18. O material causal que servirá de base substancial pela própria entre mescla se denomina de *gunas* e se traduz como "qualidade primária" ou "atributo básico da matéria". Deve-se entender que a substância *guna* não possui ainda a qualidade densa, como a uma pedra, um quark ou um átomo físico. A matéria *guna* se parece ao que substancialmente se constituem um sonho quando não há imagens nem recordações dele, é matéria nitidamente causal. As *gunas* denominam-se como: *satva*, qualidade equilibrante, *rajas*, qualidade ativa, e *tamas*, qualidade conformadora.

Ao entre mesclarem-se as *gunas*, dão nascimento ao universo sutil. Ou seja, ao combinarem-se e preponderar *satva* nasce *akasha*, éter; ao preponderar *rajas* emerge *agni*, fogo; ao preponderar *tamas*, surge terra, *pritivi*; quando preponderam conjuntamente *satva* e *rajas* emerge *vayu*, ar; quando preponderam conjuntamente *rajas* e *tamas* nasce a *apas*, água.

FIGURA 2. O UNIVERSO SUTIL



O universo sutil está composto de matéria diferente a que se estrutura o universo mensurável que a ciência maneja mediante seu método científico. As substâncias que formam as ideias, os sentimentos, as emoções, as paixões e a vitalidade o *prana*, em todas as suas diversas graduações, são as que fazem parte deste plano. As ideias, como algo similar ao universo arquetípico platônico e a ordem universal que subjaz em tudo, fazem parte desta esfera de realidade. A tradição oriental oferece uma divindade em representação a cada um dos aspectos ativos da

natureza. Realmente, a única diferença entre Oriente e Ocidente é que os orientais adoram, e se surpreendem pela maravilhosa ordem que impera em toda parte e se sentem parte integrante de tudo, enquanto que os ocidentais assumem que são o centro da criação e o único vestígio inteligente da mesma.

Enquanto que o Ocidente apresenta forças descritas mediante as matemáticas e desenvolvidas mediante a física para descrever a ordem da natureza, os orientais tem estabelecido uma divindade conseqüente a mesma ordem que impera nas diversas regiões de existência material, sutil e causal.

As três *gunas* que compõe do universo causal se entre mesclam e formam o universo sutil. A matéria do universo sutil tem como base os agora cinco elementos denominados éter, ar, fogo, água e terra, *akasha, vayu, agni, apas e pritivi*, respectivamente. Estas cinco substâncias, não são as que usamos frequentemente em nossa cotidianidade quando tomamos um copo de água, quando olhamos o espaço ou temos a sensação aérea que nossa pele sente ao detectar o vento. A mente está formada por cinco elementos sutis sob a substancialidade material em que se predomina *satva*. As diversas características da mente ou *antakarana* provêm das imensas graduações de mesclas que existem entre seus componentes, tal como as três cores primárias, que podem nos oferecer uma gama infinita de tons diversos. Nenhum *upadhis* do universo poderá ter uma constituição material pura; todos os *upadhis* serão, desde o instante em que a criação tenha uma mescla infinita de graduações como possibilidades, de informações básicas originadas do mundo causal. Além disso, a graduação de divindades que operam no mundo causal é mais universal que aquelas que fazem parte e controlam com sua inteligência o mundo sutil. Enquanto os grandes *devas* como *Brahma* ou *Vishnu* são parte integrante de um tipo de região de existência especial, os *devas* como *Surya, Ganesha* ou *Kartikeya* serão representantes do universo sutil. Os processos cosmológicos explicados mediante os mitos que as grandes culturas têm formado são parte do processo simbólico em que o universo vai amadurecendo.

**Akasha* provê no universo sutil a possibilidade de que a criação encontre uma dimensionalidade espacial e temporal. *Akasha* se traduz como a “capacidade de conter”; o universo não poderia existir sem um ambiente propício espaço-temporal aonde surge a criação. O material sutil que possibilita a aparição de um universo é o *akasha* ou éter sutil. Imagine-mos o ambiente aonde nasce uma ideia no mesmo momento em que pensamos cores, formas e mil sensações ideais que ocupam o nosso interior. O lugar aonde surge a criação é um espaço vital, primário, absolutamente permeável que permite a existência de toda espécie de substância.

**Vayu* provê o universo sutil a possibilidade de expansão no *akasha* de substâncias que farão parte do próprio universo sutil. Semelhante a um pensamento que abre campo em nosso interior para associar-se a outro, ou da mesma forma que o som se expande no espaço, também a qualidade de *vayu*, ar, que impregna de amplitude a matéria sutil permitindo-lhe expandir-se por tudo e possibilitar uma infinidade de fronteiras a criação. *Vayu* possui as qualidades próprias de *akasha* e se soma as suas próprias de expansão.

**Agni* provê ao universo sutil a possibilidade de movimento na criação que se expande em *vayu* e está contida em *akasha*. *Agni* sutil possui todas as qualidades de *vayu* e *akasha* sutil mais as suas próprias. Note o leitor como uma imagem mental ocupa¹⁹ um lugar interior, além disto, se expande²⁰ em um espaço específico gerando umas fronteiras e também usufrui do movimento próprio de *agni* neste espaço.

**Apas* promove no universo sutil um princípio de adaptabilidade a criação que já possui atividade. Sem a matéria não se poderia adaptar como faz a água em um molde, não se poderia definir contornos e fronteiras entre os próprios objetos sutis. Assim, graças a adaptabilidade de *apas*, o movimento cobra um ritmo que oferece uma fugaz unidade,

19. Qualidade proveniente do *akasha* sutil.

20. Qualidade proveniente do *vayu* sutil.

tal como uma onda que momentaneamente se diferencia da seguinte que a persegue.

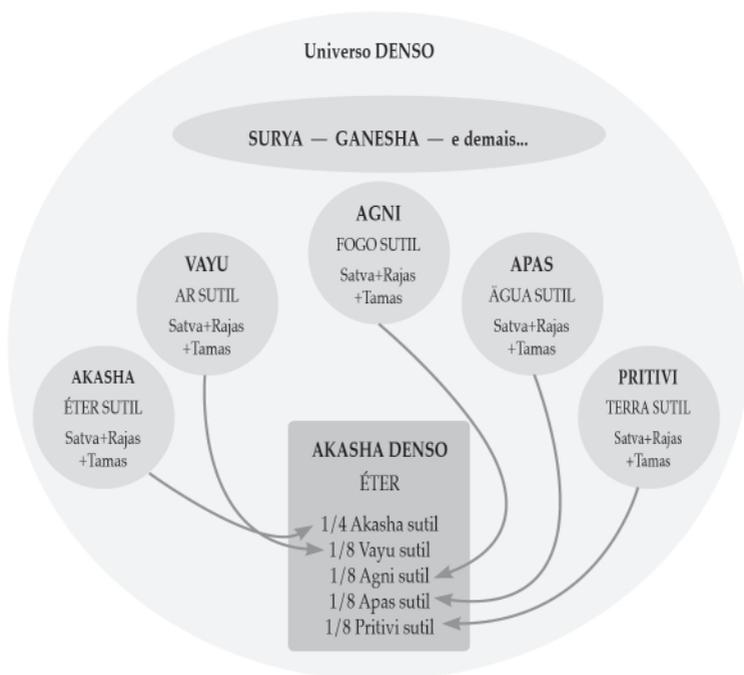
**Pritivi* promove no universo sutil um princípio de definição e cristalização da matéria sutil. Como por exemplo, note o leitor que a memória é matéria sutil com alta apreciação de *priti*; ela permite um sentido de definição a matéria sutil, capaz de diferenciar claramente um pensamento, um sentimento ou uma paixão de qualquer outra diferente.

Posteriormente, no processo cosmológico ocorre o chamado processo de quintuplicação ou *panchikaranam* que formará os elementos densos e que consiste, como aponta a *sloka*, na combinação de uma parte de cada elemento sutil com um oitavo dos quatro elementos sutis restantes. Cada um dos elementos está em concordância com cada um dos cinco sentidos, com os cinco órgãos de ação e com os cinco *pranas*. Devido a que na matéria sutil existe também certa graduação de “sutileza”, geralmente se diz que o ouvido, graças a que ele é um órgão com prevalência de *akasha*, é o sentido mais perfeito; além de que, o ouvido se relaciona por analogia com o som e, portanto com *akasha*. Quando falamos de ouvido sutil, não nos referimos ao órgão físico que se situa nas orelhas, mas sim, ao órgão sutil através do qual escutamos, por exemplo, as vibrações que acontecem enquanto sonhamos ou recordamos. Há quem consegue perceber vibrações com o ouvido sutil e pode experimentar intensidades e situações a distâncias físicas que o ouvido físico não pode detectar jamais. Semelhante aos restantes, os demais elementos sutis se relacionam por analogia também com outros órgãos de percepção: *vayu* com o tato, *agni* com a vista, *apas* com o paladar e *priti* com o menor desenvolvido, o olfato.

A diferença entre a matéria sutil e a densa é a graduação de estabilidade que a primeira possui. A mente e qualquer um dos elementos dos constitutivos sutis possuem um meio de vida imenso que lhes permite ir do início ao fim de vida do universo, enquanto que a matéria densa que forma um corpo denso colapsa com o transcorrer de um par de decênios. A matéria densa mais

estável são os elétrons; seu nível de degradação é de bilhões de anos, mas mesmo assim, estatisticamente tendem a desorganizarem-se em pequenas quantidades em todo momento. No entanto, a matéria sutil é muito mais estável, permitindo que a mente possa manter-se como uma unidade funcional através de todo o *manvantara* ou duração do universo. Desta maneira os elementos densos, ao degradarem-se, são absorvidos pela matéria sutil que, por sua vez, ao degradar-se se absorve na matéria causal.

FIGURA 3. O UNIVERSO DENSO



A relação causal entre os universos causal, sutil e denso, graças ao que possuem as *gunas* ou qualidades primarias em comum, favorece as múltiplas relações ente os três mundos e devido a isto, é fácil inter-relacionar as diversas simetrias entre si. A partir desta perspectiva se é possível desenvolver, por

exemplo, um modo eficiente de abordar as enfermidades em seu plano sutil, determinando qual tipo de correlação se estabelece entre os elementos densos. Assim, há, por exemplo, árvores altamente sátvicas, rajásicas e tamásicas; o mesmo pode se dizer dos minerais e demais seres da natureza. Definitivamente, conhecendo a natureza constituinte das coisas se é possível elaborar uma terapia de acordo com as características de cada enfermidade, tal como se faz a medicina *Ayurveda*.

Sankara tem apresentado até agora, de forma válida e coerente, que todos os *upadhis*, seja qual seja sua condição, são *maya*, são ignorância, no sentido de que em sua percepção comum elimina a possibilidade de perceber todo o complemento infinito de informações que essencialmente fazem parte de qualquer *upadhis*. Em consonância com isto, se apresenta um protocolo para aproximar-se da vivência da liberdade, entendida esta como sendo a percepção não-dual. A modalidade de cognição que leva a experiência não-dual estabelece a sustentação de uma atenção livre de qualquer presença do *upadhi* “eu”. Este é o caminho para se reconhecer a essencialidade das coisas, para saber o que as coisas verdadeiramente São. No entanto, em um determinado momento a apresentação se diferencia e geralmente se recomenda a percepção de elementos cada vez mais sutis como uma via de acesso a percepção não-dual, e isto implica em um engano conceitual. Pressupõe-se que a liberdade surge por sucessivos graus de absorção da percepção em planos prévios, significaria que a liberdade está condicionada pelo grau de sutileza dos eventos percebidos e isto não é correto. Inclusive mesmo o grau mais sutil de *akasha* não deixa de ser *maya*.

Não importa qual a graduação de corpo físico tosco que se possa apresentar, nem a substância que o forma, nem o *karma* prévio a sua constituição; a saída de *maya* se encontra no reconhecimento de qualquer evento como sendo Existente e Compreensível, por ser ele não-diferente da Consciência que o Conhece.

SLOKA 12

“O corpo sutil se encontra formado pelos cinco pranas, pelos dez órgãos, por manas e budhi, todos formados pelos elementos primários antes de sua subdivisão e sua combinação entre si. O corpo sutil é chamado ‘intermediário’ da experiência do prazer e da dor”.

Sankara propõe a divisão dos elementos em três grandes categorias: causal, sutil e densa, mas, na hora de configurar uma cosmologia mais refinada, aceita e integra uma visão que não constitui uma elaboração própria sua, mas sim, a que é estabelecida pela escola *samkhia*, fundada por *Muni Kapila*.

A palavra *samkhia* se traduz como “enumeração” e determina todas as diferentes categorias de manifestação das substâncias ou *tatvas* com as quais o universo se constrói e se desenvolve. Deste modo *Sankara*, ao aceitar o modo de análise e de estudo do *samkhia*, integra esta visão cosmológica com as apresentações especificamente metafísicas do *vedanta*.

Estabelece-se assim, como indica a *sloka*, que o corpo sutil esta constituído por dezessete categorias ou *tatvas*. Destas dezessete categorias, existem cinco delas que formam o corpo prânico. O corpo prânico é um duplo do corpo físico, ou seja, um sistema que contém uma imagem de todos os órgãos físicos, devido a isto é que geralmente denomina-se a ele de “duplo etérico”. Sua estrutura irradia uma luminosidade que, visto por um olho sensível, identifica graduações do branco ao azul; além disto, o corpo prânico se sobressai uns dez a quinze centímetros do corpo físico. Após a morte, o corpo físico se desprende do corpo prânico, desfazendo a coesão da matéria densa e levando o corpo físico do falecido a decomposição. Enquanto se mantém a vida no corpo físico, o corpo prânico favorece a seleção celular permitindo que cada célula atue em um nível de especialização que o *prana* possui como programação. Normalmente o corpo prânico é estudado sob cinco funções em concordância com o predomínio de cada um dos cinco elementos sutis, ou seja:

1. **Prana.** Denomina-se assim a primeira função que absorve o *prana* proveniente da luz solar e lunar e a distribuí por todo o corpo, tal como o coração bombeia o sangue. Enquanto que o *prana* circula pelos nervos sutis ou *nadis*, o sangue circula pelas artérias. O *prana* é uma energia portadora de *rajas*, atividade, cujo veículo fisiológico fundamental é o sangue, sendo este o canal material portador de oxigênio. O *prana* normalmente se absorve através dos alimentos, da respiração ou com contato com a radiação solar; qualquer destas três fontes é portadora de vida, razão pela qual os yogis adestrados são capazes de viver com apenas um pouco de água ou inclusive manter o corpo físico com apenas a respiração.
2. **Apana.** Esta função do corpo prânico está associada aos processos de excreção e desintoxicação do organismo: movimentos peristálticos dos intestinos, formação do bolo fecal, atividade e movimentos dos rins e bexiga, movimento da urina e atividade das glândulas sudoríparas, entre outros.
3. **Vyana.** Esta terceira função é multidirecional, pois está associada ao movimento de fluidos no corpo; é encarregada pelo fluxo sanguíneo na rede de artérias, veias e capilares, do movimento da linfa e da bÍlis. Todo fluxo de atividade no corpo físico diferente ao dos *pranas* prévios é de responsabilidade de *vyana*.
4. **Udana.** Este *prana* se associa aos processos de nascimento e morte. É o encarregado de colocar em movimento, através de um primeiro impulso elétrico, o coração da criança recém-nascida. Este *prana* também desencadeia o processo de separação do corpo prânico do corpo físico no instante da morte. Normalmente no instante da morte o resto do corpo sutil sai através da garganta e se põe em contato com as regiões sutis que por associação, possui a mente. Por isto ao morrer geralmente fala-se do “último suspiro” ou “último alento”. Também *udana* rege a atividade eletromagnética que atua no corpo físico.

5. *Samana*. Esta função está relacionada com os processos de absorção de alimentos e os seguintes mecanismos de metabolização, crescimento, estruturação proteica e demais que operam no corpo físico.

Por sua vez, o *prana* possui contrapartes sutis que incidem sobre a mente, induzindo ou não atividade sobre ela. É por esta razão que um dos mecanismos de aquecimento da mente se dá com o adequado controle dos ritmos respiratórios.

Das dezessete categorias de *tatvas* com as que está formado o corpo sutil, há mais outras cinco que formam os órgãos de conhecimento ou *gnana indriyas*. Os *gnana indriyas* são os cinco sentidos sutis, que não devem ser confundidos com os cinco órgãos físicos. Os sentidos sutis especificam a função, enquanto que os físicos têm relação com a expressão material de cada função. Isto é, uma pessoa capaz poderia ver o conteúdo escrito de uma carta ainda que esta estivesse dentro do envelope. Semelhante, a que uma pessoa com o ouvido sutil desenvolvido é capaz de escutar os sons da matéria sutil ou ouvir eventos que ocorrem a grande distância. Também, se é possível observar o som ou ver ordens de vida sutil, tudo isto graças a que os sentidos sutis possuem certa contraparte física o suficientemente sensível que serve de intermediação a outras realidades não físicas.

Por outro lado, das dezessete categorias de *tatvas* que formam o corpo sutil existem cinco que formam os *karma indriyas* ou órgãos de ação. Referimo-nos as mãos, pés, língua, anus e sexo. Semelhante aos *gnana indriyas* ou órgãos de conhecimento, estes *karma indriyas* ou órgãos de ação fazem referência a atividade da função sutil e não ao órgão físico.

Para finalizarmos a análise do corpo sutil ficam ainda duas categorias de *tatvas* para examinar, o *manas* e o *budhi*. Tanto o *manas* como o *budhi* são as frações sutis que formam o *antakarana* ou a mente. O *vedanta* oferece um pormenorizado estudo da mente subdividindo-a em quatro funções que serão explicadas na *sloka* 16.

Assim, então, o corpo sutil do ser humano está composto de dezessete partes, ou seja: cinco *pranas*; cinco *gnana indriyas*, órgãos dos sentidos; cinco *karma indriyas*, órgãos de ação; *manas* e *budhi*, mente.

A partir da perspectiva do *vedanta* se é possível estudar as categorias da matéria que formam o ser humano e, de semelhante forma, analisar as categorias de matéria a nível coletivo que formam o universo. Ou seja, se é possível analisar a mente cósmica, o *prana* cósmico e os órgãos sensórios e de ação cósmicos.

De semelhante forma, se é possível estudar as regiões configuradas por cada um dos *tatvas* coletivos e encontrar catorze mundos entre os que se repartem os universos causal, sutil e denso. A estes mundos ou regiões de matéria que constituem diversas entidades se denomina de *lokas*, e estão configurados por sete *talas*²¹ e sete *patalas*²², céus e infernos, segundo seja tipo de matéria que os constitua.

Em função das diferentes graduações da matéria constitutiva dos mundos sutis se geram diversas regiões configuradas por diversas entidades ou inteligências associadas as condições específicas destes mundos. Assim, o cosmo está configurado por catorze diferentes regiões ou *lokas* que permitem a expressão de diferentes tipos de vida; dentro destes diferentes tipos, diferente da linha humana, cabe assinalar a linha dos *devas*.

Os *devas* são inteligências diretoras compostas essencialmente de *satva* sutil e/ou *prana* e cuja função tem como raiz em manter a ordem e de servir como inteligência governadora as inumeráveis ordens de vida que se desenvolvem no universo, a partir dos mais altos níveis sátvicos, até os mais baixos

21. Os *talas* ou mundos superiores são em ordem ascendente: *bhur*, *bubha*, *svaha*, *maha*, *yanaha*, *tapaja* e *satyam*. Outros estudiosos incluem mais dois, *vaikunta* e *goloka*, a morada dos grandes *devas*.

22. Os *patalas* ou mundos infra-humanos são em ordem descendente: *atala*, *vitata*, *sutata*, *rasatata*, *talatata* e *patala*. O leitor perspicaz poderá detectar a imensa relação que existe entre este ancestral ensinamento a os diversos círculos de vida que expressa Dante Alighieri em sua “Divina Comédia”.

e tamásicos. São as entidades que possuem como fim a criação e promoção da vida através do estabelecimento de funções e órgãos que se ajustam as necessidades que por *prarabdha karma* se requerem nos mundos existentes humanos e não humanos.

Como reflexão final, cabe assinalar o surpreendente grau de semelhança que este modelo apresenta com os postulados da física de partículas. Durante muito tempo se considerou o átomo como o elemento de base da matéria, posteriormente se descobriu que estava ele configurado por prótons, nêutrons e elétrons. Resultando que no final estas partículas subatômicas, junto as outras mais que seguem aparecendo sob a observação dos físicos, não seriam na realidade mais que modos de integração dos chamados “quarks” que, de forma análoga aos *tatvas*, são elementos praticamente sutis considerados como as unidades básicas que, por agrupação, formam as estruturas materiais.

SLOKA 13

“Avidya ou ignorância, base do estado causal, é indescritível e sem origem; é um upadhi sobre-imposto a Atman. Sustentamos seguramente que Atman é diferente dos três upadhis”.

O *vedanta* afirma que a causa essencial da manifestação dual é *avidya* ou ignorância fundamental. Imagine o leitor que, enquanto você caminha na praia durante a noite, observa ao longe na areia uma concha de ostra. O reflexo do brilho lunar sobre a concha produzirá um efeito como se existisse o metal prata sobre a areia, razão que o levaria a pensar com certeza que há ali uma moeda perdida. O caminhante conclui mediante seu rápido discurso mental que existe uma moeda de prata. Nos perguntamos então se esta moeda é real e a resposta é sim, evidentemente basta agachar e pegá-la para se apropriar do devido valor em prata. No entanto, ao pegá-la nota-se que a cor, a forma e as condições do descobrimento correspondem a natureza de uma concha marinha.

Graças a própria ignorância convertemos uma coisa em outra. A este processo de modificação geralmente denomina-se de “sobre-imposição”. A sobre-imposição faz com que tomemos como real algo ilusório e conseqüentemente converte o real em inexistente. Neste caso da concha e da moeda ocorre com que, quando se percebe como sendo real a moeda não se reconhece a realidade da concha e vice-versa. Sobre a praia convivem momentaneamente algo existente e algo inexistente, mas ambas as condições são reais conforme seja o momento aonde se situe a cognição. Evidentemente ambas as situações operam na mente do perceptor; nela se cruzam uma concha existente junto com uma moeda real, e uma concha existente junto com uma moeda irreal.

Para o *vedanta* existe um poder essencial, ou seja, causal, que outorga um sentido de irrealidade a percepção, fazendo que se favoreça como sendo válida a uma irrealidade e um evento inexistente. Há uma causalidade a que se denomina de ignorância, cuja qualidade fundamental é favorecer a aparição de algo que, essencialmente não apenas é irreal, mas também inexistente. A esta força causal que promove a aparição de algo como válido ainda sendo inexistente, geralmente se denomina de *avidya* no *vedanta*.

A única diferença do nosso exemplo da concha de ostra e da moeda em comparação com o universo que habitamos é que o universo dual é uma projeção ocorrida na mente de *Ishvara*, enquanto que a moeda é uma projeção ocorrida na mente do perceptor. É devido a *avidya*, ignorância individual ou coletiva, que transitamos pelo universo junto com toda a criação sob a suposição de que o mundo possui uma justa causa que sua manifestação corresponde a uma ordem específica.

São *Brahman* e *Atman* as entidades que representam a Realidade a nível coletivo e individual, respectivamente. Nem *Brahman* e nem *Atman* são *upadhis*; os *upadhis* são sistemas fechados, são conjuntos delimitados que possuem infinitas informações. Um *upadhi* é uma árvore, o corpo humano, um olho, uma galáxia

e qualquer outro sistema composto de infinitas informações. *Brahman* e *Atman* são sistemas abertos que, ao perceber-se, inundam simultaneamente um evento e seu complemento, ou seja, o resto do universo²³. A percepção de um sistema fechado mais, simultaneamente, seu complemento, abre o campo (desfaz as fronteiras entre conteúdos e as fronteiras finais) e permite a experiência de *Brahman* não-dual.

Esta *sloka* faz referência ao primeiro plano de existência, o causal, formado por *prakriti*, ou seja, as *gunas*, que são as qualidades da matéria em estado de equilíbrio e sem mescla alguma. Segundo a tradição, o plano causal é uma região do universo constituído por sua vez por três sub-regiões: *yanaha*, *tapaha* e *satyam*. Nelas se encontram residindo os grandes *Adidevas*, ou seja, as divindades primárias da criação, estas são: *Brahman* se associa ao aspecto de velar de *avidya* nasce *Ishvara*. Por sua vez, quando *Ishvara*, *Brahman*, *Vishnu* y *Shiva*. Geralmente apresentamos na tradição *vedanta* que quando *Brahman* se associa ao aspecto de velar de *avidya* nasce *Ishvara*. Por sua vez, quando *Ishvara* se associa com o poder de projeção²⁴ de *avidya*, nasce o universo em suas três graduações, causal, sutil e denso.

Considera-se a *Ishvara*, como sendo o aspecto inteligente que da ordem ao universo causal, a condição de ser o criador do

23. Se U é o conjunto "universo" e C é um campo fechado (com fronteiras finais ou bordas) qualquer, e kC é o complemento do campo fechado, ou seja, o resto do universo, então:

$C = S + O$ Aonde S corresponde ao "sujeito" e O ao conjunto de objetos constitutivos do campo.

$U = C + kC$ Aonde C é um campo fechado qualquer, kC é o complemento deste campo, e U é o conjunto infinito de informações.

$U = Brahman = Atman \Leftrightarrow \alpha = \beta \Leftrightarrow \forall t$, e $C + \forall t$, e kC Para tudo C y kC em todo o tempo em todo o tempo $\forall t$ e espaço $\forall e$, ou seja, para todo C e kC em qualquer tempo e em todo espaço.

$\alpha = \beta = C + kC, \forall t$, e *Atman* é idêntico a *Brahman* e igual a soma do campo percebido mais seu complemento para todo tempo e espaço.

24. Geralmente se apresenta que *maya*, ou o poder criador de ilusões, possui dois poderes, *avarana shakti* e *vikshepa shakti*, o poder de velar a realidade e o de projetar uma ilusoriedade; em nosso exemplo, implica velar a concha de ostra e projetar uma moeda de prata.

universo²⁵ e de reger a todos os processos kármicos que nele se manifestam e que são frutos das inacabadas tendências do universo anterior. Por esta razão se diz metaforicamente que *Ishvara* é uma divindade com infinitudes de rostos, com “face olhando para tudo ao redor” pois está sempre percebendo a tudo o que ocorre na criação. Também se apresenta simbolicamente como um pavão real, graças aos múltiplos olhos que parecem surgir em suas plumas quando as exhibe, dando a entender que estas plumas são olhos que simbolicamente a tudo observa. Também se apresenta a *Ishvara* como sendo uma aranha, graças a que este inseto tece sua teia com material proveniente de seu próprio corpo, ou seja, que *Ishvara*, semelhante a aranha, tece o universo com sua inteligência e com a substância que dele mesmo provê; *Ishvara* é a causa material e eficiente do universo.

A escola *samkhia* expõe um modelo cosmológico que descreve passo a passo o desenvolvimento do universo em sucessivos planos de existência mediante a aparição de diversas categorias da matéria. O *vedanta* aproveita esta teoria para dar uma explicação do universo desde a perspectiva ilusória, mas, por sua vez apresenta a teoria da não-dualidade como um mecanismo teórico e prático que oferece uma solução ao problema metafísico daquilo que está além da dualidade, de seu nascimento e de sua morte.

A aparição de *maya*, a ilusão, como sendo a fonte causal do universo inteiro é apenas uma necessidade teórica, baseada na crença de que o universo existe sob a luz do perceptor individual. Não se nega a esta existência particular, mas sim, se propõe que o Real não é nenhuma fração, nenhum nome nem nenhuma forma que a mente dialética possa apresentar quando existe perceptor e percebido como aspectos diferenciados. A solução final a este dilema metafísico consiste em impedir que a fração diferenciadora da mente atue, ou seja, erradicar o sentido de

25. O conceito mais próximo da divindade cristã denominado de Deus recai sobre seu semelhante *Ishvara*, o senhor criador. No entanto, a expressão não-dual de *Brahman* como Realidade total não possui modelo no pensamento cristão.

eu da percepção sem eliminar as restantes funções mentais que servem de suporte ao reflexo da Consciência na mente.

Resulta ser um paradoxo que o ramo do conhecimento que mais tem buscado descrever a natureza do universo tenha sido a física; uma de suas ideias maravilhosas é a inter-relação das forças através da apresentação de simetrias. Este conceito de simetria, ao que temos definido como sendo “sentido de identidade na diferenciação”, permite entender que os planos de existência a nível tanto individual como coletivo, ou como descrição densa, sutil ou causal, são diversos modos de expressão de um substrato básico comum que se desenvolve de diversas maneiras através de múltiplas opções de combinação. O elemento essencial e comum do qual toda a simetria nasce é a força da Consciência, não apenas como uma expressão ideal, mas sim como regente da força necessária que constitui e da vida ao universo.

Nesta linha, o surgimento de diversos estados de consciência não é mais que o resultado de diferentes simetrias que surgem dos diversos modos em que se pode estabelecer-se a inter-relação sujeito-objeto no mundo da percepção; todos os diversos estados de consciência possuem em comum a condição não-dual da Consciência como base primária da realidade.

Diferentemente da filosofia e da psicologia, a física tem se aprofundado em suas investigações em parâmetros que desafiam o modo racional de pensamento; conceitos como: “simetria”, “simultaneidade”, “incerteza” e outros; Fazem parte há tempos de seus postulados. Seria interessante que essa audácia da física na hora de indagar e configurar modelos que implicam em uma mudança total de paradigma se movesse a outros ramos do conhecimento acadêmico, para que seja possível iniciar a ser palpável sem temor, por exemplo, o conceito da simultaneidade na cognição mediante a experiência não-dual.

SLOKA 14

“Devido a Consciência não-dual ser a base das cinco envolturas (koshas), o Atman não-dual aparece com atributos diferenciados, como ocorre com um cristal que parece dotado de cores tal como o vermelho ou o azul, quando este está sobreposto as cores vermelho ou azul”.

Temos aqui outro simples exemplo de *Sankara*, com o qual metaforicamente busca explicar como o *Atman*, entidade que não possui atributos específicos, parece assumi-los devido a intervenção da mente do perceptor. O autor mostra como um elemento cromaticamente “neutro”, como o cristal, aparentemente adquire a tonalidade do fundo ao qual se sobrepõe.

É revelador a quantidade de exemplos que, sendo altamente eficazes em sua simplicidade, recorre *Sankara* no *Atmabodha*. Todos os filósofos orientais posteriores utilizam eles de uma maneira ou de outra para desenvolver seus ensinamentos. Nesta *sloka* nos refere como, por analogia, um vidro translúcido pode adotar aparentemente uma cor, seja esta vermelho ou azul, segundo seja o fundo, sem perder sua natureza nem condição essencial. Assim, de forma semelhante, o Real não parecer ser o *Atman*, mas sim a mente, o *prana* ou o “corpo denso”.

Novamente a razão de que algo como o cristal translúcido assuma um rol colorido é a sobre-imposição. “Sobre-imposição” implica assumir como sendo real algo que não é. Geralmente apresenta-se que a sobre-imposição que cobre o universo inteiro e lhe permite fazer acreditar a mente que tudo o existente é a soma de nomes e de formas, a soma de infinitos *upadhis*, se denomina *maya*. Esta crença leva por consequência, a aceitação de que a mente é real e os demais atributos que constituem o ser humano também são. Novamente é importante destacar que não se afirma que os atributos individuais sejam inexistentes ou irrealis, mas sim, que a mente, ao experimentá-los sob a presença egóica, impede de reconhecer nestes atributos o seu complemento, ou seja, perceber o universo inteiro restante.

Quando o universo inteiro se converte em sujeito de percepção de si mesmo, então emerge um estado de Consciência especial aonde o observador não se diferencia do observado; a este estado de Consciência aonde emerge a percepção não-dual lhe denominamos de Meditação.

Sankara propõe uma serie de envolturas ou *upadhis* em concordância com o *tatva* ou tipo de substância material causal, sutil ou densa com o qual se constituem. Estas envolturas ou *upadhis* tomam o nome especial de *koshas* quando são elas que formam o ser humano e lhe outorgam a sua identidade. Estas envolturas ou *koshas* que formam o ser humano são cinco:

1. ***Annomayakosha***. Envoltura ilusória de alimento, também chamada de “corpo físico”. O material com que está formado o corpo físico é semelhante ao que compõe o universo denso conhecido. O corpo denso do universo geralmente denomina-se de *virat*. O universo denso está constituído por matéria sutil depois do processo de quintuplicação, tal como se estudou nas *slokas* anteriores. Este material denso é o que conhecemos mediante a tabela periódica dos elementos; a conjugação em estruturas complexas de moléculas leva, por evolução, na aparição de sistemas orgânicos com sistemas nervosos aptos para ser conscientes de si mesmo e do mundo. O corpo denso possui a particularidade de degradar-se rapidamente, situação que induz no surgimento da constante mudança em sua natureza e, finalmente, na aparição da morte. Não existe um sistema denso que seja incólume a mudanças; desde a partícula mais elemental aos grandes astros solares e buracos negros, todos estão destinados ao nascimento, crescimento e morte.
2. ***Pranomayakosha***. Envoltura ilusória de vitalidade, também chamada de “corpo prânico”. O material com o qual está composto o corpo prânico se parece mais a substância que forma o traçado do campo magnético. Quando se observa o céu no horizonte, o leitor pode detectar o surgimento momentâneo de pequenas luzes brilhantes que parecem

cintilar e avançam por todo o espaço circundante. A este brilho geralmente denomina-se de “átomos de *prana*” e se formam, segundo a tradição, do sol; este brilho é uma carga de vitalidade que impregna o oxigênio e os alimentos, que são as fontes principais de vitalidade. A vitalidade proveniente em forma de *prana* que emana do sol e de seu reflexo lunar é absorvida junto com a sua contraparte densa quando respiramos, ou nutrimos o corpo físico com os alimentos. O corpo prânico é um duplo do corpo físico, nele se combinam todos os órgãos e funções físicas tal qual operam no corpo denso, servindo de modelo aos órgãos e é a base da especialização celular. O corpo prânico subsiste mesmo quando uma parte do corpo físico é mutilada; essa é a razão de existir as “dores fantasmas” que geralmente sofrem aqueles que tem algum membro amputado. Quando surge a morte, grande parte do corpo prânico começa seu processo de degradação junto as tumbas aonde foi enterrado o corpo físico até que, finalmente, seus constitutivos primários se resumem nos elementos sutis correspondentes; outra parte do corpo prânico, a mais sutil, acompanha a mente em suas funções e lhe permite a sua atividade nos planos sutis. Geralmente chama-se igualmente de *prana* ao corpo prânico do universo.

3. ***Manomayakosha***. Envoltura ilusória da mente, também chamada de “corpo mental”. *Manas* se traduz como “o que flutua” e se refere a faculdade mental que impera quando se está em dúvida. Note o leitor que ao se buscar obter informações mediante um meio de busca na Internet, se passam apenas décimos de segundo entre a pergunta solicitada e as dezenas de centenas ou milhares de respostas encontradas. O meio de busca faz uma varredura em função de certos algoritmos específicos e recolhe a informação em altíssima velocidade. A programação dos algoritmos classifica a informação fazendo com que sejam escolhidas algumas e descartadas as restantes que ocupam o mundo virtual. Este processo de busca de informação antes que seja definida como válido é um processo semelhante ao que ocorre na mente quando um objeto

conhecido se compara com outro já existente, com o fim de se criar uma correlação entre ambos. Enquanto a correlação não se estabelece, haverá um tipo de atividade mental ao que denominamos de *manas* e a que geralmente e equivocadamente denomina-se de “raciocínio”. *Manas* é um constante estado de flutuação da matéria mental na qual os nomes e as formas vão surgindo antes de que a seguinte atividade mental, denominada *vignana* ou Consciência, gere a aceitação da correlação que busca estabelecer-se no preciso momento da cognição.

Manas é uma categoria de matéria especial do corpo sutil e a substância que a forma é semelhante a que estrutura aos *devas* de *svaha loka*. Os deuses ou *devas* destas regiões possuem diversas graduações deste material em concordância com suas naturezas. As divindades regentes do ódio, do ciúme, da dúvida ou do desespero são entidades que convivem nos planos cuja substância primordial é semelhante ao de *manas*. A diferença entre os humanos e os *devas* encontra-se em que estes últimos não possuem a qualidade de componente tântrico em suas mentes como possuem os humanos, razão pela qual o seu nível de egoísmo não os leva a identificarem-se com a tarefa que por natureza realizam. Geralmente o corpo manásico do universo denomina-se igualmente de *manas* e em alguns casos de *mahat*.

4. *Vignanomayakosha*. Envoltura ilusória de conhecimento, também chamado de “intelecto” ou de “corpo de conhecimento”. *Vignano* se traduz como “capacidade consciente”. Enquanto que *manas* é a função que reúne as características mais frequentes que se estudam no Ocidente como sendo a “mente”, *vignano* é uma atividade do corpo sutil que serve de suporte e reflexo para a Consciência. A matéria sutil que forma o *vignano* possui uma qualidade semelhante a de um espelho, ou seja, serve para refletir a luz solar. O *vignano* é uma faculdade mental que permite captar a Consciência e apresentá-la em forma de intelecto ou de compreensão

pessoal. Como a um corpo que colocado sob o sol se aquece, isto é, absorve energia luminosa e igualmente pode de forma fracionada irradiá-la; desta maneira, o *vignano* captura a Consciência ou a capacidade de saber que continuamente impregna o espaço e a existência em todas as coisas, e emite um tipo de compreensão pessoal.

É a presença da atividade do *ahamkara* o eu, que faz com que parte do *manomayakosha* ou corpo mental, o responsável do fracionamento da continuidade da Consciência, induzindo a aparição de uma consciência individual. A atividade *vignano* se assemelha por exemplo ao buscador da Internet no momento em que os algoritmos que servem como base de programação, aceitem ou escolhem um tipo peculiar de informação.

Todo instante de compreensão, todo ato de aprendizado, qualquer estado de surpresa ou de assombro, são próprios da atividade de *vignano* que opera na mente. A Consciência não-dual se assenta em *vignano* mas, devido a limitação originada pela contaminação das substâncias que o compõe²⁶ se encontra impedida de perceber de forma correta a realidade. Assim, a mente contaminada pelo egoísmo e a ação indica que o mundo é uma complexidade dual e que cada objeto é independente dos restantes.

Tanto *pranomayakosha* como *manomayakosha* e *vignano-mayakosha*, são quem formam o corpo sutil do ser humano, que está composto de dezessete partes tal como foi explicado nas *slokas* prévias.

26. A contaminação se refere as porcentagens de *tamas* e *rajas* na matéria sutil que forma o *antakarana* ou mente. Na medida que uma mente é mais primária, a presença de *tamas* se faz mais evidente, o que leva a um estado de identificação com qualquer ação física ou mental que realize. Por sua vez, na medida que *rajas* impera na mente, o impulso a ação faz com que a mente saia em busca de um saber que ainda não reconhece que já se encontra nela. Finalmente, a presença de maior quantidade de *satva* na mente provocará compreensão e desenvolve claramente o intelecto. A *sadhana*, o trabalho interior de todo o ser humano que busca um desenvolvimento pessoal, tem como raiz em transformar os hábitos mentais tamásicos e rajásicos em sátvicos.

5. *Anandamayakosha*. Envoltura ilusória de bem-aventurança. Corresponde a envoltura individual humana que faz parte do corpo causal do universo. Como já se tem comentado previamente, o corpo causal corresponde a uma região de existência formada pelas *gunas* em estado de equilíbrio, ou *prakriti*. A Consciência associada a este corpo é semelhante a quando em sonhos a mente encontra-se imóvel. Neste estado não há formação mental alguma, por isto não há experiência de existência de um sujeito neste nível. Semelhante também ao momento de um desmaio, aonde parece que o universo se resume em sua própria potencialidade de ação. Normalmente, ao regressar deste estado a sensação de tranquilidade é tão intensa que se nomeia de estado de “bem-aventurança”, como se tivessem passados séculos ou milênios descansando em um sonho sem imagens. Ao corpo causal do universo se denomina de *Ishvara*.

SLOKA 15

“Por meio de budhi, que é a função discriminativa da mente, se é possível distinguir a Brahman não-dual das envolturas sobre impostas que o tem encoberto, da mesma maneira em que se separa o grão de arroz da casca que o encobre, golpeando-o com uma pedra de moer”.

O compêndio estrutural em que no Ocidente se chama de “mente” denomina-se de *antakarana* na tradição *vedanta*. A mente ou *antakarana* se estuda de diversas formas no *vedanta*, semelhante como se trata no Ocidente. Os orientais decompõem a mente em quatro atividades, de maneira semelhante como todas são as cores do espectro que se compõe de três tons primários básicos. Assim, desta forma, os diversos sentimentos, emoções e pensamentos nascem pela intervenção e combinação das quatro atividades básicas mentais chamadas de: *budhi*, intelecto, *manas*, raciocínio; *ahamkara*, individualidade e *chitta*, matéria mental ou memória.

As várias graduações da atividade mental são infinitas, frutos de acordo com a preponderância das *gunas* em cada uma das quatro funções básicas do *antakarana* ou mente. Assim, a mente ou *antakarana* possui características e qualidades comuns a raça humana mas também oferece um brilho de particularidade e uma impressão distinta em cada pessoa.

Da mesma forma, os cinco estados de consciência que o *vedanta* analisa nascem em virtude da modalidade de apresentação do tipo de individualidade que faz presente neles. O eu, diferentemente de como o estuda e considera no Ocidente, possui expressões que tem cada estado de Consciência em função da transformação que nele opera. Existem percepções com eu, sem eu, com eu simultâneo, até completar as cinco possíveis variantes que estabelecem as diferenças entre os cinco estados de Consciência.

É importante anotar que, desde a perspectiva do *vedanta*, a mente é um órgão que possui a função de detectar, processar, fixar e sintetizar informação conhecida. Semelhante ao olho e ao ouvido, a mente é um órgão. Semelhante a vista ou ao ouvido, que podem detectar formas, cores e vibração, a mente possui a função de processar e reconhecer a informação graças a que sua matéria constitutiva vir a servir de reflexo para a luz da Consciência. As frações mais sutis da mente, aquelas aonde predominam *satva* ou equilíbrio, são aquelas que vislumbram o resplendor da Consciência. A esta fração *satvica* da mente, possuidora da mais sutil composição material, a denominamos de *budhi*, e possui a capacidade de criar o brilho intelectual do saber. No entanto, e devido aos restantes componentes da matéria constitutiva da mente cujas naturezas são mais *rajásicas*, *ativas*, ou *tamásicas*, grosseiras, a mente reflete apenas uma sombra da Consciência em forma individual, semelhante a um espelho que lhe é impossível refletir claramente as figuras devido ao vapor de água que o recobre.

A mente²⁷ é o órgão que suporta a função cognitiva. Cada aspecto do órgão mental suporta diversas facetas da atividade cognitiva. As mesclas da matéria sutil que formam o *antakarana* provém da geração das diferentes graduações de sentimentos, emoções, pensamentos e paixões possíveis, assim como as funções intelectivas, a memória, a lógica, a razão, egoísmo e demais atividades que requer a cognição.

A atividade de *budhi*, traduzida como intelecto, é a função da mente que aloja a Consciência. Por sua vez o *budhi* oferece um reflexo, um brilho consciente que acompanha o processo cognitivo. *Budhi* se parece a lua, que por sua configuração material, reflete parte da luminosidade solar que chega a sua superfície. A lua absorve parte da energia solar e reflete a restante. Se a lua refletisse toda a luminosidade que chega a sua superfície se pareceria a um sol. Semelhante a *budhi* que está impregnada da Consciência não-dual²⁸ mas apenas reflete parte de seu brilho em forma de consciência pessoal²⁹. Os aspectos sátvicos que formam materialmente a *budhi* servem de assento para a força do saber que opera na própria Consciência. *Budhi* não é inteligente por si mesmo, mas é o assento da inteligência, tal como o cérebro que não é inteligente por si mesmo mas suporta o brilho do saber que opera por trás de seus processos fisiológicos.

No terreno da filosofia, e especificamente na epistemologia ou teoria do conhecimento, o *budhi* se assemelha ao instante denominado de sínteses. O processo sintético se produz logo a que um evento percebido coincide com uma imagem semelhante previamente existente na memória. A consciência do conhecido frente ao evento que serve de referência interior produz uma

27. Quando falamos da mente nos referimos necessariamente ao aspecto sutil e a sua contraparte física cerebral. Toda atividade mental sutil possui uma contraparte física que serve de intermediária a experiência do mundo denso. Sem a participação cerebral se é impossível destacar qualquer atividade cognitiva.

28. *Kutasta Chaitania*.

29. *Chidabaasa*. Assim, *budhi* é o órgão em que se assenta a Consciência refletida ou individual. *Budhi* é o órgão que está em contato com a Consciência não-dual, *Kutasta Chaitania* e reflete por limitantes impostos em sua formação material, a consciência individual ou *Chidabaasa*.

atividade denominada sínteses aonde floresce o saber. Assim, a atividade budhica é a que permite reconhecer os objetos no momento em que se produz a síntese dialética. A este processo de comparação ou contraste “tese-síntese” para gerar uma síntese se chama no *vedanta* “determinação dos prós e contras das coisas” ou faculdade determinativa.

Por isto *budhi* é a faculdade mais propícia para discriminar a realidade, devido a que nele se assenta a Consciência individual e por fim o saber. Toda a compreensão é um ato budhico, semelhante a todo o instante aonde exista a aprendizagem. *Budhi* á como um reflexo quieto que se projeta em um lago cuja superfície se assemelha a um espelho. A atividade budhica não afirma que todo evento conhecido seja real, não. A atividade budhica apenas apresenta sentido de validade entre o objeto percebido e a contraparte existente na memória. Afirmar ter visto uma imagem de um cachorro verde implica uma realidade para o perceptor, semelhante a alguém que devaneia por ter tomado uma droga e faz das alucinações que experimenta algo valido.

O nível de realidade de uma percepção se determina em função de que o objeto se reconheça e simultaneamente, se perceba o seu complemento. Ou seja, uma percepção é Real quando, somados ao objeto conhecido, simultaneamente se experimenta os objetos restantes que compõe o universo. Sob esta apresentação o conhecedor não é diferente do conhecido. Quando o perceptor se faz não-diferente do conhecido, a cognição adota uma condição não-dual; esta é a experiência que acontece na Meditação.

A expressão mais clara da função do intelecto, *budhi*, é o surgimento do ato da compreensão; “saber”, é o resultado do ato budhico que opera na mente. É por isto que *Sankara* relaciona a função do intelecto com a causa que induz o conhecimento de *Brahman* não-dual, que não é mais que a Consciência não-dual. Quando *budhi* alcança um nível de “purificação” graças ao qual a Consciência não-dual é coerente totalmente com a imagem refletida no *antakarana*, mente, então a compreensão que surge permite ao conhecedor ser consciente da Realidade, o conhecedor é a Realidade.

É importante pontuar que a Consciência é essencialmente um mar não-diferenciado de saber, é uma “multisimetria” aonde todos os objetos estão em todos os lugares de forma não-diferenciada. As diversas simetrias que de forma aparente se estabelecem nos diferentes modos de percepção nos quais o *ahamkara*, egoísmo, subsiste, se convertem nos objetos que a mente comumente detecta sequencialmente. Assim, na simetria da cognição que comumente experimentamos e que se denomina “estado de Pensamento”, nos é permitido experimentar sistemas separados, eventos ou campos fechados independentes uns dos outros. *Budhi*, neste caso é a faculdade que determina que este campo fechado seja coerente com o previamente registrado na memória; *budhi* outorga sentido de consciência ao elemento percebido, graças a isto o experimentamos como real.

E por último, além da faculdade determinativa que temos explicado, existe uma faculdade superior no *antakarana* que é capaz de estabelecer os “prós e os contras” das coisas que São em relação as que não são, ou seja, é capaz de discernir com absoluta precisão o que É Real daquilo que não é. A esta capacidade discernitiva geralmente se nomeia de *viveka*. Assim, *viveka* á o ponto alto de *budhi*, a capacidade que outorga o saber que é *Brahman* e distinguir o experimentado de *maya*, a ilusão.

SLOKA 16

“Embora o perceptor individual não reconheça ao Onipotente Atman não-dual como base substancial em todas as coisas diferenciadas, Ele se manifesta na mente associado a budhi, semelhante a um reflexo nas águas claras ou em um espelho límpido”.

O mais próximo ao Divino são as atividades do Saber e do Amor. Ambas, o Saber e o Amor, não possuem causa em nada diferente de si mesmos e, no entanto, fazem parte de todas as coisas existentes. Não existe um local do universo aonde a Consciência não expresse o Saber quando se conhece, ou expresse o Amor mediante o sentido de integração com o conhecido. O

Saber unifica o conhecedor e o conhecido; o Amor integra aquele que ama com o amado. Nada alimenta a Consciência, nada alimenta o Saber; ambos são auto luminosos, dependem se si mesmos e animam de Realidade a tudo o que existe. O mais sagrado é Saber; o mais sagrado é Amar.

Atman é um oceano de Consciência e Bem-aventurança. É uma realidade sem fronteiras que contém todos os nomes e todas as formas existentes, que existiram e existirão. Finalmente, todo o evento material e ideal é apenas a substancialidade da Consciência não-dual. Experimentar a *Atman* é integrar de maneira simultânea e onipresente a tudo o existente; é a experiência do êxtase inenarrável diante da verdade de saber que tudo É e tudo Está em todas as coisas.

Se *Atman* é tão sublime. Aonde Ele se encontra? Por que não se revela a nossa vista ou escuta seu rumor o nosso ouvido? *Atman* não é uma categoria de objeto material nem ideal, mas outorga qualidade ou quantidade a todo ente existente. O que mais se assemelha a *Atman*, o mais perto de sua natureza é o próprio ato da Consciência e a força do Amor. *Sankara* nos apresenta que na mente se instala a Consciência e que o ato de compreender surge da faculdade intelectual ou budhica da mente. *Atman* se encontra em todas as coisas, no brilho do fogo e na intensidade do trovão, se apresenta como a pureza da água e anima a aparição da morte; nada é distante, ou próximo, nem contrário a *Atman*. *Atman* flui por qualquer lugar, no pranto de uma criança e na força demolidora de um terremoto. No entanto, nossa mente o associa mais facilmente com a surpresa diante do belo e no esplendor do justo, na carícia amorosa e na entrega ao próximo. Mas realmente *Atman* convive mais próximo na força do saber e na própria integração que procura o amor.

Se observarmos por um cristal translucido vai parecer que este acaba assumindo as cores e as formas dos objetos. O cristal parece adotar o colorido, da mesma maneira que a mente parece assumir a inteligência diante da proximidade da Consciência. O “lugar” mais próximo, a “matéria” mais semelhante

ao continuo da Consciência não-dual é o aspecto sátvico dos elementos sutis que, entre mesclados, formam o *antakarana* ou a mente. Imagine o leitor um hospital; notará que em suas instalações existem lugares em que os enfermos se aglomeram e enchem a atmosfera com várias bactérias e igualmente, existem locais completamente estéreis como as salas de operações. Da mesma forma, no ser humano existe uma região da mente cuja constituição material permite a presença da função consciente; ali o brilho ofuscante da Consciência pode estabelecer-se na mente e espargir seu aroma de Saber, de Compreender, de Amar e de Existir. Este lugar é *budhi*, o intelecto, fração do *antakarana* habilitada a refletir a enérgica e infinita intensidade do saber Absoluto.

SLOKA 17

“Graças a atividade de viveka é possível dar-se conta de que o Atman não-dual é não-diferente do corpo denso, dos órgãos dos sentidos, da mente, de budhi e de prakriti, e que é a testemunha destas funções, comparável a um rei”.

A mente ou *antakarana* é um órgão sutil, formado pela mescla de aspectos dos cinco elementos sutis e cuja função principal é promover o conhecimento. O *antakarana* possui uma contraparte densa que resume a totalidade do sistema nervoso e as inumeráveis faculdades cerebrais. Assim, o *antakarana* e sua contraparte densa cerebral interatuam com os objetos ideais e densos promovendo a possibilidade de ser conscientes deles.

Adicionalmente, se estuda o *antakarana* não desde as substâncias que o compõe, mas sim a partir de seu funcionamento, como a soma de quatro atividades que podem predominar combinarem-se ou simplesmente desaparecer, para dar assim sequência aos cinco estados diferentes da Consciência e a infinitos atributos que neles existem. A partir desta perspectiva funcional o *antakarana*, a mente, se divide em quatro atividades primárias:

Budhi

Função que determina os “prós e os contras” dos objetos conhecidos. *Budhi* é a faculdade determinativa, é a atividade base da consciência individual. Devido a todo o passado, quando percebemos um objeto e temos consciência dele, o conhecemos. Podemos ser conscientes de um objeto ideal ou material; quando isto ocorre implica que o conhecemos. Por esta razão *budhi* é a faculdade intelectual, ou seja, é o aspecto inteligente da mente. O ato de saber, semelhante a atitude de surpresa ou de assombro, são representações de *budhi*. Da mesma forma, o instante de aprendizado é um momento budhico. Suponha o leitor, por exemplo, que lhe solicito recordar qual atividade você realizou no último domingo, entre as onze horas da manhã e o meio dia. Para responder deverá o leitor colocar em funcionamento variadas atividades da mente que já explicaremos em seu conjunto mais adiante. Primeiro você buscará na memória, selecionando situações representativas deste dia e, seguramente irá aproximando-se por associação ao momento solicitado. Neste instante aonde há coincidência entre a pergunta a imagem que forma a lembrança, surge o conhecimento, pois a mente neste instante deixa de buscar mais informações e revela o brilho do saber. Nesse momento, aonde finalmente se tem considerado os prós e os contras de um evento e termina esta busca de determinação, lhe denominamos de *budhi* no *vedanta*; no Ocidente geralmente chama-se de “sínteses” ou “instante consciente”. Os demais momentos prévios e posteriores geralmente associam-se a outras atividades da mente, mas aquela que estabelece o conhecimento denomina-se de *budhi*.

É importante realçar que a coincidência encontrada a respeito da hora do domingo pode não ser certa. Mas *budhi* não estabelece uma categoria de realidade, pois apenas busca determinar a inclinação de coincidência com o objeto percebido. Assim, podemos afirmar que a esta hora estávamos tomando café da manhã, para mais tarde reconhecer que foi no sábado e no domingo. De semelhante forma, qualquer pessoa pode

assumir a validade de suas próprias fantasias e, momentaneamente, reconhecer sem dúvida a coincidência de seu processo pensante com os depósitos da memória que possui a disposição. Em tal caso existe Consciência, pois existe saber, mas este saber não implica necessariamente que a determinação seja válida. Como a que o sol ilumina aos ricos e aos pobres, assim também a Consciência ilumina aos sábios e aos ignorantes.

Manas

Função que determina a flutuação da memória. Atividade que introduz a possibilidade de acessibilidade continua a memória e que se experimenta como movimento mental. *Manas*, essencialmente, é o instante de dúvida prévio ao conhecimento. No exemplo de se buscar a atividade realizada no domingo entre as onze e ao meio dia, corresponde ao conjunto de memória que aparece e desaparece rapidamente para, por correlação, se chegar finalmente ao momento solicitado.

Manas se parece mais a um instante de medo, aonde a mente opera sem suporte algum. O medo impede qualquer certeza (*budhi*) e agora para quem o sente em um vórtice de sensações que se sobrepõem umas as outras sem nenhum tipo de claridade consciente. Outro tipo de atividade mental manásica é a emoção, quando este sobressalto não possui direção nem sentido. O exemplo mais claro de *manas* são as constantes e inquietas ondas do mar, cuja representação simbólica se assemelha a constante mobilidade da mente.

Busque o leitor por alguns segundos fechar os olhos e observar seu mundo interior. Evite a aparição de pensamentos e de sentimentos na esfera consciente, ou seja, anule a possibilidade de ser consciente de qualquer lembrança. Enquanto isto ocorre, notará como sua mente se inquieta impedindo qualquer momento de quietude. Após alguns minutos, a mente evocará lembranças sem o menor controle; o leitor se verá fadado a mundos e lembranças dos quais não poderá sair nem os quais

poderá controlar. A atividade que provoca a aparição de lembranças uma atrás outra, com ou sem correlação alguma, denomina-se de *manas*. Quando existe uma relação entre as lembranças e também apresenta certa ordem, então lhe denominamos de “raciocínio”; se esta correlação é correta e ordenada podemos chamá-la de “lógica”, mas quando há uma completa desordem em sua aparição então lhe denominamos de “dúvida” ou “desespero”, devido a falta de controle mental com a que fluem as lembranças.

Também podemos chamar a *manas* de “flutuação mental”, pois gera o incessante movimento da memória. Normalmente na mente há mais momentos de flutuação mental que instantes de quietude (*budhi*). Geralmente dizemos que *budhi* emerge quando *manas* se aquieta. Devido a isto se afirma que existe saber quando não há dúvida, e que quando há dúvida não há saber. A atividade manásica não é propensa a refletir a força consciente, da mesma maneira que um lago não reflete nitidamente o firmamento, quando sua superfície está cheia de ondas. É necessário acalmar as ondas mentais para que a compreensão possa manifestar-se. Visualize o leitor um trem de muitos vagões que passa velozmente diante de você. O espaço entre os vagões quase não se nota, é momentâneo, fugaz, semelhante a atividade de *budhi* no momento da cognição. É mais fácil notar a continuidade dos vagões; da mesma forma, é mais fácil viver na complexidade do movimento mental sem ser consciente do que ali ocorre.

Uma mente descontrolada leva ao desespero, a inquietude e a dúvida; uma mente mais calma é investigadora, laboriosa e estável. Segundo sejam os hábitos, assim existirá um material sutil que se decante nesta direção. Quando *manas* possui excesso de *tamas*, inércia, a mente se faz preguiçosa, egoísta e ignorante; por sua vez, quando em *manas* há excesso de *rajas*, atividade, a mente se faz impetuosa, soberba e inquieta. Segundo sejam os hábitos mentais, assim se constituem a matéria sutil que converge em uma atividade mental de acordo com eles.

Tanto em *budhi* como em *manas* existem infinitas possíveis graduações, semelhante as cores que possuem infinitos tons segundo seja a mescla das cores básicas que as compõe. Não se requer de imensos contrastes na constituição da matéria mental para se criar variações de qualidade de pensamentos, emoções, paixões e sentimentos. Bastam pequenos vestígios de mudanças nos constitutivos materiais do *antakarana* para introduzir uma imensa gama de conteúdos mentais. Esta teoria dos constitutivos da mente se assemelha bastante com a formação da matéria que a física quântica propõe: segundo seja a mescla dos quarks, cuja energia é um terço, e segundo sua relação para gerar com outros quarks três terços de energia, ou produzir uma cor branca quando se relaciona com um anti-quark, assim surgem as diversas características da matéria emanadas de condições de mescla preestabelecidas. Dependendo do fracionamento dos cinco elementos sutis e da mescla entre seus aspetos sátvicos, cria-se um *upadhi*, um órgão denominado mente ou *antakarana*, cujo fim primordial é reconhecer, processar e sintetizar informações e poder, por sua vez, refletir uma consciência individual.

Chitta

Atividade mental que impede que um objeto experimentado seja esquecido. O mais próximo ao pensamento ocidental é defini-la como “memória”. *Chitta* possui variadas funções que oferecem uma imensa novidade no tratamento da cognição. Se compararmos a mente ao mar, poderemos definir que *manas* é o movimento das ondas e a origem de toda corrente marítima que coloca em movimento as águas; *budhi* corresponderá ao momento onde as ondas alcançam um instante de quietude, ou seja, quando encontram o máximo de seu tamanho e iniciam decrescer ou quando a onda está morta e a superfície do mar se prepara para criar uma nova onda. Neste exemplo, *chitta* corresponde as águas contidas na forma de mar. *Chitta* é o conteúdo mental, a matéria mental.

O *antakarana*, como já dissemos, está composto da mescla dos aspectos sátvicos dos cinco elementos sutis. Esta matéria mental possui um aspecto brilhante e parece metal de prata. Sua textura é extremadamente plástica, como é o metal mercúrio, e possui um brilho semelhante ao que vemos quando um ramo de árvore esconde o sol e notamos o resplendor quase ofuscante que se projeta no céu.

A matéria mental, *chitta*, devido a sua plasticidade pode assumir qualquer aspecto, tal como a água assume os limites do recipiente que a contém. *Chitta* apenas pode assumir representações previamente estabelecidas, as que genericamente denominamos de nomes e formas. Assim, *chitta* pode assumir a condição de um aroma, uma sensação tátil, uma cor ou uma forma visual. Todos os conteúdos que se estabelecem na mente tendem a permanecer na forma de memória e a servir de padrão referencial as percepções futuras. Quando estas percepções futuras ocorrem, são comparadas com as previamente existentes na memória e se determinam julgamentos cognitivos denominados na filosofia de “sintéticos” e no *vedanta* de “budhicos” ou “percepções conscientes”.

Chitta, devido sua natureza plástica, assume formas prévias semelhante a que a água do mar que constantemente adota os limites das praias que toca. A matéria mental está em constante movimento, sua atividade incansável possui uma imensa velocidade. O movimento constante de *chitta* denomina-se de *manas* e a quietude de *chitta* denomina-se de *budhi*. Existe dúvida e inquietude mental quando *manas* atua, e se apresenta como *budhi*, a cognição, aprendizagem e o conhecimento quando a matéria mental adota um nome ou uma forma prévia e momentaneamente se detém.

Chitta possui outro aspecto, e é da matéria mental que flui e a que normalmente não se tem acesso conscientemente. Em nosso exemplo do mar está matéria mental se assemelha as imensas quantidades de água que formam as profundidades do mar. Ali, nestas profundidades, *chitta* assume o rol de memória

a longo prazo ou o inconsciente, ou seja, o conjunto de memória ao qual normalmente não se acessa de forma voluntária.

Chitta possui a capacidade de recordar a infinidade de nomes e de formas. Imagine o leitor que *chitta* é como um vidro transparente que, sem importar em que direção se situe, parece se impregnar com as cores e as formas que através dele se observa. *Chitta* é um insondável mar de informações que fluem na superfície consciente, adotando os limites de informações previamente conhecidos. A essencialidade de *chitta* é recordar, impedir que as formações que assume sejam esquecidas; devido a isto *chitta* se assemelha a memória mas, finalmente, é apenas matéria mental disponível a constituir-se em nomes e formas previamente estabelecidos. E que *chitta* assume fundamentalmente um tipo de forma ou nome devido aos hábitos, circunstância que favorece por reforço a aparição a consciência de informações específicas e comuns.

Ahamkara

É a atividade mental que pressupõe um sentido de identificação com a percepção. O Ocidente a chamaria de “sentido de eu” ou “egoísmo”. Note o leitor que a totalidade das ações que aparecem em nossa linguagem fazem parte de um tipo de conjugação a que denominamos de “tempo infinitivo”. Assim, os verbos em infinitivo se caracterizam em espanhol/português brasileiro por terminarem pela letra “r” e caracterizam um tipo de ação ou atividade específica. Caminhar, comer, ir, voltar e diversos outros exemplos mais de ação descrita em tempo infinitivo. Com o fim de determinar quem realiza a ação que a inflexão verbal determina, a gramática espanhol/portuguesa tem estabelecido os pronomes pessoais: eu, tu, ele, nós, vós e eles. Ao indicar os verbos se busca relacionar a ação com um executor, então geralmente se diz, por exemplo, “nós caminhamos”, querendo determinar que a ação é realizada por um conjunto de pessoas no qual eu me incluo. *Ahamkara* é algo parecido a afirmação verbal, pois nomeia a ação provendo a ela

de um sentido de associação singular ou plural, por exemplo, “quero” ou “queremos”. Em ambos os casos *ahamkara* leva a matéria mental, não apenas a assumir um nome e uma forma, mas também que este nome e esta forma tenham um proprietário, ou seja, se relacionem com um agente ativo.

Suponha o leitor que vai a buscar o seu filho pequeno na escola. Entre todos os pequenos que se encontram você busca cuidadosamente qual corresponde por tamanho, cor de cabelo, feições e demais ao seu. As demais crianças que surgem se parecem a seu filho mas não despertam em você o sentido de propriedade que surge no mesmo momento que encontra a sua criança. Então o pai orgulhoso pensa ao vê-lo: “é meu filho”. Nos demais casos se pensa dizendo “esse não é meu filho”, “aquele também não”, sempre, associado a toda uma agitação mental, *vritti*³⁰ ou pensamento, existe um sentido de *ahamkara* associado que induz certo sentido de associação a ação. Note o leitor como em todos os países sempre a terra possui um dono, e se este não é privado, então pertence ao estado. A matéria mental é como a superfície de um país: sempre possui um proprietário, ou vários, segundo seja o tipo de pensamento que ocorra no momento de perceber.

Adicionalmente *ahamkara* é a atividade do *antakarana* que possui a função de diferenciar quem é o conhecedor e assim, distingui-lo do conhecido. *Ahamkara* é uma atividade mental que produz sentido de diferenciação e por extensão, dualidade na cognição. O universo se experimenta, graças a presença do *ahamkara* na percepção, como um contínuo de objetos diferenciados que ao mesclarem-se formam a criação.

Todas as tradições sérias que forjam disciplinas interiores, buscam desfazer a atividade *ahamkara* do *antakarana*, da mente. Há uma característica muito interessante que acontece na percepção e que a converte no eixo central de todo caminho espiritual. Resulta que a atividade budhica impede a aparição

30. *Vritti* é a agitação mínima por excelência, aquela simples porção de matéria mental agitada. Se traduz *vritti* como “pensamento” ou “agitação da matéria mental”, *manas*.

de *ahamkara*, ou seja, quando existe *budhi* não há eu. Semelhante como, quando existe a atividade manásica não há presença búdhica, de igual forma quando há *budhi* não há *ahamkara*. Busca-se então perpetuar uma modalidade de percepção que seja o suficientemente estável para que não nasça o sentido de associação, do *ahamkara*. Ele se alcança quando a reação cognitiva acontece relacionada ao presente, ao aqui e agora. Quando a atenção se firma em uma exclusiva e contínua reação presencial, então o sentido de *ahamkara* desaparece, introduzindo-se a cognição em um novo estado de Consciência.

A prática de uma reação presencial constante e contundente a um presente contínuo vai desenvolvendo categorias de mente irreconhecíveis para a maioria dos seres humanos. Uma das consequências mais comuns que tende a despertar em quem alcança uma percepção contínua ao momento presente é a aparição de *viveka*, ou a qualidade discernitiva metafísica. *Viveka* é o aspecto metafísico de *budhi*, e manifesta a qualidade de compreender a natureza do Real mediante uma via intuitiva e direta.

O *budhi* está preparado para realizar determinações de prós e contras, sobre os eventos profundamente mutantes e móveis, ou seja, outorga a capacidade de ser consciente de objetos condicionados pela atividade incessante de *manas*. Quando a atividade manásica se desacelera e se habilita a opção de aquietar a mente, a qualidade determinativa búdhica da passagem ao nascimento de uma contraparte “discernitiva”. A função discernitiva, *viveka*, outorga a compreensão de realidades metafísicas que derivam no entendimento do que é o Real versus aquilo que é ilusório.

Sankara estabelece, portanto, que a faculdade discernitiva chamada *viveka* é o meio adequado para se compreender a verdadeira natureza de *Atman* e conseguir diferenciá-lo claramente dos restantes *upadhis* ou estruturas aparentemente limitadas.

SLOKA 18

“Da mesma maneira que a lua parece mover-se quando as nuvens se deslocam sobrepostas no céu, assim também é para a mente carente de viveka, discernimento, o Atman parece estar ativo, quando na verdade a percepção do mundo é apenas uma sobreposição mental no qual intervêm os sentidos”.

Quando observamos as nuvens podemos notar que elas adotam variadas formas: um rosto, um animal ou um objeto qualquer; podemos inclusive notar na composição de detalhes que definem claramente a imagem que imitam. No momento seguinte o vento desfaz em fragmentos a nuvem e novos pedaços se unem para formar uma nova imagem. Quando a nuvem está construindo-se e não consegue configurar uma nova imagem, devemos esperar e notar como o conjunto de frações se articula para gerar um objeto que concorde com algo instaurado em nossa memória. Assim, as vezes, se é necessário esperar alguns segundos ou minutos para que se possa vislumbrar uma nova forma de acordo com nossas lembranças. Suponha o leitor que o processo que descrevemos com as nuvens não seja tão lento, mas sim que adquire a imensa velocidade plástica com a qual *chitta* se adapta formando um objeto reconhecível. Saiba, então, que existem três atividades: a matéria plástica, o processo de adaptação a uma forma e a imagem final denominada *chitta*, *manas* e *budhi*, respectivamente.

Cada imagem que se forma no céu possui características distintas que finalmente correspondem as informações da memória. É graças a esta correspondência que posteriormente relacionamos a imagem da nuvem com a lembrança. Inclusive cada pessoa é capaz de perceber uma forma diferente segundo seja a sua ordenação de detalhes que considere existir no conjunto da composição. Este conjunto de composição é uma sobreposição de detalhes, de características essenciais que a mente unifica mediante um nome e uma forma. A mente converte a uma composição qualquer na soma total de detalhes que a formam e, segundo seja o nível de concordância destes com os existentes

nas imagens provenientes da memória, então conseguimos definir a semelhança entre ambas, ou seja, emitindo um julgamento cognitivo, afirmamos que esta imagem se parece a um cachorro, a uma flor ou a qualquer outra coisa.

Cada nome ou cada forma está composto de detalhes que, por sua vez, formam uma composição cuja imagem apresenta sua própria identidade e difere de qualquer outra. A mente, o *antakarana*, devido a memória estabelecer uma base de dados, sobrepõe detalhes com os quais constrói as imagens. As imagens percebidas, qualquer que estas sejam, são a sobreposição de informações que somadas dão sentido de unidade a cognição. Isto é, todo objeto percebido é a sobreposição de detalhes armazenados na memória. Estes detalhes cognitivos são formados por outros prévios, assim sucessivamente, dando a entender que qualquer sistema fechado que se conheça no final está composto de infinitas informações. Se, por exemplo, a nuvem nos lembre duma paisagem, notaremos que nossa imagem mental chega a relembrar detalhes de como pode ser o bosque que faz parte da composição. No entanto, o bosque pode fracionar-se também em uma árvore e esta árvore em ramos e assim sucessivamente. Toda percepção se detecta e se registra como sendo uma unidade, mas é essencialmente uma infinita soma de informações. Toda percepção é um acúmulo de sobreposição de informações que se integram como uma unidade consciente.

Os sentidos físicos, quando intervêm na percepção, são simples intermediários que somam detalhes codificando-os ainda mais; esta informação adicional se apresenta como cor, forma, odor e demais atributos em ilimitadas possíveis graduações.

Atman é a força consciente que outorga sentido de realidade a todo sistema fechado pelo fato de conhecer-se ou conhecê-lo. *Atman* é o brilho de saber consciente que dá vida as sobreposições mentais. *Atman* é o contínuo consciente onde toda cognição ocorre, e se mantém inalterado e imutável semelhante a uma parede que permanece intacta diante as sombras que sobre ela se projetam.

O jogo dos objetos nascendo, crescendo e morrendo, junto a evolução a que se encontram fadados, são somas de detalhes que eles mesmos produzem. É a Consciência como âmbito inalterável que dá vida e sentido a criação, tal como em um sonho, a consciência do sonhador outorga vida aos personagens do sonho e a toda a criação que ali momentaneamente ocorre. O *Atman* parece estar ativo criando o universo, mas o dinamismo que procura o jogo de *maya* acontece pela simples atividade do *karma*, e impulsiona a mente a preferir por hábitos um tipo de relação de informações para formar unidades cognitivas específicas.

SLOKA 19

“O corpo denso, os sentidos e budhi se ocupam cada um de sua respectiva tarefa com o suporte da Consciência inerente a Atman, semelhante aos homens que trabalham com a ajuda da luz que é inerente ao sol”.

Na natureza cada sistema cumpre sua tarefa, realiza seu labor. As estações se sucedem como sempre sucederam e o campo gravitacional funciona sob restritas regras. A chuva, o vento e o sol cumprem cabalmente suas tarefas dia a dia, instante a instante. Sua atividade pode ser previsível, razão pela qual as leis que formam sua atividade são universais. Tudo caminha pelo sendero da universalidade menos o ser humano. O ser humano, como uma estrutura psicológica, usufrui da qualidade de identificar-se³¹ com aquilo que pensa, e como não percebe com clareza se interage ou não ao momento presente, sua apreciação do correto e do real é sempre relativa.

A faculdade egóica que no *vedanta* denomina-se de *ahamkara*, possui uma conotação material extremadamente tamásica. Na combinação dos elementos sutis que formam o *antakarana*, as frações tamásicas impõe um viés de identificação e de apropriação de tudo aquilo que se pensa. O ser humano, no geral,

31. Devido a faculdade *ahamkara* que faz parte de sua mente, *antakarana*

possui atualmente esta circunstância; sua mente tende ao profundo egoísmo que geram os ingredientes tamásicos que a compõe. A constituição material do *antakarana* estabelece funções e características que determinam peculiaridades em cada indivíduo; cada mente é como uma presença digital, única e pessoal.

O corpo denso possui a faculdade de interatuar com os sistemas constituídos de semelhante condição material. Atua de maneira natural reagindo com saúde ou com enfermidade segundo sejam as variáveis da comida, exercício, etc. somados isto ao equilíbrio do sistema de quem psicologicamente o comanda. Os corpos físicos a maioria das vezes se autorregulam se lhes é dada a oportunidade de fazê-lo; se não, respondem a remédios, massagens, e dezenas de terapias que lhes permitem voltar ao equilíbrio.

Da mesma maneira ocorre com os sentidos: sua atividade e respostas se desenvolvem segundo as diretrizes de sua estrutura material. Um sentido não se cansa por si e nem renega sua natureza. Sempre estão dispostos a ser intermediários da informação que por eles circula. Qualquer deficiência geralmente genética ou fruto de excessos ou de deficiências em seu funcionamento, jamais será decisão deles mesmos. A mente do ser humano está cheia de confusão devido ao egoísmo que sente. O faz ver modificadas e contrárias as coisas, levando seu corpo e sentidos ao excesso ou as deficiências que não são parte de sua natureza.

O ser humano, por sua vez, conta com uma ferramenta maravilhosa para conhecer-se: a capacidade de compreensão estabelecida no aspecto *budhi* de sua mente. Possuímos de forma natural o don da atenção. A atenção é a faculdade que direciona a consciência e permite estabelecer o conhecimento. Aquilo que se atende se conhece, aquilo que não se atende se desconhece. Graças à atenção, que é o aspecto dinâmico da Consciência, podemos determinar julgamentos e reconhecer a existência do meio que nos rodeia; graças a atenção conhecemos e aprendemos. Esta capacidade de atenção é natural, flui desde nossa mente e retém os objetos materiais ou ideais dando-lhes

sentido de existência e de realidade. Graças a atenção somos conscientes de nós mesmos e do mundo que nos rodeia. A realidade se revela em sua verdadeira magnitude graças ao Saber e ao Amor. Quem é destro na atividade inegoísta do Saber e do Amor consegue ver que todas as coisas fazem parte de uma rede que interatua além do tempo e do espaço. O grande problema da percepção é o egoísmo, ou seja, experimentar as coisas como múltiplas e diferenciadas umas das outras, o egoísmo sobrepõe nossa realidade pessoal à realidade natural, fazendo ver as coisas desde uma ótica relativa e equivocada.

A Consciência não é uma atividade fracionada nem diferenciável, por ser um contínuo; se assemelha ao espaço, cuja natureza não apresenta partes. Basta sustentar a atenção sobre qualquer evento que seja parte de um contínuo presente para que este objeto revele de maneira espontânea as diversas simetrias de sua natureza, ou seja, se experimenta como a si mesmo e, simultaneamente, como seu complemento. Esta forma de percepção é a mais amorosa, a mais inteligente. Permite ver a tudo em todas as coisas; reconhece que o conhecedor do todo é não-diferenciado do próprio todo conhecido.

De forma análoga a uma boneca de sal se diluí e se distribui uniformemente no mar ao ser lançada a ele, as diversas modalidades de consciência individual que surgem nos diversos campos de percepção se resume por fim na Consciência não-dual, que é seu substrato essencial, graças a sustentação da atenção em qualquer evento que faça parte do momento presente.

É a função que temos denominado de *budhi* a que, em sua condição de suporte, receptáculo ou reflexo da Consciência, induz a aparição da consciência individual, atividade que outorga compressões momentâneas e sequenciais associadas aos instantes no qual a flutuação da matéria mental se detém, fato que sucede quando há coincidência entre o percebido e o previamente arquivado na memória. Enquanto *manas* não for detido, se está no que chamamos “estado de dúvida”, e neste estado não se pode gerar nenhuma compreensão.

A presença de atividade consciente, *budhi*, que ocorre no momento em que se produz a quietude de *manas* e, assim, a inibição do *ahamkara*, se explica pela alta qualidade rajásica que opera em *manas*. As naturezas rajásica e tamásica possuem precisamente o poder de impedir que se vislumbre o reflexo pleno da Consciência quando estas fazem parte integrante do *antakarana*. Apenas *budhi*, por sua condição de induzir no sistema a aparição da qualidade sátvica, se é possível conter e refletir em forma de compreensão a força inerente a Consciência.

SLOKA 20

“Alguns, por falta de discernimento, viveka, sobrepõe a Atman puro, que é Existência e Consciência Absolutas, as características e funções do corpo denso e dos sentidos, tal como as pessoas comuns atribuem as características de ‘côncavo’ ou ‘azul’ ao céu”.

A função budhica poderá ajudar a uma pessoa a ser inteligente, racional, sensível, inclusive lhe pode capacitar em elaborar um corpo de ideias altamente construtivo, mas poderá carecer da compreensão metafísica que se requer para determinar o que é o Real e o que é o ilusório. *Viveka*, como discernimento metafísico, é o aspecto superior de *budhi* e vai dirigido exclusivamente ao aspecto que determina o que é o Real.

Um indivíduo pode possuir *viveka* sem necessariamente apresentar uma capacidade budhica intensa. Semelhante a que se é possível ser consciente do mundo e de si mesmo, inclusive chegar a obter compreensões intelectuais profundas, mas se negado as realidades superiores. A maioria das pessoas que desenvolvem seu intelecto e chegam as compreensões matemáticas ou físicas acreditam terem alcançado a um nível superior de vida; no entanto, suas mentes seguem preparadas para cair na tristeza, o desespero e o erro de não se saber nem compreender o que é a Realidade que existe além da mente. A patologia do egoísmo voa sobre a mente dos seres humanos com tal naturalidade que o

mundo se converteu em um reflexo de si mesmo. Deus tem que possuir aspectos melhorados além de sua pobre condição pessoal, pois creem que o universo é um reflexo do tipo de natureza pessoal que a mente adota quando se pensa no divino.

Viveka pode nascer em qualquer indivíduo. É um sentido representativo que permite de ver ao divino como algo natural. Implica em experimentar o mundo e reconhecê-lo como um maravilhoso sonho. Há aqueles que sabem que as coisas são realmente algo que sua mente não consegue sequer tocar; muitas vezes, levados pelo desespero em conhecer a essência do Real, sofrem o isolamento de pensar diferente dos demais. Pressos na busca que seguramente não possui uma lógica dialética, poucos alcançam despertar a habilidade mental de subtraírem-se e reconhecer de maneira direta o metafísico. Quando acontece, quando a via ao divino se esclarece graças a compreensão superior que agora possuem, convertem sua vida em um imenso desdobramento que apenas o silêncio pode conter. O discernimento, na forma de *viveka*, confirmará que a Consciência não apenas é uma teoria eloquente, mas sim que seu rumor vai além, dando sentido a vida e a morte.

Quando se busca expressar a ordem da realidade metafísica com a faculdade budhica e não com o aspecto *viveka* da mente, então as descrições do Real são várias e erradas. Chega a serem tão absurdas as teorias que *budhi* pode construir que é capaz de encontrar sentido a perguntas como quantos anjos podem caber na ponta de um alfinete. Assim, escondido o Real sob o véu da estupidez, se converte em falso, o essencial em momentâneo, levando o coração do ignorante a crença de que sua fé é o caminho para o estabelecimento de verdades que saciarão sua sede pelo divino.

A falta de discernimento metafísico, *viveka*, sobrepõe qualidades humanas ao Real, faz ver a divindade com características e atitudes que evidentemente não possui. Um dos maiores inconvenientes do equivocado discernimento metafísico é apresentar a Deus como sendo um ente isolado. A religião, mesmo

pregando sua onipresença, não ensina ao fiel que ele mesmo possui a qualidade divina e que, ainda lhe afirmam que é um pecador, sua natureza essencial é sempre livre, sem que nada possa ser intermediário de sua própria liberdade.

SLOKA 21

“Assim como o reflexo da lua sobre as águas parece mostrar que está se encontra em movimento, da mesma forma, devido à falta de discernimento, viveka, o atuar, o regozijo e todas as limitações que pertencem apenas a mente são falsamente sobrepostas ao Atman”.

Realmente é difícil de ultrapassar a ilusão da dualidade, semelhante a dificuldade de reconhecer quando se dorme, a própria inexistência do sonho e assim avaliar que árvores, pessoas, céu, pensamentos e diversas vidas que compõe o momento onírico de todo indivíduo são ilusórios.

Para uma mente humana é praticamente impossível perceber um objeto e junto a ele simultaneamente, detectar o complemento dos restantes eventos existentes. Cada objeto parece ser realmente individual, inclusive o próprio sujeito parece claramente ser uma entidade independente das restantes. Nossa cognição é tão básica que não logramos notar a rede que integra simultaneamente todo o existente. Sabemos como ver a nós mesmos, como sendo gotas de chuva que caem uma a uma, mas não sabemos ver a nós mesmos como o mar que contém todas as gotas mantendo sua identidade, mas não suas fronteiras. Nossa mente nos aprisiona em fronteiras conceituais e converte os nomes e as formas pensadas em tijolos que formam a prisão da própria percepção dual.

Algumas vezes, no entanto, a característica intuitiva da percepção se faz presente oferecendo uma compreensão nova e direta da realidade. Esse ambiente intuitivo nos aproxima de um saber que inclui uma diferente forma de compreensão. Não sabemos como a intuição opera, pois nossa mente sequencial

favorece a presença de mecanismos exclusivamente dialéticos e sequenciais. Mas, percebida a intuição, ninguém pode negar a força de seu saber. Como se é possível saber, quando ela se integra em apenas um instante, em uma compreensão completamente válida? Existem diversas formas de compreensão que a mente ainda não consegue desenvolver; a intuição é uma delas, e sua natureza recém inicia o seu despertar. Assim, a percepção não-dual que é também um outro atributo da cognição que o ser humano desafortunadamente desconhece.

A percepção não-dual nasce quando se extingue na cognição a atividade *ahamkara* da mente. Quando o *antakarana* é capaz de refletir o influxo consciente, tal como a um espelho que ao ser limpo, reflete a magnitude da forma frente a ele, então os objetos conhecidos, qualquer que sejam, são percebidos na verdadeira magnitude de sua natureza. Os objetos cobram uma relação com os demais, tal como um objeto cobra relação com seu passado e o passado dos restantes objetos. Mesmo assim, na percepção não-dual se experimenta de maneira que o momento presente contém o passado e ao futuro, que a experiência da percepção contínua do presente relaciona todas as coisas, como a um campo gravitatório que relaciona as massas distantes.

A limitação da percepção que fala a *sloka* implica em reconhecer a um objeto diferente de qualquer outro. “Diferente” não implica diversificação no espaço e no tempo. “Limitação”, e por fim “diferença” se refere a uma condição cognitiva na qual quem conhece se experimenta diferente ao conhecido. A não-dualidade não impede que uma vaca siga sendo vaca, nem que o pasto que a alimenta deva desaparecer. A não-dualidade implica em que a mente é capaz de firmar a percepção sem delimitá-la a um alguém que a conhece. Então, desde esta nova perspectiva de saber, a Consciência assume seu atributo de continuidade, sendo ela, a Consciência, a quem conhece e por sua vez, simultaneamente, o conhecido.

A ausência de *ahamkara*, o sentido de egoísmo, leva a Consciência em si mesma a natureza ativa da cognição. Não é o eu quem conhece, sempre tem sido a Consciência quem conhece.

Quando o “eu” se assume como sendo o agente ativo do saber, induz mentalmente uma sobreimposição sobre a Consciência, como aquela aonde ao se observar uma corda se experimenta ver a uma serpente. Assim, falsamente, a consciência pessoal assume o rol de crer que conhece, tal como em um sonho, aonde cada sonhador acredita que é consciente de sua própria individualidade.

A presença do *ahamkara* na mente imbuí na percepção o sentido de identificação do ator com a ação, tal como o sal que contamina seu sabor a água na qual ele se dilui. Note o leitor como se pode por momentos ler o presente livro e não detectar que o está fazendo. Existem momentos aonde desaparece o sentido de ser o proprietário da ação mental ou física que se realiza e, no entanto, a ação não deixa de realizar-se devido a isto, nem inexistir a atividade de compreender-se. Assim, semelhantemente, a consciência situada de maneira natural no momento presente é capaz de ser o agente ativo sem que necessariamente interceda a presença do eu. Quando isto ocorre, quando a presença do eu desaparece na cognição, nascem novas formas de inter-relação entre o conhecedor e o conhecido, ou seja, emerge um dos três novos tipos de cognição possíveis: Observação, Concentração e Meditação.

SLOKA 22

“Apegos, desejos, prazeres, sofrimentos e outros, se percebem como existentes enquanto perdurar a função budhica da mente; deixam de ser percebidos no estado de sono profundo, quando a mente deixa de funcionar. No entanto estas funções diferenciadas que operam na mente pertencem apenas a ela e não a Atman”.

Dependendo da qualidade e da quantidade de cada um dos constituintes do *antakarana* percebemos um tipo de comportamento de cada pessoa. A mente é um caleidoscópio de informações que, segundo se estabelece os padrões serão determinadas as reações.

Um excesso de qualidade e quantidade de *budhi*, intelecto, provê um tipo de pessoa reflexiva, mas profunda, com sentimento global de unidade e respeito aos demais. Uma pessoa com intelecto estável possui a destreza ao tomar decisões e claramente se estabelece diante de um problema qualquer e adota a ele uma resposta adequada. Evidentemente existe uma infinidade de graduações diante de uma possível resposta de uma mente com predominância de *budhi*, mas é claro que alguém assim possui um critério e então pode tomar as decisões. Também *budhi* pode desenvolver-se em um aspecto específico como uma reação particular a um evento da vida. Neste caso, a pessoa possui uma destreza conceitual nesta área específica do saber e lhe será claro estabelecer os prós e os contras sobre os quais tem que desenvolver-se. Um *budhi* pode também considerar a própria crença como sendo a única e a válida e buscar induzir uma resposta manipulada nas demais pessoas. Um *budhi* ativo implica uma mente inteligente, com capacidade de lógica e um raciocínio linear. No entanto, nada dele é válido em si mesmo sem um entorno aonde o Real já se vislumbra e aonde *viveka* se mostra como transfundo da personalidade.

Um excesso de qualidade e quantidade manásica na mente favorece a inquietude e a dúvida. Leva a pessoa a ser altamente emotiva e desconfiada a qualquer reação psicológica que queira o sentimento ou a paixão. Leva as pessoas do extremo de sentir o ardor da bondade a fundir-se nos abismos da tristeza. A atividade manásica imprime um sentido profundo de mudança no mundo interior, favorecendo uma reação diferente diante de circunstâncias semelhantes. *Manas* permite sentir em excesso, pender as circunstâncias de afeto, construtivas ou não, dependendo dos demais componentes existentes no *antakarana*. *Manas* se detecta como pensar sem descanso, como estar invadido pelas recordações, como pensar sem controle algum em direções que não possuem sentido. *Manas* também é o pensar por pensar, falar por falar, sofrer sem encontrar uma causa, é querer com intensidade proteger o que se ama por apego.

Um excesso de *ahamkara* na mente produz um profundo sentido de egoísmo. Faz acreditar que se é o centro da criação e que toda a realidade está limitada ao próprio e exclusivo parecer. *Ahamkara* altera o válido em algo sem valor e faz com que qualquer atividade se justifique em detrimento do próprio interesse pessoal. Faz com que tenha mais valor o particular do que o coletivo e converte a ação em manipulação. Um *ahamkara* estável pode também levar ao sacrifício e a preterir-se pelos demais, e pode chegar a imprimir um sentido natural e inclusive inocente na conduta pessoal. A gama de possibilidades da faculdade *ahamkara* varia em função da natureza de *tamas* e das demais *gunas* que exista em sua constituição, podendo oferecer graduações imensas de toda ordem, sempre relacionadas com o controle e a presença de ser ator na ação.

Chitta é o constitutivo essencial da mente, é a matéria mental, a memória. Sua presença na companhia de *ahamkara* cria o inconsciente e a memória em longo prazo. Em relação com o *budhi* permite determinar os prós e os contras de uma percepção induzindo sentido de sínteses no conhecimento. Associada a *manas* induz a pesadelos de pensar sem controle e de sentir sem razão. *Chitta* é a matéria primordial que, segundo sejam as demais funções, favorece a uma resposta específica e a um comportamento habitual. *Chitta* cria o sentido de hábito e induz a uma resposta na forma de condicionamento social ou genético. *Chitta* cria reações automáticas e respostas previsíveis no comportamento do dia a dia. *Chitta* cria hábitos, dependências, convenções sociais e pessoais, todo tipo de condicionamento psicológico.

Nenhumas destas reações afetam a Consciência. A Consciência é uma atividade que sustenta a mente como o espaço sustenta os volumes. A extrema sutileza da Consciência impede que os objetos conhecidos a modifiquem. A Consciência se parece com o sol, cujos raios vivificam a ricos e a pobres, bons e maus, enfermos e sadios. A Consciência não possui um fundo ético que o *ahamkara* outorga a seus processos mentais, nem

tampouco se assemelha a nenhum dos objetos conhecidos em *budhi*. A Consciência é a força do Saber, do Ser e do Amar que continuamente dão sustento a tudo o existente.

Atman é Consciência não-dual e não se vê afetado por qualquer acontecimento que ocorra na mente. *Atman* está em tudo o que existe, mas nada do existente contém *Atman*. Note o leitor como o vidro não se afeta por transluzir a cor, nem como a morte de qualquer elemento onírico modifica o sonhador. *Atman* é tênue como o espaço e semelhante a este, não se modifica pelos volumes que contém.

SLOKA 23

“A natureza de Atman é Eternidade, Pureza, Realidade, Consciência e Bem-aventurança, assim como a luminosidade é a natureza do sol, o frescor é a natureza da água e o calor é a natureza do fogo”.

Existe uma estranha dificuldade ao se buscar definir a natureza de *Atman*, pois nossa mente tenta aproximar sua imagem a um evento previamente conhecido. Habitualmente utilizamos palavras que indiquem uma característica incomum e além de todo o limite e buscamos também acrescentar a condição de absoluto, eterno e infinito. No entanto, estes qualificativos simplesmente representam um tipo de incomensurabilidade que nem entendemos e nem temos experimentado de maneira prática.

Em si mesma, a experiência de *Atman* é inenarrável. Nem a linguagem e nem a razão são capazes de apresentar um meio para explicar sua natureza essencial. Semelhante a buscar entender algo que nos comunicam em uma linguagem desconhecida. Estamos acostumados a recordar as coisas, mas não a experimentar a condição viva de uma contemplação contínua dos eventos. A mente está preparada atualmente para registrar informação, assumir compreensões momentâneas e novamente processar informação; assim, sem descanso, o *antakarana* se

parece a um oceano em tormenta, aonde suas ondas, como pensamentos, vão e vêm impulsionados pela violência da necessidade, do egoísmo e da intencionalidade.

Quando se busca mostrar a uma criança uma pequena estrela escondida em algum canto do firmamento, primeiro buscamos localizar uma mais brilhante para que se situe visualmente; da mesma maneira, todos os atributos que buscam definir a *Atman* são simples apreciações intelectuais que não oferecem nenhuma claridade sobre sua natureza, são como fotografias de comida que não possuem nem o aroma e nem a textura para realmente alimentar o corpo. A experiência de *Atman* é única e inclusive fica registrada na mente sua experiência total, mas é impossível de se encontrar uma linguagem adequada que se aproxime em explicar sua essencialidade.

Imagine o leitor que ao observar uma paisagem qualquer, seja possível simultaneamente vislumbrar os detalhes que a compõe. Falo em detectar todos os constitutivos ao mesmo tempo e não um a um de forma sequencial. Imagine que as incontáveis características desta paisagem poderiam ser vistas, todas ao mesmo tempo, em um único instante. Poder detalhar o verde das folhas frondosas enquanto, por sua vez, se experimenta a textura das flores balançadas pelo vento. Tudo isto acompanhado do aroma do local e do som da água murmurando pela margem de pedras existentes no canal. Imagine o leitor, ser capaz de ver simultaneamente os incontáveis detalhes de uma composição e extraviar-se em um universo aonde o tempo e o espaço já não possuem a importância que antes tinham. O leitor notaria que não se encontra em um local específico, mas sim, difundido em todos os lugares e em cada detalhe da percepção. Uma experiência assim denomina-se de Concentração.

Agora imagine o leitor algo mais intenso e profundamente mais estranho. Observar a paisagem notando cada um de seus detalhes e por sua vez, reconhecer também o que esta por detrás dela, a seu redor, acima e abaixo, em todas as direções. Imagine que sua vista se converta a trezentos e sessenta graus

em todas as direções e sem limites de percepção. Por sua vez, os demais sentidos cobram semelhante condição e se perdem em cada detalhe simultâneo que possa ser tocado, escutado, degustado ou olfativamente percebido. Imagine o leitor a loucura que implica em ser consciente de tudo e em todas as partes. Mas vamos ainda mais longe e que o leitor, por sua vez, ao observar a ubiquidade de cada local, possa notar também cada evento que ocorreu ou ocorrerá. Um universo onde o tempo e o espaço se convertem em um contínuo e aonde o perceptor se dilui em cada instante e lugar existente. Saiba o leitor que quando isto ocorrer, pois lhe ocorrerá nesta ou em alguma vida, sentirá que a Bem-aventurança o preenche, que o Amor sem limites faz parte de si mesmo e que ele é tudo o que existe. Notará que o universo é sem fronteiras e que sempre tem existido sem modificar-se, mesmo que a impermanência esteja onde estiver. Será testemunha da viveza de todas as coisas e que, sem importar qual região do universo exista; ali a Consciência o reconhece existindo em uníssono com as restantes; então poderá saber que esta experiência é Meditar.

Apenas assim, então, será possível reconhecer que o Real é um oceano insondável de Bem-aventurança, de Consciência e Existência sem limites, que contém todos os atributos e que, no entanto, é neutra, imóvel e por sua vez fluindo.

SLOKA 24

"Noções tais como 'eu sei' ou 'eu conheço' são produzidas pela atividade do antakarana associada a dois aspectos de Atman: Existência e Consciência".

A natureza essencial a Consciência é o conhecimento do Ser. Conhecer implica em estabelecer a existência do conhecido. Quando conhecemos damos alento de existência ao percebido. Suponha o leitor que está caminhando por um descampado de noite; e bem próximo observa adiante e nota uma pessoa em pé; quando se aproxima para confirmar a natureza do personagem

em questão, reconhece que o que verdadeiramente existe é um poste de madeira, que é o motivo pelo qual teve o equívoco prévio de supor a existência de tal pessoa.

Inicialmente a falsa percepção leva-nos a imaginar uma pessoa, posteriormente se confirma a existência de um poste de madeira, cuja forma se assemelha a um indivíduo. Perguntamos se a percepção inicial é real; evidentemente no primeiro momento ela parece ser, mas, posteriormente ao nos aproximarmos do poste evidenciamos que não. Existe um meio de percepção absoluta? Ou seja; Existe um evento que cada ser humano conheça e que finalmente, seja idêntico para todos? A física apresenta, por exemplo, se o espaço é uma condição absoluta, isto é, se o espaço pode se percebido idêntico, sem importar o sistema de referência em que permaneça o perceptor. A resposta é não, o espaço não é uma condição absoluta; dependendo do observador e do sistema de referência que se escolha poderemos assumir uma ou outra condição de medida de um objeto. Posteriormente a física, ao advertir a realidade do espaço, se questionou se o tempo era absoluto, ou seja, se qualquer relógio marcaria a mesma hora sem importar o sistema de referência aonde se mensure o seu movimento. A resposta final foi não, o tempo também é relativo; dependendo do sistema inercial de referência que se escolha pode um relógio determinar uma ou outra medida. Apresentamos algo semelhante a respeito da cognição. Existe um sistema de percepção pelo qual uma percepção seja idêntica a cada perceptor? A resposta é não. Toda percepção oferece sentido de existência do conhecido, ou seja, sabemos que conhecemos, mas a compreensão final que temos do objeto pode ser variada.

Por exemplo, vamos estabelecer que, há um grupo de pessoas as quais pediremos que observem o tráfego de veículos de uma rua com trânsito. Logo após alguns minutos poderíamos perguntar a alguns deles qual é o tamanho do edifício do outro lado da rua, e ficaremos surpresos com que nem sequer notaram a sua presença. Poderíamos perguntar a outro do grupo, se

ele observou a limusine branca passar em frente, e novamente ficaríamos surpresos a sua afirmação, de que ele não a notou e que sua atenção estava em outros eventos. Desta forma a atenção, que é o aspecto dinâmico da Consciência, determina um campo de ação aonde ao situar-se, determina compreensão e saber. A atenção é semelhante ao capacete iluminado de um mineiro, cujo feixe de luz ilumina sempre no sentido aonde sua cabeça se direcione. O feixe de luz determina zonas de cognição e invalida outras. A atenção, ao depositar-se em uma região, determina a existência dos objetos percebidos.

A pergunta agora é: as percepções de todos os personagens que observaram a rua são reais? Para responder podemos afirmar que cada um deu certa realidade a um conjunto de eventos que percebeu, mas também podemos confirmar que cada um deu atenção a pontos distintos. A consciência outorga sentido de existência às coisas que conhecemos, mas buscar vislumbrar uma Realidade Absoluta através de um mecanismo cognitivo que seleciona detalhes ao conhecer é evidentemente impossível. Por isto a filosofia não pode testemunhar e nem encontrar a condição do Real, devido a que não existe uma forma de se saber o que seja o Real para todo perceptor. Enquanto o mecanismo dialético de comparação e posterior síntese seja o que usa a mente, se é impossível de encontrar um sentido ao Real; o Real passa a ser uma mera abstração intelectual.

Podemos ao contrário, afirmar que existe um meio pessoal no qual o conhecido adota uma forma de realidade pessoal. Mas, buscar determinar mediante um julgamento dialético a presença do Real é uma completa quimera. Então, o Real é inapreciável? A partir da perspectiva dialética, tal como se apresenta atualmente a cognição, sim, é verdadeiramente impossível alcançar a percepção do Real. É necessário reavaliarmos as definições do que é o conhecimento e do que é a Realidade.

O *vedanta* assume uma via diferente para solucionar estas perguntas fundamentais e apresenta que, o Real seja uma forma de cognição aonde o perceptor estabelece um conjunto de

percepções simultâneas a respeito de um sistema conhecido e a seu complemento. No entanto, uma percepção deste tipo apenas se alcança na medida em que na mente não exista vestígio de sentido individual, ou seja, na medida em que o sentido de *ahamkara*, egoísmo, desapareça. Devido a que o “eu” seleciona de maneira espontânea as partes do campo a conhecer e estabelece por critério volitivo os eventos que detecta e outros que não, se converte então o eu em uma atividade desintegradora e relativizante da cognição.

Em virtude do anterior, existe uma realidade pessoal na medida em que se aprecie na mente o sentido de eu, e outra Realidade que se estabiliza na medida em que o perceptor não difere do objeto conhecido. Esta última modalidade de cognição denominamos de “não-dualidade”. A diluição do eu não leva a inexistência dos objetos, mas sim a uma integração não diferenciada deles. Os objetos mantêm sua identidade, mas perdem as fronteiras que os delimitam como sendo diferentes do conhecedor. Semelhante ao exemplo prévio já apresentado, aonde as gotas de chuva se percebem enquanto caem, umas diferentes das outras. Ao cair e difundir-se em um lago, cada uma das gotas mantém sua identidade, mas perdem as fronteiras que as diferenciavam entre si; assim desta maneira, a cognição não-dual estabelece um nível de realidade aonde, sem importar qual sistema de referência se adote, o objeto sempre é o mesmo junto com seu complemento cognitivo, devido a que tudo está em todas as partes e em todas as coisas.

Por isto *Sankara* afirma que qualquer julgamento onde se estabeleça a presença do eu, como em “eu conheço” ou “eu existo”, possuirá um nível de relatividade no qual o *Atman* estará presente na forma de Consciência, mas jamais nenhum destes conteúdos iluminados, qualquer que seja, poderá evidenciar a essência de sua natureza.

“Atman não-dual nunca experimenta qualquer mudança, assim como tampouco budhi se encontra jamais dotado de Consciência. O homem ignorante, no entanto, acredita que Atman é idêntico a budhi, e assim cai sob a ilusão de considerar-se a si mesmo como se fosse ele quem vê e ele quem conhece”.

Todo objeto percebido é uma sobreposição de características previamente estabelecidas na memória. Observar um felino implica em sobrepor mentalmente os conceitos de velocidade, força, dentes agudos e grandes, rugido, garras, pele amarela, bigodes, agilidade, perigo e algumas características mais. A mente constrói uma identidade tomando detalhes previamente estabelecidos e juntando-os através de um nome e de uma forma genérica que contém todas as características. Assim, todo nome e toda forma é a sobreposição de incontáveis características. Evidentemente a sobreposição não é infinita, pois se assim fosse se contemplaria o objeto e seu complemento. A presença de *ahamkara* na mente delimita a soma de nomes e de formas que formam a unidade que, por sua vez, possuirá seu particular nome e forma.

Toda pessoa passa sua vida construindo unidades cognitivas tendo como base frações prévias. No entanto, cada fração prévia por sua vez é uma unidade cognitiva com seu respectivo nome e forma. Desde nossa infância, o nível de complexidade da percepção aumenta passando de construções mentais simples que contém conceitos como abaixo, atrás, mão e olho, a outras mais complexas que levam ao entendimento do amor, energia, morte e muitas mais. Finalmente, nossa mente possui no formato de memória uma base de dados com eventos cognitivos ricos em detalhes que, naturalmente, resumimos mediante seu particular nome e forma. Passados os anos assumimos que a imagem do leão formada na memória possui os atributos que o define com clareza. Quando, posteriormente, observamos um filme da selva, notamos a facilidade com a qual reconhecemos a imagem da televisão com a imagem representativa na memória; então compreendemos que aquilo observado é um

leão, sabemos com certeza que o felino corresponde ao rei da selva. Desta semelhante maneira passa com tudo que é escutado, tocado, percebido pelo olfato e degustado.

Estamos acostumados a assumir que a imagem observada, como é o leão neste caso, possua uma unidade conceitual que vem acompanhada de identidade própria. Atribuímos a sobreposição de eventos um sentido de realidade, tal como a soma de pinturas, cores, moldura, tela, enquadramento e tecido que denominamos de “quadro”. Fazemos da sobreposição um conteúdo ao qual atribuímos seu próprio sentido de realidade pelo simples fato de ser consciente dele. Conhecer o quadro outorga atributo de existência à percepção. No entanto, equivocadamente a esta existência incluímos também o atributo de realidade. Assim, a sobreposição final do quadro ou do leão se apresenta como um evento real.

Escutar o rugido do leão, semelhante ao ato de se notar um quadro e experimentar sua existência, implica em dotar de realidade aquilo que atendemos conscientemente. Apresentar que a percepção é real pelo simples fato de ser consciente dela, de escutá-la, tocá-la ou observá-la é um engano. Finalmente, a compreensão do evento nasce da comparação do objeto com a imagem familiar contida na memória; esta imagem é uma sobreposição de características, semelhante à imagem de um santo em uma estampa, que é a soma de papel, tintas e devoção.

Qualquer criação mental é a soma unificada de atributos. Ser consciente desta soma de atributos implica outorgar um nível de existência ao percebido. Reconhecer a existência de um evento implica em assumir um nível de realidade do objeto conhecido. Mas deve-se entender que esta realidade é apenas a recriação de um quebra-cabeça cujas partes se percebem unidas e existentes. *Atman* é a Consciência que sustenta a integração da informação conhecida, aonde opera a presença do eu, tal como o espaço sustenta os volumes e suas cores sem ser modificado por eles. *Atman* é Consciência, pois é o que outorga realidade e existência a percepção.

O que *Sankara* quer apresentar nesta *sloka* é que no processo de inter-relação consciente, onde o *Atman* está de base, se produz uma sobreposição de informações que gera sentido de identificação do conhecido com alguém que o conhece. Esta sobreposição é a mais primária, cotidiana, enraizada e determinante no funcionamento da percepção do ser humano, e a mais difícil de evitar; de fato, apenas desaparecerá no salto final ao estado de Meditação.

SLOKA 26

“Quando se confunde o Atman com o indivíduo, como ao confundir uma corda com uma serpente, tem-se medo; quando ‘Isso’ sabe que não é o indivíduo, mas penas o Atman Supremo, não se tem medo”.

O problema mais sério que ocorre habitualmente na mente é a identificação, entendida como sendo o fato de reconhecer-se a si mesmo existindo independente dos demais, ou seja, “ser” e “saber-se” individual. Nos sonhos, os personagens sonhados se veem afetados pelo mesmo problema: identificam a si mesmos e creem que existem independentemente da criação onírica restante. Quando se sonha, os objetos que compõe esta realidade parecem existir por si mesmos, semelhante aos personagens que os percebem. Como convencer a uma personagem sonhada que ela é inexistente, e que ela é apenas uma prolongação do sonhador, que é seu criador? Como convencer a esta personagem de que o universo que se apresenta a seus sentidos existe apenas na mente do sonhador, que se encontra dormindo em alguma cama?

De forma semelhante nos passa quando estamos despertos. Assumimos que existimos independentemente do resto da humanidade; supomos que somos criados a imagem e semelhança de Deus, e que Deus vive em algum lugar chamado de “céu”. Temos enraizado o assumir existir de nossa própria individualidade e nós negamos inclusive a apresentar um mundo

diferente a aquele que é a soma de partes constitutivas. Realmente é difícil detectar que nossa própria individualidade ocorre quando nos recordamos, jamais quando compreendemos. O momento presente, como evento temporal onde se manifesta a compreensão, é carente de apropriação pessoal. Recordamos que sabemos; mas jamais há quem saiba, apenas há o saber.

Faz alguns anos estive em cartaz um filme de ficção científica chamado de “Matrix”. A trama se apresenta em dois mundos, um virtual, produto de programas que induzem a crença nas mentes das pessoas adormecidas em colmeias, que o mundo virtual possui um desenho real onde eles acreditam que vivem se desenvolvem e morrem. O segundo mundo é daqueles que finalmente tem podido despertar e buscam a todo custo impedir que Matrix, o programa que projeta e mantém aprisionadas as mentes, siga seu curso. O leitor seguramente já terá recordado da trama e poderá notar o panorama geral do filme. Note a dificuldade que implica para o protagonista acreditar que o mundo que desde sempre se conhece é apenas uma projeção que ocorre em sua mente. Algo parecido sucede com a apresentação de identificação mental que propõe *Sankara*.

O *vedanta* assume que a percepção, qualquer que esta seja, é uma sobreposição de informações que se guardam na memória mediante o mecanismo genérico de nome e forma. Estas sobreposições de informações podem ser interpretadas como sendo processos eletromagnéticos e fluxos bioquímicos que fluem desde o cérebro através do sistema nervoso. Finalmente, tudo isto se pode resumir em informação que flui dos sentidos ao cérebro e que este cataloga de acordo a seus cânones e prioridades cognitivas. O cérebro maneja e processa a informação. Realmente não há diferença entre a Matrix e a nossa vida cotidiana. Para o cérebro é idêntico o “recordar” e o “reconhecer”, são idênticas as zonas do cérebro que suportam ambas as atividades. Assumir que o observado ou o recordado desfruta de identidade própria é extremamente natural. O nível de identificação do ator com a ação, com suas lembranças, com sua mente

e seu corpo é tão natural, que não se pressupõe que exista outra forma de relação de si mesmo com o mundo.

Despertar e notar que tudo está em tudo, que os objetos parecem ser reais, mas apenas são construções mentais constituídos de informação, é possível, mas improvável. Semelhante ao despertar em Matrix, reconhecer que tudo está em tudo e que cada coisa é as restantes implica um nível de discernimento, *viveka*, pouco frequente no ser humano. *Viveka* nasce ao se depositar constantemente a atenção no momento presente, em relacionar-se uma e outra vez diariamente e exclusivamente aos acontecimentos que estão sucedendo. Quando a mente se deposita no momento presente e interage exclusivamente com a realidade que ali acontece, vai gradualmente despertando um tipo de compreensão metafísica que lhe permitirá vislumbrar o que é o Real e o que é o ilusório.

SLOKA 27

“A realidade da mente, dos órgãos dos sentidos, etc., é iluminada por Atman, do mesmo modo que uma jarra ou um pote são por uma lâmpada, mas estes upadhis não podem iluminar por si mesmos seu próprio Ser”.

A Consciência é auto-luminosa, ou seja, não possui condição prévia para produzir o saber. O saber que produz compreensão não possui causa em nada diferente de si mesmo. Qualquer evento que se conheça através da Consciência possui nascimento, desenvolvimento e morte, isto é, está impregnado de mudanças, exceto a Consciência, pois ela não diminui e nem aumenta, nem se multiplica e nem se fraciona; a Consciência é um contínuo que flui sem causalidade alguma. Ninguém ensina a conhecer, ninguém ensina a compreender. Somos compreensão e saber, somos conhecimento sem que exista uma razão inicial que o gere.

Os vedantines geralmente usam um exemplo pedagógico, já apresentado ao longo do texto, que busca aproximar-nos ao

entendimento da própria natureza: o éter, o espaço. O espaço flui por qualquer lugar sem possuir uma maior densidade em um local que em outro; nunca se fraciona, mesmo sustentando qualquer volume, nem se modifica diante do movimento de um objeto, nem se transforma em outra coisa. O espaço, por sua condição sutilíssima, transpassa qualquer conteúdo e serve de base para que possa manifestar seu volume. O espaço é uma estranha condição sem causa aparente em outro elemento a não ser em si mesmo. Devido a isto consideramos o espaço semelhante à consciência, cuja natureza essencial é sem causa, sem modificações, produtora de saber e associada ao órgão mental ou *antakarana* como produtora de compreensão.

A Consciência como força inteligente, como elemento que flui de forma continua e sem partes, e em cuja essencialidade ao conhecer não se diferencia o conhecedor do conhecido, a chamamos de *Atman*. *Atman* implica a força consciente que habita no ser humano e cuja essência produz o ato de compreender. Estas forças não funcionam como as forças normais; a Consciência do *Atman* é um impulso contido em todas as coisas na forma de Ser e de Existência. A força de Ser, de Conhecer e a Inter-relação entre cada evento é produzida por *Atman*, uma atividade sem partes nem causalidade onde o universo material e ideal apenas são sua substancialidade.

A Consciência do *Atman* interpenetra a tudo, assim como o espaço interpenetra o ar, o vento, as formas e os volumes. A respeito da mente do ser humano, *budhi*, o intelecto, consegue captar parte de sua essencialidade mediante a combinação satvica dos tanmatas que a formam e emite um leve brilho de saber em forma de consciência individual. Se parece ao reflexo grosseiro que obtemos de nós mesmos quando estamos nos observamos diante de um espelho completamente embaçado. Na medida em que os constituintes mentais conseguem adotar uma condição mais adequada, então a consciência individual vai assumindo um maior grau de claridade até que, finalmente, o espelho consegue refletir a totalidade das cores e formas

originais. Se nos perguntássemos aonde se encontra Deus em nós, poderíamos afirmar que se encontra na natureza essencial da compreensão que gera o ato consciente, na expressão do amor e na força do próprio ato de existir.

Mas não devemos confundir o *Atman* com a atividade mental de compreender algo; esta compreensão pessoal se parece a quem observa uma corda e reconhece esta como sendo uma serpente. A atividade real de *Atman* em forma de consciência acontece quando, ao observarmos um objeto qualquer, compreendemos que sua natureza esta ligada as próprias características que lhe formam e simultaneamente ao complemento do campo, ou seja, o universo restante. Esta compreensão sim é Real, pois assume em sua verdadeira magnitude a natureza essencial da cognição.

Devido a isto, nada que a mente conheça enquanto envolver a um eu, como parte da percepção, pode oferecer o imenso Don de apresentar a compreensão do Real. Nenhum *upadhi*, sistema, campo ou evento possui em si mesmo a força do Real, pois esta força habita na evidência de que tudo está em todas as coisas, e que não existe fração independente dele “todo sem partes” que apresenta a cognição não-dual.

SLOKA 28

“Assim como uma lâmpada iluminada não necessita de outra lâmpada para manifestar luz, assim Atman, sendo Consciência em Si Mesmo, não necessita de nenhuma outra Consciência para manifestar seu Ser”.

A análise da consciência segue em curso. É mais fácil ao ser humano assumir um Deus humano, que reconhecer o contínuo da Consciência sem forma alguma como a essência da criação. É mais fácil outorgar às divindades as condições humanas, tal como os gregos com seus deuses, ou virtudes específicas como os cristãos com os santos, que conceber o ato do saber como um contínuo sem começo. Aos humanos lhes é mais fácil vislumbrar

a divindade como uma entidade boa dotada de condições benévolas; e além, pode-se orar a ela, pois assumem que se encontram no céu; inclusive teve um filho humano que serve como objeto de sua devoção e fé. No entanto, uma divindade que está além de todo atributo, mas cuja natureza é capaz de possuí-los todos é francamente descartado, por ser algo sem lógica.

A mente ainda é muito infantil, sua investigação e lógica é tão pobre que não se atreve a pensar por si mesma e a indagar em sua própria natureza; prefere assumir crenças de outros e justificar um modelo ético de vida fundamentado em opiniões de terceiros. Os seres humanos poderiam indagar neste maravilhoso laboratório da mente e chegar a encontrar as leis que decifram a própria cognição. Por acaso ensinamos a um adolescente sobre a possibilidade de reconhecer que seus pensamentos são apenas objetos cuja natureza parece ser real pelo simples fato de identificarem-se com eles? Imagine o leitor se seus filhos tivessem aprendido na tenra idade que os pensamentos não possuem inteligência própria, que parecem reais pelo fato de assumirem proximidade a eles ao identificarem-se com eles, e que se é possível observá-los ao ponto de evidenciar que podem desaparecer. Imagine o leitor a inestimável ferramenta que adquiriria um adolescente, se este pudesse entrar em sua própria mente e distanciar-se de seus conteúdos mentais, ao ponto de ver como estes desaparecem. Imagine em que se convertem o medo ou a tristeza quando a atenção se âncora no momento presente e, desde aí, observa o acontecer mental. Imagine o assombro de um jovem dando-se conta de que o terror que lhe afligia em forma de pensamento ou de sentimento se desvaneceu e que a opressão do desespero se extinguiu. Talvez seja mais fácil orar a um deus para obter a tão desejada tranquilidade interior, mas também pode ser mais proveitoso aprofundar-se no mundo mental, onde a desordem impera e assim dar clareza a seus processos. São: a reflexão, a surpresa, a aprendizagem, a novidade e o assombro as ferramentas perfeitas para esculpir uma mente principiante.

Assim a Consciência outorga o Don de existência a todas aquelas coisas sobre as quais a atividade dinâmica da atenção pousa. Embora a Consciência seja sem partes, sem fronteiras e com um saber inato, o ser humano, graças ao aspecto *budhi* de seu *antakarana*, absolve parte do reflexo de sua infinita magia. Assim, dotado da consciência individual, outorga saber a aquilo que raciocina, mas equivocadamente acredita como sendo o real. Na verdade, aquele que experimenta é real, mas esta forma se modifica no espaço- tempo em que convive. Finalmente o percebido se transforma, muda e evolui sem ter clareza sobre qual é realmente sua natureza. Existe uma forma de cognição denominada de “não-dualidade” que ao detectar um objeto impede a dissociação conhecedor-conhecido, sujeito-objeto, eu-ele. Quando ocorre, quando o ambiente de percepção se apresenta em um momento presente contínuo, a informação se agrupa de forma que existe identidade simultânea da parte e o todo, em todas as partes e na soma dos todos. Esta compreensão é *Atman* e sua essência é o conhecimento total do Ser.

SLOKA 29

“O discernimento, viveka, direcionado a negar a realidade dos upadhis, ajudado pelas sentenças das escrituras que dizem de Brahman: ‘nem é isto’, ‘nem é isto’, permite, junto aos grandes aforismos védicos, reconhecer a identidade da alma individual, jiva, e o Ser Supremo, Atman”.

O método racional por excelência que utiliza o *vedanta* para buscar decifrar a natureza de *Atman* denomina-se de *neti neti*, “não é”, “não é”. Quando *neti neti* é aplicada a percepção dual, impede que o objeto conhecido tenha o sentido de realidade que comumente adquire.

É importante ilustrar que se estabelecem na percepção dois níveis de realidades; para exemplificá-lo, rememore o leitor a versão real da falsa serpente e a verdadeira versão real da corda irreconhecível. Ambas as versões possuem realidade; no

entanto, a serpente e a corda podem ser experimentadas pela mente do perceptor.

O *vedanta* estabelece que a verdadeira Realidade seja a corda e que a realidade ilusória é a serpente; no entanto, a mente é capaz de detectar uma ou outra e asseverar a existência de qualquer delas. Quando se experimenta a serpente, a corda desaparece; quando se detecta a corda, a serpente apresenta-se inexistente.

Transportando o exemplo da corda e da serpente a um ambiente mais próximo a percepção, apresentamos que a serpente representa um objeto qualquer conhecido que se experimenta diferenciado de quem o conhece e dos restantes objetos materiais ou ideais. A corda, ao contrário, representa o Real no exemplo, quer dizer, um objeto qualquer que, ao conhecê-la, se experimenta como tal objeto e por sua vez, se apresenta o complemento cognitivo do campo, isto é, o objeto e os demais eventos ideais e matérias existentes. Experimentar o Real implica a modificação do cânone comum de percepção onde o sujeito se apresenta diferente do objeto; sob a nova cognição se adquire o Saber graças a condição Contínua, não-dual e Auto-luminosa da Consciência. A Consciência assume o rol de conhecedor e ao fazê-lo, não restringe sua natureza a um lugar, zona ou fração de campo, apenas ao próprio campo em sua totalidade, isto é, o conhecido se faz não-diferente do conhecedor.

Neti neti implica em detectar e relacionar a qualquer objeto dual como se fora a serpente de nosso exemplo, e reconhecer intrinsecamente que sua natureza é ilusória, momentânea, mutável e fugaz. Nenhum objeto conhecido pode estabelecer as mesmas condições de percepção do momento conhecido em um instante posterior.

Não basta negar um objeto percebido aplicando-lhe *neti neti*, “não é, não é”, para que a ilusão de sua natureza cognitiva dual desapareça, se requer evidentemente algo mais: discernimento; *Viveka* é a faculdade mental superior que permite tornar inteligente o Real e dotar a compreensão do Saber do Ser. Apenas

poucas pessoas usufruem deste atributo dentro de uma geração completa de habitantes na terra. Às vezes, inclusive, pode-se passar uma geração inteira sem que ninguém vislumbre a precisa apreciação do Real que apenas o discernimento, *viveka* pode outorgar.

O *vedanta* geralmente apresenta três passos necessários para se alcançar o tão ansiado discernimento metafísico, *viveka*; são eles: *srada*, *manana* e *nididhyasana*, isto é, escutar cuidadosamente os ensinamentos de um mestre com a experiência do Real, refletir posteriormente seus ensinamentos, detalhando-os todo o tempo que seja necessário, sejam meses ou anos e finalmente, compreender interiormente o saber resumido do ensinamento para abrir as portas da verdade inerente a ela.

Srada

Este primeiro passo tem a ver com a aproximação ao ensinamento de um mestre qualificado que possua a experiência interior da Realidade não-dual. Apenas um mestre conhecedor do Ser é capaz de mostrar o mundo de suas próprias compreensões. As maiorias dos pseudo-gurus confundem a emoção orgástica do divino com a experiência vital e ilimitada do *samadhi*.

A força do ensinamento de um mestre não se encontra apenas nas ideias que transmite, mas elas possuem a viveza discernitiva de sua própria experiência. A inteireza do saber se entrega no ensinamento e consegue surpreender ao estudante aplicado no saber.

Não apenas os Mestres e *gurus* têm alcançado a experiência do Real. Também a tradição oferece a mão precisa dos *rishis*, mestres conhecedores da não-dualidade que levaram uma vida de família e que aceitavam a seus estudantes como parte integrante de sua família. Também estão os *nagas*, mestres na arte de saber, cuja função essencial é transmitir o ensinamento sem criar um compromisso vital com seus estudantes, como fazem os *gurus* e os *rishis*.

Manana

O ensinamento escutado deve ser posteriormente reflexionado. A mente deve trabalhar dando ordem, sequência e importância às ideias para criar uma unidade intelectual clara. Evidentemente, a falta de experiência direta sobre a não-dualidade se converte em um foco de dúvida para o estudante. No entanto, a constante racionalização dos ensinamentos leva lentamente a uma maturidade na qual a ordem mental começa a imperar de forma natural.

As mais comuns afirmações com as que se apresenta no *vedanta* para educar a mente dos estudantes são as *mahavakyas* ou grandes sentenças védicas;

Tat vam asi, Tu é aquilo.

Aham Brahmâsmi, Eu sou *Brahman*.

Aiam Âtmâ Brahman, Este *Atman* é *Brahman*.

Pragnânânam Brahman, *Brahman* é pura Consciência.

Estes *mahavakyas* possuem um saber que vai além dos vocábulos que suas ideias estabelecem. Conectar-se a elas e entendê-las implica o alcance de uma suprema intuição que apenas aparece após longo tempo de análise. A ocasional leitura das sentenças não é suficiente para ressaltar o que suas afirmações escondem. A presença do mestre, sua experiência interior e a relação estabelecida entre ambos, lentamente vai penetrando a mente, adaptando-a a uma compreensão excepcional a nível metafísico.

Nididhyasana

Quando finalmente chega o despertar da compreensão que *viveka* outorga, então se nasce novamente neste mundo. Quando por fim se entende o que os antigos mestres e todos os livros daqueles personagens que viveram a Realidade do Ser escreveram e ensinaram, então se aproxima a Liberdade interior. É ai

aonde *neti neti* se torna evidente como mecanismo de desmascaramento de uma realidade ilusória.

Quando a mente está preparada para ver o mundo em sua verdadeira magnitude, então *neti neti* se converte em uma verdade imensa como uma montanha. Assim, o estudante que perseverou na profunda reflexão dos ensinamentos oferecida pelo mestre, colhe agora o fruto de *viveka*. Os anos de reflexão profunda sobre os ensinamentos fundamentais finalmente despertam no coração de quem vive a aspiração do Saber de Ser. Sua mente poderá agora facilmente aquietar-se para assim vivenciar os mundos interiores que jamais antes pode reconhecer. Seu novo norte é claro, pois a vivida experiência da não-dualidade lhe leva a um porto feliz neste processo da cognição do Real.

O discípulo, com uma mente ordenada, com a capacidade de responder exclusivamente ao momento presente, pode vislumbrar o desenvolvimento da complexidade e a simplicidade de todas as coisas. A identidade individual, a que se denomina em sânscrito de *jiva*, ou unidade individual, quer dizer, sua mente, seu *prana* e seu corpo físico, são o vivo reflexo da compreensão final que seu *antakarana* tem adquirido. O acesso uma e outra vez ao *samadhi*, durante dezenas ou centenas de experiências finais, lhe permitirá cada vez mais e de maneira mais clara reconhecer sua identidade com o universo inteiro.

SLOKA 30

“O corpo físico, junto com os elementos sutis diferenciados recriados por avidya, a ignorância primigênia, e por prakriti, cuja natureza ilusória é idêntica aos objetos diferenciados, são impermanentes como bolhas. Perceba que, através do contínuo discernimento, viveka, que é o Imaculado Brahman, completamente distinto a suas envolturas diferenciadas”.

O *vedanta* apresenta que, qualquer evento dual é em essência uma realidade ilusória, ao contrário de quando o experimenta sob a ótica da não-dualidade. A não-dualidade é uma forma

de inter-relação entre objeto e sujeito que acontece quando a mente responde de forma contínua e sustentada no momento presente. Assim, uma percepção associada ao que está sucedendo reorganiza a mente refreando o sentido de *ahamkara*, egoísmo, e recriando uma nova relação de informação com o objeto conhecido.

Por isto se apresenta que nenhum dos constituintes densos, sutis ou causais, vistos desde a prerrogativa dual, isto é, com sentido diferenciado de conhecedor e conhecido, são realmente *Brahman*. *Brahman* é idêntico a *Atman*, são sinônimos. *Brahman* se utiliza quando apresentamos a Realidade a nível coletivo ou cósmico, e *Atman* quando os referimos ao Real no campo individual.

O *vedanta* é um sistema que assume uma atitude de classificação e de seleção de suas ideias muito meticulosamente. Palavras como “ignorância”, “ilusão” ou “identidade” são utilizadas, na função de certo contexto, em modo e momento oportunos. Se o grau de oportunidade não é o adequado, estas palavras sobram ou se mal interpretam, com o enorme inconveniente de que pode vir representar para a compreensão do estudante. Por isto é que a tradução dos livros de estudo deve favorecer em função das ideias metafísicas e não da literalidade da tradução.

O erro básico que detectamos quando percebemos o mundo, se encontra em notar que tudo se modifica, tudo muda, tudo se transforma; como diria Budha, o conhecido é impermanente e portanto, esta condição se converte na dor essencial do ser humano. Os elementos densos tendem a degradarem-se rapidamente em seus constituintes sutis, materiais básicos. Desta forma, os sutis na *prakriti* inicial que forma os elementos causais. Assim a *prakriti*, que é ignorância primigênia, nasce e morre ao começo e ao final do universo. Todo o universo está sujeito a mudanças, exceto quando o universo se experimenta sendo não-dual; então as mudanças se anexarão como informações ao conhecido e faz parte não-diferenciada dele.

Apenas se é possível converter a percepção dual em não-dual mediante a experiência contínua do momento presente. Quando a mente e o corpo estão acostumados a reagir de forma sustentada ao momento presente, começa a nascer uma forma de compreensão além da intuição, que permite reconhecer o que é o Real e o que é o ilusório, o que é *maya* e o que é *Brahman*. A esta condição cognitiva que considera os prós e os contras da Realidade metafísica a denominamos de *viveka*. É por esta razão que a primeira qualidade que deve ter um estudante é o discernimento. Sem a qualidade de *viveka* a busca e o controle da mente se convertem em uma situação pesada e desesperante, que finalmente leva ao estudante ao cansaço e as ver-se impossibilitados e incapacitados para seguir em sua busca interior.

Estimado leitor, saiba que com a mesma claridade com a que você assegura-se, que o livro que você tem nas mãos é de papel, e que se encontra comodamente sentada e que, uma a uma, é você quem passa as páginas, quando despertar *viveka* pode certificar-se com semelhante facilidade que o universo de formas e nomes duais possuem uma natureza essencialmente ilusórias. O despertar de *viveka* não implica em um salto ao desenvolvimento de um poder especial, simplesmente é a consequência de permitir que o contínuo de consciência adote uma e outra vez o controle da percepção no momento presente, sem que exista o menor vestígio de egoísmo, *ahamkara*, na mente.

Quando *viveka* está ativo, a percepção lança o sentido de eu a um não-lugar. Notará que a cognição é estranha, pois sempre nos acostumamos a realizá-la referenciando-nos em algum lugar espacial ou temporal da percepção. Mas agora, com *viveka* estabelecido, e como no exemplo, se lança o eu tal como o álcool o faz quando se bebe em excesso ou quando o “eu” se desaloja mediante um ato heroico diante de um provável acidente a um ser querido, situação na qual arriscamos a vida sem pensar.

O nascimento de *viveka* não se identifica aos olhos de todos, tampouco requer de deixar nada da vida, nem encontrar algum arcano perdido em um livro. *Viveka* nos permite observar uma

paisagem e transladarmos a todo o conjunto de cores, formas e informações que o constituem. De uma maneira nova e original, *viveka* instaurado na mente permite a observação dos próprios pensamentos, ser consciente do nascer e do morrer deles; permite-nos experimentar a especial alegria de simplesmente existir.

Viveka induz a uma percepção tranquila, não referenciada ao conhecedor e nem ao conhecido. *Viveka* exacerba a sensação quieta de simplesmente ser e de existir; introduz um contentamento que induz um sentido exaltado, vivo e, no entanto quieto. Imagine o leitor, observar o firmamento, a abóboda celeste na noite e ao fazê-lo, ser absolvido por ela sem localizar-se em nenhum lugar, mas sendo consciente de cada detalhe visual que acontece. Imagine, também, que se é possível deslizar-se visualmente em cada detalhe sob uma ordem que nasce espontaneamente. Isto é ser livre, é perceber com liberdade. Pois bem, *viveka* possui atributos ainda mais complexos que os do exemplo e permite visionar mundos e informações além das fronteiras que nem a mente e nem os sentidos jamais tem experimentados.

SLOKA 31

“O que Realmente Sou é livre de mutações tais como nascimento, senilidade e morte, porque o que Realmente Sou é distinto deste corpo; o que Realmente sou está desapegado de todos os objetos dos sentidos, tais como o som e o sabor, porque em Minha essência careço de órgãos sensoriais”.

Quando o discernimento, a certeza, *viveka*, se instala no discípulo, sua forma de ver o mundo se modifica. O novo aprendizado produz uma compreensão semelhante à de quem nos sonhos é consciente de que dorme; então vê o mundo que mostra a seus sentidos como um maravilhoso jogo ilusório. Estando em sonho o sonhador observa diversas e múltiplas realidades, mas compreende que nenhuma delas é verdadeiramente estável, pois ao despertar de tudo isto se diluirá como bolhas de sabão.

É impossível testemunhar o mundo tal como *Sankara* o apresenta nesta *sloka*, sem que antes se tenha desenvolvido *Viveka*. Uma afirmação intelectual não basta para compreender a imensidade de que o universo é verdadeiramente ilusório e que os objetos nele não são reais por si mesmos. A compreensão que floresce diante da presença de *viveka* é um vivo saber carente de toda dúvida. Nem a dor, nem o medo, o desespero ou a morte são capazes de infundir mudanças às certezas metafísicas vivenciadas. Não importa o que se faça, se pense, ou se conheça, a realidade de ver o mundo como um imenso emaranhado onde tudo faz parte de todas as coisas jamais se modificará. Não importa até onde a vista, o olfato e os demais sentidos apontem, a percepção está plena pela integração e todos os objetos em uma rede não-diferenciada.

“O que realmente Sou”, tal como diz *Sankara*, não é o resultado de uma investigação intelectual. Tampouco é a conclusão lógica a que se chega depois de escutar as palavras de um mestre ou de ler um livro onde supostamente está escrito a verdade. É uma certeza viva, plena, cheia de saber e sem dúvida alguma. É mais que uma intuição. Se parece a certeza de um músico virtuoso que interpreta um instrumento ou a um pintor que enfrenta com soltura e maestria uma tela onde desenhará sua obra de arte. Se parece a alegria do matemático que finalmente encontra, após anos de indagação, uma descrição matemática que toma conotação de universalidade. Se parece com o amor do místico que se entrega a vivência do amado sem o mínimo temor de ser rejeitado.

Diferentemente a todos os anteriores, *viveka* expressa semelhante compreensão sobre o Real sem importar que atividade se faça ou se realize, sem importar se existe dor, perda ou morte de um ente querido, sem importar se o tempo passa ou a distância separe. *Viveka* é uma condição que imprime um saber que jamais se modifica sem importar o que ocorra. Tal é a certeza de “saber o que Sou”, que qualquer transtorno da vida não é razão para se perder o conhecimento de Si Mesmo.

Quando desde a experiência de *viveka* observamos o corpo, se instala um saber que adverte sua experiência, mas desaparece a sensação de dependência a ele. O corpo e os sentidos perdem a predominância de se viver para eles; se convertem em ladrilhos que se usa no caminho, os respeitamos por serem instrumentos de ação e de saber, mas a condescendência e importância que antes era dada a eles desaparecem. São como objetos emprestados que um dia devolveremos e devemos cuidá-los enquanto se usa. A mudança que se instaura na mente e no corpo, sua decrepitude e envelhecimento são sintomas de ineficácia e engano. A morte não se observa como um oponente, mas sim, como um velho amigo cuja tarefa é livrar-nos do peso da dualidade de um corpo. Quando a morte chega, a olhamos nos olhos; a visão interior a observa com precisão enquanto ela se aproxima, e antes que nos solicite a vida, lhe entregamos sem o mínimo temor. Saltar aos mundos sutis logo após a morte se converte em um transito suave onde a mente flui sem inquietude, para dar um salto ao final do sendero da vida enquanto, sem preocupação, se observa o novo e brilhante cenário da mente. Apenas aqueles que têm vencido o medo são capazes de direcionar seu discernimento em sagradas compreensões estáveis e firmes. São eles quem, livres vivem em um corpo e em uma mente, igualmente livres são sem um corpo ou sem uma mente.

SLOKA 32

“O que realmente Sou está livre de apegos, de tristeza, de malícia e de temor, porque o que Realmente Sou é algo distinto da mente. O que É carece de prana e de mente, é puro, é mais alto que o elevado e imperecível”.

Este *sloka* de *Sankara* diferencia-se muito da noção que no Ocidente se tem a respeito do ser humano. Nossa religião ocidental nos trata por si mesma como nós sendo pecadores; a única via para congratular-nos com a divindade é obedecer cegamente aos mandamentos que por fé se estipulam como sendo validos. Estimado leitor, busque comentar a qualquer pessoa

comum, que você alguma vez foi testemunha da presença divina, que seus olhos virão aos de Deus e que, nesta torrente do infinito finalmente entendeu que a essência de todas as coisas existentes é o Amor e o Saber. Apenas busque mostrar a qualquer indivíduo que sua mente contactou com Deus e se trasladou a um lugar onde o Absoluto e o Infinito galopa a cada instante. Como verá imediatamente você será taxado de louco, pois parece que, o ser humano padece e tal imperfeição natural que jamais pode aspirar a semelhante experiência.

Inclusive nossos santos ocidentais foram muitas vezes depreciados por seus raptos místicos; chegaram a ser torturados por afirmarem uma experiência que não era politicamente válida para igreja. No entanto, de qual maneira poderíamos apresentar o Real quando o arrebatamento da percepção vai além de um objeto e, simultaneamente, reconhece a própria criação como um único pulso, cuja cadência faz parte de cada um de seus constituintes? Quando o “eu” se dilui e a mente se diversifica conscientemente no espaço sem limites, então nasce à profunda integração de tudo em tudo; assim a explosão de amor é inenarrável e a bem-aventurança se converte no sustento da própria vida em cada canto do universo.

Quando a mente já acostumada a viajar pelos senderos da não-dualidade, cria um caminho firme na contínua percepção do Real, então as categorias psicológicas se modificam dando lugar a outra forma de ver o mundo. Os medos e a dúvida desaparecem, semelhante a todos os estados cheios de identificação do ator com a ação. A simplista emocionalidade, cuja reação é tão frequente no gênero humano, se desfaz como um sonho ao despertar. Cessam as dezenas de pensamentos que continuamente rompem de forma irrespeituosa na consciência, dando lugar a uma sossegada natureza interior. Nascem formas diferentes de sentir e saber. Nasce a exaltação, o contentamento e a bem-aventurança. O simples fato de existir imprime um selo amável que se firma em uma compreensão grata e viva. A contemplação do mundo leva a marca de um assombro constante.

A solidão se transforma em companhia silenciosa e o medo ao sofrimento ou a morte desaparecem do portfólio psicológico.

Nossa educação ocidental leva-nos a ver-nos como pecadores em busca de redenção. Ao surgir, este mundo é apenas um calvário onde o sofrimento é o ingrediente mais frequente. Que triste é assumirmos ser tão pouca coisa, rastejando em busca de uma felicidade que parece apenas ser alcançada com o cumprimento de dogmas e rituais sem coração. O *vedanta*, semelhante a grande maioria das escolas metafísicas orientais, não apenas apresenta a divindade humana, mas também, outorga a cada pessoa a opção de alcançar sua própria liberdade mediante seu trabalho interior. Ninguém está impedido de descobrir a si mesmo, da mesma forma que ninguém requer da intermediação de um terceiro para despertar de um sonho.

Nossa essência é a força ilimitada do saber que a consciência outorga; nossa essência é a força do amor que a tudo integra; nossa essência é a força de ser que alenta o universo inteiro. No entanto, não são estas três características, simples ideias sobrepostas que parecem soar bem e buscam parecer um caminho amável. A experiência de desfazer o sentido de eu, *ahamkara*, enquanto a mente e o corpo reagem ao contínuo presente, catapultam o perceptor a uma nova expressão de realidade. Basta que o leitor realize de forma insistente esta cognição para que o universo se apresente de uma maneira que poucos têm visto e que lhe fará entender e compreender o mais alto sentido de realidade que possa existir.

Evidentemente, o que somos não são exclusivamente nossas lembranças, nem a vitalidade que alenta o corpo físico. Somos isto e tudo mais. Somos a força que alenta os universos a nascer e a morrer, somos a eternidade e a morte, o ser e o não ser. Somos o compendio de tudo o existente e a soma de tudo o que existirá. Somos a simplicidade do vento e a transparência da água. Somos o sorriso de uma criança e o sonho que se ocupa a noite. Somos o vigor da Consciência que conhece todos enquanto se conhece a Si mesma. Os objetos do universo são como elos e a Consciência é a corrente que une a todos.

“Daquilo que Sou nasceu o prana, a mente e todos os órgãos dos sentidos, o éter, o ar, o fogo, a água e a terra, porque Aquilo é a substância e o suporte de tudo o diferenciado”.

Muitas das afirmações que *Sankara* expressa são impossíveis de validar sob a percepção comum na qual o ser humano se encontra cotidianamente. A cognição dual impede, devido a presença do *ahamkara*, egoísmo, uma integração do objeto e seu complemento cognitivo. Devido a isto, a maioria das vezes o *vedanta* parecer ser um jogo de palavras que enaltecem o ser humano, mas cujas metas são quase inapreciáveis pelo nível de abstração que supõe. Desde sempre o *vedanta* tem sido reduto de uma espécie de elite cognitiva que, obtendo o discernimento, *viveka*, tem alcançado finalmente saltar do oceano da dualidade e repousar na tranquila compreensão não-diferenciada.

A dificuldade de entender o desenvolvimento metafísico, devido à falta de discernimento, *viveka*, tem feito que muitos grupos humanos refugiem-se em um lineamento moral para descrever e acercar-se a divindade. Toda sorte de dogmas e rituais se convertem em ladrilhos que determinam um caminho para Deus. Converte-se a ação no elemento modelador da busca interior e não o ato da compreensão, sem alguém que compreenda, como a ferramenta fundamental do próprio descobrimento pessoal. Assim o ser humano, confundido pelas tormentas morais, pelo surgir da ação e sua aparente validade, se converte em um fazedor de virtudes que profundamente não entende e nem entenderá. Estas virtudes se enaltecem por falsas interpretações de homens cujos corações estão cheios de sede de poder e de controle ao próximo. Finalmente um cego segue a outro, ambos se desdenham acreditando que sua interpretação da verdade é justa, quando apenas é proveitoso para quem a estabelecem, para que assim controlem aos demais.

Quando um livre pensador nasce e busca mudar o status quo do pensamento que sustenta a moral e a ação que sem

sentido praticam, então o perseguem, maltrata-o e finalmente isola-o, para evitar o contágio do saber, da novidade, do universalismo e a fraternidade. Assim, o Ocidente durante dois mil anos joga em educar as mentes e os corações de seus devotos, e apenas tem conseguido, é criar um sistema político e econômico sem profundidade religiosa alguma. Apenas alguns gigantes da devoção e a entrega a Deus tem alcançado, mediante a força da mística, visionar a divindade em si mesmos. São eles os faróis que guiam na escuridão, são eles quem tem o direito a serem seguidos e cujos ensinamentos devem ser expostos. A experiência da percepção do divino é sempre similar. A linguagem do Saber e do Amor é universal. Não importa que mestre apresente sua experiência, ela será sempre compatível com qualquer outra vivência verdadeira de Deus em qualquer lugar e em qualquer tempo.

No final, somos aquilo que perdura, o que não muda, o que reúne e integra todas as coisas, as forças que por si mesmas florescem auto-luminosas, elas são: *Sat*, Existência Absoluta, *Chit*, a Consciência Absoluta e o Amor, *Ananda*, a Bem-aventurança Absoluta. Assim *Brahman* é *Satchitananda*, a tríplice enunciação daquilo que por si mesmo existe e existirá. Isso é o que compreendemos quando a mente finalmente se deposita no estado de Meditação.

O estado de Meditação é a única experiência consciente que nos permite compreender a natureza essencial da Realidade. Assemelha-se ao cume de uma montanha, desde a qual observamos em qualquer direção. Enquanto não a escalarmos completamente, sempre ela mesma será um obstáculo e impedirá de vermos em todas as direções. No estado de Meditação a Consciência inicia seu processo de integração com todos os eventos localizados além da mente e dos sentidos. Um a um os eventos constitutivos do complemento cognitivo da própria percepção surgem como um contínuo de partes que se experimentam simultaneamente. A força consciente, que possui em essência o atributo de saber, assume seu rol de conhecedor

em todo momento. A força da compreensão planeja ali onde a Consciência flui e integra tudo através de sua qualidade essencial de saber, gerando um panorama de objetos sem fronteiras. Esta compreensão se expande até os limites da criação chegando a conhecer a tudo. Apenas a partir do estado de Meditação é possível confirmar que o universo inteiro é apenas a substância da Consciência, e que a Consciência é simultaneamente quem conhece tudo o existente.

SLOKA 34

“O que realmente Sou carece de atributos e de ação, é eterno e puro, é livre de mácula e de desejo, não apresenta modificações; devido a isto, realmente carece de forma e faz com que Eu seja sempre livre”.

Todo ser humano em algum momento de sua vida se pergunta: quem sou eu? Conforme seja o momento onde se desenvolva esta inquietude, chega a afirmar: um estudante que aprende sem compromisso algum com ninguém, um jovem que está apaixonado, um trabalhador que dia a dia busca o melhor para sua família, um enfermo que olha sempre o passado, e assim mais mil possíveis perguntas.

A maioria das perguntas fundamentais sobre a existência não possuem respostas. Milhares de pensadores e religiosos têm indagado com suas mentes e entregado suas vidas na busca de solucioná-las, mas não existe um legado definitivo a respeito. No entanto, estas perguntas jamais morrem; alguma vez, uma experiência dolorosa nos faz cair novamente nelas, em outras ocasiões simplesmente o tempo nos mostra a proximidade da morte e nos obriga a pensar novamente no que somos e o que existe além da vida.

Quando buscamos resolver estas perguntas fundamentais, tropeçamos em nós mesmos com nossa memória. Apenas conhecemos eventos previamente experimentados, inclusive muitos deles já estão perdidos com os anos, convertendo nossas

lembranças em um círculo limitado de experiências relativamente próximas. Passam os anos e o que sabemos é tão limitado como as poucas certezas que levamos sobre os ombros. A vida passou e não deixou marcas de nenhuma compreensão estável que perdure diante da dor ou do passar dos anos. As certezas que absorvemos mediante a experiência diária, geralmente são tão frágeis como os desenhos feitos com os dedos sobre a areia da praia, diante de um mar que continuamente os desmancham. No final certamente não sabemos muitas coisas; temos vivido muitas experiências, mas nenhuma certeza perene que nos permita dar o salto à morte sem o temor e a dúvida.

Acreditamos ter amado, mas não estamos seguros; acreditamos termos conhecido, mas existem dúvidas a respeito. Poucas coisas possuem consistência que sirvam de descanso ao passar de tantos anos e experiências. E a pergunta se mantém: quem sou eu? E a resposta segue esquiva. Por acaso sou minhas lembranças, minhas poucas certezas ou o legado em meus filhos? Diante do imenso vazio de desconhecimento se aproxima novamente a inquietude; talvez seja melhor não pensar nisto, pois ainda não estamos preparados para indagar nos complexos mundos das perguntas sem respostas.

Realmente ninguém nos ensinou a olhar em direção a semelhantes perguntas tão fundamentais. A educação determinou que todo esforço fosse dirigido ao futuro. Sempre nos prepararam a lutar contra o tempo, a fundamentar a competência como sendo a razão de ser da obtenção das próprias metas. Agora, já sem tempo, já sem metas, perguntamos quem somos e não temos respostas. Semelhante aos cães galgos, corremos toda a vida atrás de um engodo, demos muitas voltas assumindo que a preza estaria cada vez mais próxima em função de nos esforçarmos mais para alcançá-la. Mas quando, claramente não existem mais forças para correr ou não há mais razão para seguir competindo, então nos perguntamos: que sentido tem a vida?

A Consciência sempre nos iluminou. Permitiu-nos perceber a soma de cores sem conta que a natureza apresenta ao nosso

redor. Escutamos os sons graças a Consciência, sons que por momentos nos tocam o coração e outros que quase o destrói de angustia. Graças à Consciência compreendemos a existência do sol, da chuva, as carícias e o espaço. A Consciência nos acompanhou nas boas e nas más horas e graças a sua natureza compreendemos sobre a vida, sobre a dor e sobre o amor.

Percebemos através de muitos anos milhares de objetos iluminados, mas jamais perguntamos a razão do brilho que permitia conhecê-los. Escutamos infinidades de sons, mas nunca voltamos à atenção em olhar em nós como se produzia o milagre de ouvir. Jamais buscamos retrair a atenção à própria Consciência, sempre nos aproximamos de seu brilho rodeando as coisas do mundo. Estimado leitor: se buscar atender a atenção se evidenciará a dificuldade de fazê-lo devido a falta de clareza que implicaria este processo; mas se finalmente decidido a fazer isto, movendo céus e terra em suas próprias ideias para amadurecer essa opção, notará com o passar dos anos que te adentrará em um universo cujas certezas são definitivas e únicas.

Se em vez de pousar-nos continuamente na dor, saltar-nos a averiguar quem sofre; se em vez de constantemente adentrar-nos ao futuro, nos perguntássemos quem deseja alcançar a meta, acabaríamos por nos treinarmos em um tipo de percepção que floresceria em respostas claras as inquietantes perguntas fundamentais que todo ser humano faz. O truque consiste em ver o mundo desde o instante em que ele próprio acontece. O truque consiste em ser destro na arte de ser consciente que o universo está acontecendo. A Consciência é o ato primário por excelência, devemos fazer-nos destros no próprio instante em que o saber se produz. Quando isto ocorre, então notaremos que a Consciência assume o atributo de ser “sem forma”, de ser livre de “mácula e desejo”, de ser carente de “toda modificação”.

“O que Realmente Sou preenche todas as coisas diferenciadas, tal como o espaço (éter) preenche por dentro e por fora todos os objetos diferenciados. O que Realmente Sou carece de modificações e é o mesmo sempre. O que Realmente Sou é puro, desapegado, imaculado e imutável”.

Recordemos agora um local em que sopra uma agradável brisa e que tiramos algumas roupas para que possamos sentir através do tato pelo corpo. Notaremos o toque da brisa em alguma parte e logo, sequencialmente, em outra parte qualquer do corpo; a sensação seria gratificante, mas imaginemos se esse prazer pudesse ser sentido em todo o corpo de forma simultânea. Estendamos a ideia e vamos mais longe: agora o leitor tem que imaginar que a capacidade de tato começa a expandir e se transfere para a montanha sobre a qual caminhamos, as suas árvores, a cada um de seus ramos, ao bosque inteiro. Sem deter-se, se estenda e comece a sentir o rio ou os rios que fluem pela região, os pequenos e grandes animais que ali vivem... Agora imagine que percebemos as sensações que viajam pelo ar, mas também percebemos o que antes tínhamos captado com o tato, tudo ocorrendo de forma simultânea.

Quando isto ocorre, quando toda a percepção sensória se mescla simultaneamente, nos surpreende a atividade não-diferenciada que se produz na percepção; no entanto, não se sobressai nenhuma fração em especial das detectadas mentalmente pelos sentidos; o que surpreende, ao contrário, é a totalidade simultânea de informações das que se é consciente. A isso, precisamente, se refere a *sloka* quando diz: “O que Realmente Sou preenche a todas as coisas diferenciadas”.

Os exemplos mais comuns com que se busca mostrar a natureza da consciência, geralmente são aqueles que se associam com o espaço, cuja sutilidade permite que os volumes se adentrem nele. Enquanto existir espaço os volumes podem ser apresentados; sem importar que os volumes se movam,

modifiquem-se ou se transformem, o espaço parece incólume a estas modificações e, no entanto, o espaço é a base que sustenta a existencialidade de todo volume. Por analogia, a Consciência está dentro e fora da mente do ser humano; sem importar qual individualidade exista, a Consciência é sem partes, mas contém cada objeto existente. Naquilo no que os objetos evoluem não determina que a Consciência se altere nem se modifique. A Consciência é incólume, sem partes, sempre continua e por sua vez, suporta a diferenciação.

Semelhantemente ocorre com o tempo; perceba o leitor que um instante qualquer contém a soma de eventos que existem no universo. O tempo centraliza em um momento dado todas as coisas, contém a própria criação, tudo é comum no mesmo instante de tempo. Idêntico a Consciência, como atividade integradora, resume a criação total; todos os eventos participam de um único instante que os criou e após participam de um novo tempo que os cobrem.

Da mesma forma que os objetos se detectam fazendo parte de um lugar no espaço e de uma fração temporal no tempo, os percebemos fazendo parte de uma unidade física ou psicológica. Assim, vemos o conjunto de unidades materiais e ideais evoluindo no tempo e modificando-se no espaço, mas, além disto, cada objeto parece adotar uma condição que o diferencia dos restantes. No caso humano, a mente adquire a possibilidade de identificar-se com as formações que viajam no tempo e espaço e gera um sentido profundo de associação com o conhecido, a tal ponto que usualmente afirmamos que possuímos um corpo, que temos sentimentos, que sinto ou compreendo, que me alegro ou sofro. A esta atividade que ocorre graças à *tamas* que subjaz na mente e gera sentido de egoísmo, a denominamos de "identificação". O sentido de identificação é a atividade mais difícil de desenraizar-se na mente humana, pois é aquele que durante mais tempo nos tem acompanhado em nosso processo evolutivo.

“O que Realmente Sou é aquele Supremo Brahman, que é Eterno, Imaculado e Livre, que é Uno indivisível e não-dual, cuja natureza á a felicidade, a Bem-aventurança, o Conhecimento e o Infinito”.

Geralmente nos perguntamos o que somos essencialmente; as respostas mais comuns são: uma chispa divina, somos a imagem e semelhança de Deus, somos o próprio Deus, somos existencialidade..., finalmente o portfólio de respostas não é muito extenso. Também podemos afirmar que não existe divindade, que toda a vida é um conjunto de causalidades bioquímicas..., geralmente haverá uma resposta adequada segundo seja quem pergunte. Existem opções religiosas, filosóficas, psicológicas, físicas; e finalmente, há respostas para todas as preferências.

Toda solução ao problema fundamental de quem somos, passa por um fio condutor comum: cada um é consciente de que possui uma resposta adequada, sua mente realiza uma montagem que justifica a sua maneira por uma solução prevista. Todos, sem importar quem expresse sua opinião, possui o don de entesourar lembranças, processa-las e finalmente sintetiza-las na forma de julgamentos. Todos nós possuímos o don da consciência que avalia qualquer resultado, que justificamos como sendo válido quando divergir substancialmente de qualquer outro. Para quem a existência é o vazio ou para quem é a plenitude de vida, as razões defendidas, sejam ou não lógicas, silencia a dúvida pessoal e projeta uma opinião definitiva.

Mas, imagine o leitor, de que somos capazes de estudar a natureza da Consciência para entender não apenas seu funcionamento, mas também o nível de validade dos julgamentos que através dela se apresentam. O que será necessário para se estudar a Consciência? Primeiro de tudo devemos identificar e definir os padrões claros da percepção, para que finalmente possamos transladar-nos a entender a própria atividade da compreensão. Vamos estabelecer como hipótese de que a mente é memória

em estado dinâmico, cuja razão de ser é produzir coincidências entre a percepção e a informação registrada na própria memória. Apresentaremos as atividades requeridas para que a mente alcance o processo sintético que leva a compreensão e para isto, estabeleceremos empiricamente quatro atividades: a própria memória, *chitta*; a mobilidade desta memória, para que se possa adotar as inumeráveis lembranças, *manas*; a coincidência do objeto percebido com a percepção realizada, *budhi*; e finalmente, o sentido de apropriação do processo sintético, *ahamkara*.

Evidentemente, a análise da Consciência sobre as quatro atividades prévias possui relação com a qualidade budhica, pois é esta atividade mental que determina o fator de coincidência entre a percepção e as imagens que repousam na memória; quando a lembrança possui uma coincidência superior a de qualquer outro evento armazenado, então a mente assume que o objeto percebido é segundo o que determina a lembrança prévia cuja imagem coincide.

Agora assumo o leitor, que é possível isolar a atividade budhica da mente para estudar seu comportamento e evitar que as restantes funções contaminem e confundam sua atividade. Para isto deveríamos impedir que a qualidade manásica e de *ahamkara* se ativem, pois a mobilidade da matéria mental e o sentido de identificação que produz o egoísmo são elementos que comprometem a clara percepção da mente quando buscamos estudar o aspecto *budhi*. Em outras palavras, é necessário aquietar a mente e não identificar sua atividade com um agente pessoal. No entanto, aquietar a mente não é fácil para a maioria da humanidade, e evitar com que a mente evoque um sentido de identificação da ação é ainda mais complicado de se alcançar. Isto nos leva a que a análise de *budhi* requer um personagem pouco frequente, cujo controle da percepção seja tão lúcido como talvez não exista outro capaz em milhares de pessoas. Este é o imenso problema de se estudar a natureza da Consciência: os requerimentos mentais para esta tarefa implicam em um controle que, fracamente, é quase impossível de se alcançar pelo gênero humano.

Ainda assim, vamos imaginar que esta tarefa seja possível, ou seja, que a mente, o *antakarana*, pode estabelecer-se em um processo de percepção, onde a memória não salta vertiginosamente de um nome ou de uma forma a outra. Adicionalmente, a mente não atribuí sentido de associação a ação, razão pela qual a percepção se apresenta sem identificação, ou seja, há ação mas não existe o ator da ação. Neste ponto da prática em que chegamos, identifique o leitor que o praticante se encontra sem excessiva atividade mental e completamente surpreso pelo instante interior, coisa que impede a aparição do eu. É a partir deste ponto e de nenhum outro mais, que a Consciência e a atividade mental que a sustenta, o *budhi*, o intelecto, pode ser estudado.

O primeiro que notaria qualquer indivíduo, graças à universalidade da experiência, é a ausência de todo conteúdo mental, pois evidentemente, *manas* está momentaneamente desativado. Concluindo, a percepção tem que ser próxima a não perceber nada, ao detectar um imenso vazio que a tudo o preenche. Chamamos esta experiência no *vedanta* de *pratihara*; ocidentalizando o termo a denominamos de “estado de Observação”. O primeiro que se notaria a quem consiga aquietar um pouco a *manas*, seria o fato de manter-se sumido em um imenso universo sem limites cujo constituinte material é completamente vazio. No entanto, este vazio existe, razão pela qual a atenção viva oferece um aroma de alegria, quietude e intensidade associadas a percepção interior. Esta alegria que se experimenta é um tipo de exaltação pouco frequente na mente humana; a tal ponto é raro que se possa permanecer nesta esfera da Consciência por alguns segundos ou minutos de forma contínua, coisa que jamais um sentimento ou um pensamento podem fazer, pois suas naturezas são momentâneas e impedem qualquer noção de continuidade.

No caso de que não apenas *manas* se aquieta ou se desativa, mas também a faculdade *ahamkara* da mente, a percepção interior mudaria e a atenção não se centraria em nenhum local do campo interior, de forma que se distribuiria para todo seu

entorno. Em razão disto, e devido a que tampouco se experimenta nenhum tipo de limite ou fronteira final na percepção, o ato consciente que produz a atenção ocuparia todo o infinito interior que se apresenta. No entanto e devido a qualidade essencial da atenção, pode ser experimentado cada espaço interior enquanto simultaneamente a própria atenção identifica e ilumina qualquer outra zona de percepção. A este tipo de cognição, onde o *ahamkara* necessariamente se desvaneceu o chamamos de “estado de Concentração”, e sua característica mais distintiva é que o vazio interior carente de fronteiras finais se percebe em todo lugar e de maneira simultânea. E a partir desta nova perspectiva cognitiva é onde começamos a notar a força da Consciência. Já não podemos dizer que é uma ideia ou um simples modelo intelectual que reflete a necessidade de um processo cognitivo dialético. Agora a Consciência toma “densidade” e se experimenta como um contínuo sem partes, sem causa em nada adicional a si mesma.

Parece que finalmente a Consciência foi descoberta, mas não, ainda há mais. Seguindo a consolidação do estado de Concentração, a Consciência oferece uma condição final: de ser testemunha da realidade muito além do próprio vazio experimentado e capaz de expandir-se a lugares inimagináveis cujo limite é o infinito temporal e o absoluto espacial. É ai onde o ensinamento de *Sankara* possui sentido e expressa de maneira muito próxima o que acontece: a Consciência assume a condição de ser Conhecimento Absoluto, Existência Absoluta e Bem-aventurança Absoluta. É ali onde se compreende que todo o universo se conhece por ele mesmo e que sua natureza essencial é alegria e infinito; esta forma de percepção a denominamos de “Meditação”.

SLOKA 37

“A impressão cognitiva ‘Eu Sou Brahman’, criada por uma ininterrupta compreensão, destrói a ignorância e seus derivados, da mesma maneira que a medicina rasayana destrói as enfermidades”.

Definir a mente adequadamente nos permite estudá-la com maior facilidade e com isto, poder chegar a predizer as consequências em seu funcionamento. Para isto é necessário apresentar um modelo que defina inteiramente suas funções e qualidades. O *vedanta*, para tal efeito, estabelece a condição sutil de sua substância mental e as quatro faculdades que esta combinação gera. São *budhi* (intelecto), *manas* (flutuação), *chitta* (memória) e *ahamkara* (sentido de identificação), os elementos fundamentais para investigar um modelo que sirva para predizer processos cognitivos.

Nos *slokas* prévios, temos aprofundado sobre cada uma das quatro funções que constituem o *antakarana*, a mente, por isto no caso de dúvida por parte do leitor, o remetemos a leitura do respectivo parágrafo³², se assim necessitar.

A mescla das quatro atividades obtém diferentes características da mente e a mescla dos constituintes materiais primigênicos de *satva* (equilíbrio), *rajas* (atividade) e *tamas* (inércia) oferece, segundo o grau que se estabeleça, condições que se exemplificam no quadro seguinte. É possível, segundo seja a preponderância de substância sutil e a atividade cognitiva que está em funcionamento, estipular diversas características da mente. O quadro mostra algumas funções da preponderância de cada um dos constituintes mentais associados as funções básicas do *antakarana*.

Das quatro funções do *antakarana* há uma que estimamos muito que é a atividade budhica, o intelecto, pois ela possui a grande qualidade de ser a base da natureza consciente e refletir a consciência individual. Imagine o leitor que *budhi* é como um metal cuja forma está pintada de negro, o que lhe permite absolver calor; imagine também que *budhi* é como uma paisagem onde as águas cristalinas e quietas da superfície de um lago refletem o firmamento e demais objetos. A capacidade de reter e de refletir são condições de *budhi*, graças ao excesso de *satva* na

32. Sugerimos a leitura dos *slokas* 17 e seguintes.

mescla dos elementos sutis que constituem a mente; por isto é a sede da inteligência, do intelecto e da consciência individual.

TABELA 1. O ANTAKARANA E AS GUNAS

	BUDHI	MANAS	AHAMKARA
SATVA	Compreensão Surpresa Assombro Aprendizagem Novidade	Lógica Colaboração Apoio Imaginação Alegria Fantasia	Inegoísmo Compaixão Virtuosismo
RAJAS	Fogosidade Temeridade – ousadia– Controle	Nervosismo Dúvida Agitação Inquietude	Interese Futurismo
TAMAS	Densidade Ignorância	Medo Preguiça Indolência	Egoísmo Vontade

A ideia consiste em aproveitar a essencial natureza do saber, própria da Consciência³³ e utilizar esta atividade para conhecer a própria Consciência. Já que temos definido a Consciência como um contínuo não-dual de saber, então conhecer a Consciência implicaria também em conhecer a si mesmo como um contínuo não-dual. Para isto é essencial retirar os elementos tamásicos e rajásicos que são parte do *antakarana*, o que implica em aquietar a mente e atuar sem existir quem atue.

33. O termo “Consciência”, com “C” maiúscula, indica a atividade do saber de maneira genérica ou daquela que induz uma percepção não-dual. Por sua vez, o termo “consciência”, com o “c” minúscula, implica a capacidade do saber que se aplica um indivíduo cuja apreciação cognitiva é dual. Assim, a Consciência se assenta em *budhi*, mas, reflete a consciência individual, de maneira semelhante a que um espelho reflete apenas duas das três dimensões de um volume qualquer.

Quando se tem a destreza na percepção sem movimento mental, como é o caso da prática meditativa interna, ou a realização da ação sem identificação com ela, como é o caso da prática meditativa externa, então florescem formas de cognição nunca antes experimentadas. A simples condição de ser testemunha ininterrupta de um evento existindo, sem que este se modifique, induz um sentido de enaltecimento interior desconhecido; a viveza do saber se revela e o sentido de imensidade se apresenta como algo cotidiano.

De todas as coisas que inquietam pelo surpreendente nos estados de percepção superiores há uma que se caracteriza sobre as demais. Referimo-nos ao fato da continuidade do saber sem que exista nenhuma atividade de movimento mental. Algo assim como uma conversa que não termina como um assombro que pode durar minutos ou horas sem que se modifique. É como experimentar um mundo totalmente novo e que a surpresa nos leva a uma viveza absolutamente única e viva. A continuidade da atividade budhica é a mais surpreendente das surpresas. Notar que se é possível conhecer sem que interfira um processo reflexivo, ser testemunha de uma realidade sem que exista um processo dialético, se parece a estar fluindo em um constante estado intuitivo que não cessa e que não se detêm; como cair em um precipício sem jamais chocar-se com o solo.

Por isto *Sankara* enaltece em grande importância a constante percepção de *budhi*. Simplesmente a contínua percepção de *budhi* sobre um objeto interno ou externo conduz, finalmente, não apenas ao conhecimento do próprio evento, mas também a de seu complemento cognitivo, o resto do universo. Assim, então, se estabelece o conhecimento de *Brahman*, o contínuo não-dual, cuja essência é Bem-aventurança, Existência e Conhecimento Absolutos.

SLOKA 38

“Sentado em um local solitário, liberando a mente de todas as dúvidas e desconectando os sentidos, deve meditar com imóvel atenção no infinito Atman, que é Um-sem-segundo”.

A filosofia *vedanta advaita* dispõe, em sua variante ortodoxa, que se deve seguir certas etapas ou períodos de vida específicos: *brahmacharya* ou etapa de aprendizagem; *grihastra*, etapa mundana, como um pai de família e atendendo as obrigações comuns; *vanaprastha*, o retiro com o companheiro/a em solidão, e *sanyasin*, traduzido como “renunciante”, para quem o isolamento é total. A etapa de *sanyasin* pode apresentar-se em qualquer momento da vida e é independente da casta ou da condição a qual pertença o indivíduo. Qualquer pessoa pode alcançar a condição de *sanyasin*, inclusive sem passar pelas etapas prévias.

A experiência de *sanyasin*, cuja renúncia ao mundo é total, permite ao buscador a obtenção ininterrupta do *Nirvikalpa samadhi*³⁴, experiência definitiva que, ao realizar-se de maneira ininterrupta com no mínimo de vinte e um dias, dota de liberdade final que permite alcançar o status de *jivanmukta*³⁵. Estes personagens possuem a tendência de isolar-se em lugares solitários, em bosques ou em cavernas, e eles impedem que o gênero humano os conheça.

Na conquista deste estado, seu compromisso ou responsabilidade com respeito à socialização com o mundo cessa, pois o universo passa a ser percebido claramente como sendo uma ilusão. É como ter um compromisso sólido com as situações que emergem em um sonho, sabendo que se está imerso nele. Esta experiência de compromisso onírico não possui sentido, pois se sabe que o mundo que ali se apresenta é completamente ilusório, irreal.

Por sua vez, existe outra série de mestres heterodoxos cujos alinhamentos dos ensinamentos estão definidos também a partir do *vedanta advaita*, mas que não seguem muitas das regras sociais ou ritualísticas que os cânones orientais marcam. Sendo

34. Estado supremo de Consciência onde o universo se percebe a si mesmo de forma simultânea e onipresente. A Consciência não-dual, como contínuo do saber, se percebe como conhecedor e objeto conhecido.

35. Nome que se outorga a aquele que alcança o estado de liberdade final

Sankara o caso mais claro, dentro dos que na tradição oriental tem alcançado o status de *jivanmukta*, em assumir um rol de não isolar-se e nem entregar-se a uma atividade exclusivamente contemplativa. O próprio *Ramana Maharshi*, mestre realizado da tradição *advaita*, buscou inicialmente isolar-se nas cavernas de sua montanha *Arunachala*; no entanto, a multidão de devotos o levou finalmente a manter uma vida sedentária em um *ashram* onde não teve outra saída além de assumir um rol pedagógico através do ensinamento mediante o silêncio.

Algo semelhante ocorreu a *Nisargadatta*: depois de se estabelecer na Realidade, marchou para os Himalayas para retirar-se a uma caverna. No trajeto se encontrou com um companheiro, também devoto de seu mestre. Ao saber pelo próprio *Nisargadatta* de que ele já havia alcançado a Realização, lhe disse: “Se já tem alcançado, para que mais vai ficar nos Himalayas em vez de ficar em sua casa?” A reflexão de *Nisargadatta* foi: “Pois é verdade, por que não regressar pra casa?”, coisa que finalmente o fez. Voltou a seu negócio de venda de cigarros, local onde as pessoas o buscavam para fazer-lhe diversas perguntas. Finalmente a quantidade de pessoas era tal que visitantes de todo o mundo acabarão por ir à Índia e escutar seu legado acerca de Si Mesmo.

Por isto, uma característica da variante ortodoxa do *vedanta* tem sido que a maioria de seus expoentes sejam anônimos; na fração heterodoxa não se considera totalmente necessário seguir uma ortodoxia baseada nos vedas. Assim, temos o próprio *Nisargadatta* que, após ter conseguido o estado nunca assumiu, nem para si e nem para seus ouvintes, uma forma de vida regida exclusivamente pelas escrituras; e ao contrário, para *Ramana Maharshi* grande parte de sua forma de vida e inclusive sua morte esteve sempre determinada em função das escrituras.

Isto tem gerado o inconveniente de que a tradição, quando brilha com a própria força, graças à vivência da experiência interior de quem a tem alcançado o estado final, careça de uma coletividade agrupada ou de mestres que façam parte de uma saga, pois o que finalmente tem valor é o fato do conhecimento

de Si Mesmo ser a própria experiência e jamais o de ter sido discípulo de um mestre realizado ou ter feito parte de um *ashram* ou instituto de ensinamento.

Existe outro aspecto interessante a tratar que se apresenta assinalado pelas palavras do *sloka* "... liberando a mente de todas as dúvidas..."; originalmente a *sloka* afirma: "... liberando a mente de todos os desejos...". As maiorias das culturas espirituais possuem um grande time de moralistas, o que leva a assumir que a mudança necessária que deve produzir o devoto é simplesmente ética ou moral. Por isto, se tem apresentado uma luta direta contra o desejo, que parece ser o inimigo feroz contra o qual se deve combater. Isto tem levado a um sem fim de erros terrivelmente contraproducentes, pois o caminho que se deve seguir de nenhuma forma é moral. A busca interior não é uma luta do bem contra o mal, como se têm apresentado por quase dois mil anos; o verdadeiro caminho é o do conhecimento que busca erradicar a ignorância. Devido a isto, é a dúvida e não o desejo, o que deve ser restringido. O trabalho é sobre a mente, o que termina evidentemente em um tipo de comportamento adequado a compreensão que se estabelece, mas, jamais o trabalho interior é a busca de um tipo de comportamento social ou ético, onde a mente facilmente se mantém em cobiça na hipocrisia, onde se pensa uma coisa e se faz outra.

O desejo em suas diversas facetas, resumidas muitas vezes na sexualidade, tem adquirido um tom de negação, algo sujo e até de perversão. A luta direta contra estas sensações, longe de solucionar o problema, o que tem feito é agravá-lo. A estupidez com que enfrentam um caminho interior sem ter a menor ideia de como trilhá-lo, tem feito da mulher, da sexualidade e dos desejos em geral um foco contaminado que se tem buscado extirpar de muitas formas e muitas delas violentas. Tem-se negado a mulher as mesmas opções que a dos homens, os mesmos direitos de mergulhar no Sendero da liberdade; a sociedade impõe devido à equivocada educação pela qual é envenenada, erradas prerrogativas que limitam as opções femininas no espiritual.

O ser humano não se dá conta de que na medida em que se nega ou se luta contra seus próprios desejos, o que termina fazendo é firmar-se cada vez mais neles. Isto é particularmente evidente em nossa cultura ocidental, tão condicionada durante estes dois mil anos por uma visão clerical altamente moralista que cataloga o desejo como algo que deve ser atacado por ser daninho e nocivo. O desejo, como todos os processos da vida, sempre possui algo a nos ensinar, quando é vivido em oportunidade de lugar e tempo. Podemos aprender dele: por exemplo, como a intensidade física que arrebata quando chega a um ápice e logo desemboca em um final que também temos que aceitar. A intensidade física procura a possibilidade de viver momentos de entrega únicos, exclusivos, que são a fonte de experiências que apenas podem dar-se sob estas circunstâncias. É absurdo pretender negar tudo isto; seria como pretender catalogar como sendo negativa ou daninha uma determinada cor, por exemplo, o azul e assim estabelecer que esta deva ser erradicada. Como, porque e para que, se faz parte da ordem natural das coisas.

Existe uma maneira simples de controlar os desejos e toda a atividade mental sujeita a aparecer quando não correspondem a um momento presente que acontece. Os desejos, semelhante aos pensamentos, obtêm força porque lhes outorgamos poder, como a uma fogueira que obtêm força porque lhe lançamos mais material combustível. Os medos, as angústias, a solidão e demais atividades mentais não existem de forma independente da Consciência. Para que qualquer condição mental seja consciente é preciso que a atenção esteja associada a ela; ou seja: para que qualquer evento possa ser experimentado como real, a consciência deve estar sobreposta sobre ele como o sal está na água dos oceanos. Outorgam-se ares de vida aos pensamentos e aos sentimentos apenas quando a atenção se deposita neles, quando se une a história, ao futuro ou em uma situação que não corresponde ao momento presencial adequado. Portanto, situar-se conscientemente no momento presente, saber que se é parte de um instante que acontece, impede o nascimento de qualquer fator mental que não faz parte deste momento. Identificar e

atender com destreza o presente que acontece leva a interagir exclusivamente a ele, a este fato presente. Uma resposta atenta e presencial a um evento impede o surgimento de qualquer outro pensamento e sentimento não associado a este instante. Direcionar a atenção ao presente e ser testemunha de cada instante que ocorre é o fator decisivo que educa a mente, que fortalece sua qualidade budhica para que, finalmente, nasça nela à qualidade metafísica fundamental, *viveka*, que reconhece o que é o Real e o que é o ilusório.

Devido a isto, se há algo que deve ser atacada é a dúvida. A dúvida produz um encontro de inquietude mental onde é impossível forjar algum tipo de compreensão. A dúvida não permite o surgimento de compreensões firmes que levam a reações favoráveis e gerar aprendizagem. A dúvida leva a incertezas, o que termina em todo tipo de temores e angústias diante da vida e diante de si mesmo.

Na *sloka*, continuando, se diz em sua tradução original: "...controlando os sentidos...", e foi modificado por: "...desconectando os sentidos...", pois parece interpretar-se que o desejo se evita controlando os sentidos, isto é, não vendo, não sentindo ou simplesmente culpando ao corpo pelo surgimento de desejos; deste ponto é fácil derivar a erros como castigar o corpo quando surge o desejo, pois dessa maneira se elimina o desejo enquanto o converte em dor.

O verdadeiro controle dos sentidos se obtém quando voluntariamente desconectamos dos objetos sensórios. Esta operação, que parece inicialmente tão difícil, é algo que cotidianamente fazemos antes de dormir. Antes que o sono nos tome, os sentidos têm que desconectar-se, pois se não for assim se é impossível conciliá-lo. Na prática meditativa interior também se deve apresentar a desconexão sensória. Quando a atenção se firma no mundo interior e a mente toma o controle da percepção, os sentidos lentamente se desvanecem. Assim, quando a mente é capaz de reconhecer a ausência de pensamentos, a atenção se aponta ao vazio vivo que gera a ausência de todo conteúdo

mental. Quando isto ocorre, os sentidos se desconectam de forma natural, tal como ocorre momentos antes que chegue o sono. Desde aqui, os sentidos desconectados possibilitam que a atenção possa estabelecer-se em estados interiores mais firmes até que finalmente se possa firmar-se em si mesma, ou seja, atender a própria atenção.

SLOKA 39

“O homem sábio que possui forte discernimento, viveka, ao atender constantemente ao Atman funde o mundo objetivo na Realidade não-dual, em Atman”

Temos previamente anotado que *viveka* é a qualidade da mente que implica na própria maturidade do intelecto. O intelecto, *budhi*, possui a finalidade de determinar os prós e os contras de um evento percebido, ou seja, é o produto de um ato que determina finalmente um processo cognitivo sintético. *Budhi* representa o próprio instante aonde é gerada uma compreensão qualquer, sem que esta seja necessariamente ajustada a realidade. Suponha o leitor que percebemos a aproximação de uma pessoa; enquanto esta se encontra ainda longe para visualmente determinarmos suas feições, o modo de caminhar ou o tipo de roupa que usa, presumimos que, quem se aproxima é alguém conhecido. No entanto, quando já se encontra próximo notamos que evidentemente era outra pessoa e não a que previamente acreditávamos que caminhava em nossa direção. Neste caso, o intelecto, *budhi*, através da discriminação dos prós e dos contras dos eventos guardados na memória, determina-se inicialmente como válido um julgamento equivocado e posteriormente, o aperfeiçoa mediante um olhar certo. A faculdade mental que implica aprendizagem e compreensão é *budhi*, no entanto *viveka* tem a ver com um tipo de compreensão que diz respeito exclusivamente ao metafísico.

Viveka é a faculdade que discerne sobre o Real, enquanto que *budhi* discrimina sobre o real. *Viveka* é uma faculdade pouco

estabelecida no ser humano, enquanto que *budhi*, bem ou mal, se firma em forma de inteligência, lógica e raciocínio ordenado. *Viveka* é a maturidade de *budhi*. Quando *viveka* se desenvolve na mente humana é fácil discernir o que é o Real e o que é o ilusório (real). Por isto se define de *viveka* como o ato que permite discernir entre *Brahman* e *maya*, isto é, entre o Real e o ilusório.

O ato de que o ser humano viva constantemente na dúvida, na inquietude, faz que sua mente favoreça um tipo de processo cognitivo cuja validade se estabelece nos prós e nos contras dos conteúdos existentes na memória. Em outras palavras, é a nossa memória quem determina a validade do conhecido graças a concordância entre a percepção e os próprios conteúdos prévios que se estabelecem nela. Fala-se que *budhi* como sendo a faculdade que estabelece os prós e os contras, pois quando a concordância entre uma percepção e sua imagem da memória se realiza, emerge o que geralmente denomina-se de “saber” ou de “compreensão”.

Semelhante maneira ocorre com *viveka*, mas, diferentemente de *budhi*, a memória não estabelece a imagem de um evento não-dual. No caso de *viveka* a compreensão não requer de prós e contras, pois os conteúdos não delimitados da percepção superior não-dual, não gera uma marca que a memória possa reter através de um nome e de uma forma. Por isto, a percepção intuitiva se parece ao ato de cognição de *viveka*, pois a cognição intuitiva é direta sem que se interceda o raciocínio, os prós e os contras que compara conteúdos mentais; *viveka*, realmente se vale de compreensões exclusivamente metafísicas.

Quando *viveka* está desenvolvido em um indivíduo, sua percepção do mundo leva a novas conclusões a respeito do que é o Real. Como se tem comentado é semelhante a ser consciente de que, enquanto dormimos se está sonhando. É compreender a total ilusão frente a um evento que se está conhecendo, enquanto o evento que está acontecendo parece completamente real. Enquanto se sonha os eventos parecem reais, o mundo se ordena sob uma lógica particular; no entanto, há quem enquanto dorme nota que esta experiência é um sonho. Assim, então,

se é possível notar a ilusão de algo que parece completamente real e existente. Imagine também o leitor a uma criança brincando que monta a um cavalo quando coloca entre suas pernas um cabo de vassoura que tem nele enfeitado com uma meia em um dos extremos. A criança, em sua inocência, acredita que realmente cavalga em um corcel, mas seu pai, que se encontra a seu lado, sabe efetivamente que não existe o imaginado cavalo, é apenas a crença do pequeno que afirma seu julgamento em seu incipiente raciocínio; pois da mesma forma são *budhi* e *viveka*. Enquanto *budhi* discrimina a realidade que se válida por experiência própria, *viveka* discerne realidades além da própria experiência mental. *Viveka* transcende a dialética mental e se estabelece em um mundo de compreensões contínuas.

O desenvolvimento de *budhi*, do intelecto, requer de reflexão e análises, tudo isto associado a uma memória com conteúdos variados para processá-los. *Budhi* estabelecido nos faz inteligentes, lógicos e com um raciocínio direcionado a consecução de respostas adequadas a qualquer tipo de pergunta a qual tenhamos informação. Ao contrário, a ausência de intelecto, *budhi*, faz com que nossas conclusões sejam lentas, pouco confiáveis e normalmente equivocadas. *Viveka*, ao contrário, permite estabelecer uma compreensão imediata sobre o que é o Real, sobre o que Realmente é o mundo e sobre qual é a causa de tudo o existente.

Para desenvolver *viveka* é imprescindível a atenção ao que está acontecendo. Para a sustentação de *viveka* é preciso que a mente responda exclusivamente ao momento presente. Para despertar *viveka* se necessita permanecer no aqui e agora de forma contínua. Estas práticas, realizadas uma e outra vez, direcionam a mente a encontrar uma compreensão metafísica. A prática pode ser de meses como também de anos; no entanto, cedo ou tarde esta faculdade discernitiva surgirá. Quando isto ocorrer, quando finalmente *viveka* nasce, o mundo torna-se lento e a percepção apresenta uma real magnitude sobre o conhecido. Então é fácil notar a vacuidade do temor e a ausência da dúvida. A mente apresenta potência na atenção continuada e o imenso vazio entre

os pensamentos começa a abranger e inundar o mundo interior. O discípulo notará que cada instante é único e exclusivo, que a atenção deve pousar-se tanto no simples como no complexo de qualquer ato da vida, que nunca se está só e que a Realidade está além de qualquer compreensão dialética.

SLOKA 40

“Aquele que tem obtido a Suprema Bem-aventurança deixa de lado os objetos, seus nomes e formas, e reside no mundo como se fosse a personificação ou a encarnação da Consciência Infinita ou a Infinita Felicidade”.

O amor é uma experiência que tende a integrar aquele quem ama ao amado. Na medida em que o amor cresce, os limites entre um e outro se desvanecem. Finalmente, aquele quem ama e o amado convivem sob um sentir formado pela felicidade e a entrega de um no outro. Em nossa cultura, pela busca do amor se elevam orações, se realizam qualquer sacrifício e sua ausência é a causa de desengano e de morte. O amor místico produz desolação diante da separação de Deus e finalmente, também o êxtase com seu encontro; o amor de companheiro/a produz o deleite da vida e sua ausência a perda deste.

O amor é capaz de ser o motor para construir impérios ou a razão para destruí-los. A força desenvolvida pelo amor nos leva a perder-nos em seus laços e graças a isto desaparecemos no amado. Imaginemos que o sentido de integração não se dá apenas com a ideia de Deus ou com uma companheira/o, mas sim, graças a modalidade de percepção simultânea que oferece a não-dualidade, podendo realizar-se com inumeráveis eventos, inclusive coma totalidade de constituintes universais. Imaginemos ser parte de todas as coisas, estar integrados inclusive no que se têm sido e o que será. Sentir o fogo que consome e a liberdade que implica a entrega total. Esta experiência é pouco comum para os seres humanos; apenas alguns poucos místicos ocidentais são quem ilustram esta experiência que deixa atônito

a qualquer um que a escuta. Ali os rios de lágrimas, os gemidos de desespero e de gratidão são frações mínimas que buscam descrever um coração que explode em mil pedaços para ser parte de cada uma das coisas as quais se integra.

A suprema Bem-aventurança da qual fala *Sankara* neste *sloka* não é um sentimento que o ser humano possa conter e da qual consiga apropriar-se. É um equívoco enorme supor que este estado supremo possa parecer a algo que a mente guarde em sua memória. Para viver a intensidade da Bem-aventurança Suprema é necessário ser consciente da verdade de Si Mesmo, compreenda a cabalidade, sem dúvida e com total claridade. Na mente não existe um sentimento que sequer de forma primária possa aproximar-se a esta inenarrável expressão de Amor Absoluto, de *Ananda*.

Saltar ao vazio da perda do eu se assemelha momentaneamente ao fato de ir caindo por um precipício e não encontrar um ponto de apoio que sirva de referência. Posteriormente, esta perda de controle vai pouco a pouco derivando em uma mudança da percepção, e assim também na forma de compreender a realidade. Detectar o mundo sem ser parte dele é algo profundamente grato. Detectar o mundo e ser simultaneamente quem o percebe e o percebido outorga um sentido de liberdade incomum e de ausência de esforço na própria atividade mental. Agora a mente, graças à permanência na não-dualidade, observa o mundo desde todos os ângulos possíveis. Enquanto o sistema nervoso se adapta, coisa que pode durar entre algumas horas ou inclusive anos, a percepção é completamente calma, sem pensamento algum que a arraste e sem o menor vestígio de dúvida. Tudo se experimenta completamente perfeito; cada coisa, sem importar qual, se adverte em seu lugar. É possível notar que ninguém faz nada, que a própria inteligência da natureza é a causa eficiente e material do próprio universo.

A sensação de interconexão de tudo com tudo se denomina de *Ananda*, Bem-aventurança, e a compreensão de que tudo faz parte de tudo se chama de *Chit*, Consciência Absoluta, o universo

se experimenta além do tempo e do espaço. Qualidades de *Chit* e *Ananda* se consideram como a razão essencial da existência de tudo, *Sat*. A natureza humana ligada ao passado ou ao futuro se fratura para dar existência a uma correlação de eventos que ocorrem pela própria ordem que interpenetra todas as coisas. Todo temor cessa, inclusive a dor ou a morte. A maioria dos sentimentos humanos se extingue por faltar um eu que os reconheça. Nascem novas formas de ver e de experimentar o mundo; fatos e eventos são sempre novos, não limitados ao tempo e nem ao espaço. As palavras surgem como respostas espontâneas tal como o coração bate espontaneamente por sua própria natureza. Tudo ocorre por si mesmo e nada ocorre por mim mesmo.

É gratificante que, diante da riqueza de percepções, não se produz um esgotamento psicológico. Ao contrário: o que há, graças à certeza da própria percepção, é um descanso sem igual, uma exaltação natural da própria percepção por saber que as coisas simplesmente “são”. Assim, essa certeza fundamenta a atenção e por sua vez, esta alimenta a própria certeza, configurando uma espécie de motor cognitivo que se alimenta de seu próprio dinamismo.

Quando a certeza é constante e contínua, o próprio fato de se estar atento insufla uma força de vida na cognição. Desta maneira se, por exemplo, for necessária uma opinião, as ideias se expressarão ajustadas a um roteiro que flui de forma natural e espontânea. Um roteiro que determina igualmente o que se deve ou não ser falado, em um ambiente de profundo descanso e enorme viveza.

Essa condição interior que se depara a não-dualidade, gera uma riqueza de vida que é totalmente diferente do conhecido por um ser humano. Ali, a intensidade de um momento converte cada instante em algo perfeito; a este momento nada faz falta, pois se têm convertido a si mesmo em algo único e por sua vez em todas as coisas. Assim, é possível configurar uma soma de momentos perfeitos em circunstâncias únicas, que fazem que aquilo que é percebido adote uma condição inigualável que

jamais será repetida. Esse, não perder o menor atributo daquilo que se está experimentando ou vivendo, unido ao próprio evento da certeza que impregna o processo, gera uma exaltação e um espaço interior aonde cada vez mais o universo e quanto mais universo haverá mais certezas, em um processo ad infinitum cujo único fim é o *Nirvikalpa samadhi*.

SLOKA 41

“O ser Supremo, cuja natureza é idêntica a da Bem-aventurança infinita, não admite a distinção entre o conhecedor, o conhecimento e objeto de conhecimento. Ele É Compreensão Pura”.

A epistemologia, ou teoria do conhecimento, é um dos quatro problemas fundamentais que se estuda a filosofia e busca decifrar o mistério do saber. Busca determinar, por exemplo, se é possível conhecer tudo; busca analisar se a percepção depende do sujeito ou do objeto, ou busca examinar se o conhecimento é discursivo racional ou imediato. A teoria do conhecimento é uma complexa rede teórica com centenas, se não milhares de opiniões, que buscam dar sentido a um processo que praticamente desconhecemos: a cognição.

No processo da cognição há uma série de postulados que se assumem serem válidos por si próprios, ou seja, assumem a condição de axiomas graças ao evidente do contexto que definem. Por exemplo, se aceita como axioma que são diferentes o conhecedor e o conhecido, isto é, sujeito e objeto desfrutam de condições que os fazem distinguir-se sob a luz da percepção como sendo diferentes um do outro. Uma coisa é perceber uma paisagem e outra a própria paisagem; um é quem escuta a um violino e outro é o próprio violino; é diferente, uma lembrança daquele que a recorda. Assim mesmo, se pressupõe que a Consciência, como evento inteligente que produz saber, é procedente do próprio sujeito, isto é, é a consciência do conhecedor o agente ativo da cognição.

Com estas duas hipóteses básicas, dualidade objeto-sujeito e consciência individual, se buscam criar um alicerce que explique a percepção e o processo do saber. Evidentemente ainda não existe uma teoria que alcance este sucesso, até o ponto que se aceita quase por todos que o Real, o Ser, é o que É, e é impossível de ser apresentado dialeticamente; a mente está impossibilitada não apenas de entender o Real, senão também, que é impossível a ela aproximar-se do terreno metafísico, esfera aonde pode experimentar-se o Real, o Ser. A filosofia, desde décadas, está completamente inerte. Diante da impossibilidade de explicar o Real, tem-se dedicado a explorar a linguística e a comunicação. Um dos grandes problemas que arrasta a filosofia é a falta de interpretação do que a tecnologia procura e que nos situa em um mundo completamente novo. Os artifícios teóricos de muitos dos antigos e novos filósofos não se aproximam nem de longe, por exemplo, a uma explicação de um universo quântico aonde as partículas atômicas possuem incomuns características radicalmente diferentes de qualquer fração substancial de maior tamanho. As teorias físicas que tecem novas modalidades de realidade são descobrimentos da física quântica que não são reflexionados, setor onde que a filosofia não opina, talvez por medo de perder seu status ancestral.

A física quântica descobriu a um século que a energia está quantizada. Isto, agora tão elemental, em seu momento foi fundamental e completamente novo. Apresentar um universo que irradia energia em frações discretas, implica em uma realidade descontínua. Essa afirmação, já é por si, amostra de um universo nunca antes pensado, mas se lhe adicionarmos que a fração mínima é a constante de Planck e que sua existência apresenta o surgimento do “princípio de incerteza”, então as conclusões são maravilhosas. A indeterminação ou incerteza leva a não ser possível determinar com exatidão as variáveis físicas de um sistema em um momento dado, ou seja, não podemos saber completamente as variáveis físicas de um sistema e defini-las totalmente. As repercussões destas afirmações não possuem solidez na filosofia. O novo modelo da realidade que apresenta a física

quântica não possui um desenvolvimento filosófico que leve a trocar, modificar ou simplesmente desfazer o edifício monolítico do pensamento ocidental que se tem construído e que não possui atualmente um caminho para a compreensão do Real.

Buscarei exemplificar como um avanço científico, como o realizado pela quântica é capaz de implantar um novo modelo de cognição. Para isto assumamos que, semelhante à física quântica, onde existe uma unidade indissolúvel a que se chama de “quantum”, que corresponde a constante de Planck, também existe a nível cognitivo uma unidade de medida no pensar a qual denominamos de “eu”. Ou seja, a discreta unidade, a menor em que se pode pensar se chama de “eu”. O sistema nervoso está impossibilitado de apresentar uma expressão cognitiva menor a que se utiliza para reconhecer o sentido de eu. Não existe pensamento que o sistema nervoso possa em funcionamento detectar, menor que a fração denominada de “eu”. Todo pensamento complexo, toda ideia mais vistosa, sem importar a sua formação, requer de um sistema nervoso mais forte e de um gasto energético maior. O primeiro pensamento que a mente humana gera quando passa do sentido coletivo ao individual é o sentido de sou. Por isto o sentido de eu está tão profundamente arraigado na mente, pois é o pensamento que mais reforçamos mediante a percepção constante do mundo e de nós mesmos.

Apresentar o eu como sendo uma unidade cognitiva no processo da percepção leva-nos imediatamente, semelhante à física quântica, a reconhecer que é impossível de se determinar mentalmente o que é o Real, pois a indeterminação que promove a quantização do eu implica no surgimento de um segmento temporo-espacial onde é impossível de se saber sobre o Real. Definitivamente a cognição humana funciona semelhante à física quântica, como um sistema nitidamente probabilístico. Enquanto que a quântica descobriu matematicamente a equação que determina a expressão probabilística de seus sistemas, a filosofia ainda não. Antes que se construa o pensamento eu,

antes do próprio surgimento do pensamento eu, há uma indeterminação que impede que a mente funcione de maneira sequencial, tal como geralmente faz. O funcionamento sequencial da mente se associa especificamente a um processo discursivo racional. Ou seja, o raciocínio dialético constrói um tipo de realidade semelhante à interpretação da física clássica, ou seja, sistemas complexos, eventos como montanhas, aviões e lembranças. Enquanto a física quântica metaforicamente se assemelha aos processos mentais que tem a ver com os estados mentais de grande quietude, onde penas se vislumbra a aparição egóica, ou seja, os estados de Concentração e Meditação *vedanta*.

Antes que surja um pensamento qualquer, a massa mental de memória funciona como uma sobreposição probabilística. Quando o pensamento nasce, a matéria mental toma a imagem da lembrança e assume uma relação com a percepção, que leva a um julgamento de saber. No entanto, no instante seguinte, quando o pensamento volta a desvanecer-se uma e outra vez antes que se forme outro novo, surge um pequeno instante na indeterminação cognitiva onde a consciência individual não assume o rol da compreensão sobre um evento, mas sim, que se resume em todo o potencialmente existente.

O *vedanta* apresenta que o estado normal da realidade é aquele onde a Consciência se resume simultaneamente em toda realidade potencialmente cognoscível, enquanto que o estado egóico é um dos quatro estados da Consciência possíveis, segundo seja a unidade “quântica psicológica” que se apresente neles como base fundamental da percepção.

Por isto afirmamos categoricamente que: É possível um tipo de percepção onde a Consciência possa conhecer todo o conhecido e inclusive a si mesma existindo. A esta forma de cognição geralmente a denominamos de “não-dualidade”. A experiência de perceber tudo em tudo, engrandece o saber de tal maneira que a Bem-aventurança que surge da integração de todo o conhecido se converte na própria substância do universo inteiro. É assim, então, onde a Consciência não distingue entre

o conhecedor, conhecimento e conhecido, pois ela é simultaneamente todos os estados e categorias possíveis da cognição.

SLOKA 42

“Por meio da Meditação constante, comparável ao atrito das lenhas para acender o fogo, eleva-se a chama do conhecimento e da permanência da compreensão, que reduz a ignorância completamente a cinzas”.

Sadhana é o conjunto de práticas interiores que conduz ao despertar interior. Normalmente todo mestre tende a oferecer uma série de disciplinas com o fim de adequar a mente de seus discípulos. Estas disciplinas geralmente são de variadas naturezas, dependendo da característica de cada estudante. Elas possuem a tendência de melhorar os aspectos mentais ou físicos com os quais se assume que o discípulo se prepara para estabelecer um maior controle de si mesmo. Finalmente o que se adquire é um tipo especial de compreensão que tem a ver com uma busca interior.

Quando nos encontramos com a profundidade da compreensão, qualquer que seja esta, notamos que ela sempre perdura por si mesma; é uma força que vive em nós de maneira livre. As compreensões apenas se modificam por outras, mas jamais morrem por elas próprias. Surge semelhante a um balão inflado que se encontra dentro da água e vai diretamente buscando a superfície, jamais afunda; assim é a natureza da compreensão, lhe leva sempre a ressurgir em um saber.

O próprio ato da compreensão faz parte de um marco universal e está inclusive fora de “nosso” entendimento, dado que é precisamente o que essencialmente somos. As compreensões são o nosso caminho, pois nos devemos a elas, somos o que compreendemos. Diferente é o conhecimento simples e direto que valoriza e reconhece um e outro objeto. Este simples conhecer é informação que se torna um papel ou se arquiva de alguma maneira para se poder posteriormente ser retomada,

transformada ou manipulada. Assim, nossa cultura ocidental está formatada em armazenar conceitos, ideias e explicações dessas ideias, mas não é hábil em mostrar compreensões sólidas que definam interiormente o ser humano.

As compreensões as quais fazemos referência geralmente ocorrem raramente na vida; são saberes fundamentais que servem de eixo a nossa conduta e as ações cotidianas, são expressões que induzem tal imensidão de surpresas que a mente se regula diante sua presença, é a expressão de uma força que elimina a dúvida ou falando com mais propriedade, permite sustentar-se na ausência de dúvida.

O simples ato de entender que estamos vivos, toma forma em nós como algo que “sabemos”, mas não é uma compreensão viva do tamanho e textura da que referenciamos. Quando nos topamos com uma compreensão imensa do timbre que quero mostrar, ela nos alimenta sempre, não necessitamos protegê-la, pois esta compreensão já nos pertence para sempre e sobre ela própria nós nos construímos internamente.

Existem compreensões que por sua força, por seu brilho ou seu fulgor, são capazes de transformar-nos totalmente. Mas, o que é que se transforma? Justamente a incapacidade mental que nos leva todo o tempo a duvidar, a permanecer-nos inquietos, a sentir sem razão, a pensar com temor. Essas compreensões fundamentais as quais nos referimos eliminam de uma vez a dúvida porque o mundo onde elas se firmam é uma inteira e total certeza. Não há nada mais maravilhoso que uma intensa e forte compreensão. Compreender é ser livre. Uma compreensão firme é o mais belo presente que podemos obter, pois se parece a uma bússola que sempre nos indica o norte em nossa vida.

Dentro da família das compreensões, dentro da profundidade das certezas, há uma série de ideias excepcionais que, infelizmente, cotidianamente encontramos poucas ou nenhuma delas. Nos referimos as compreensões metafísicas, aquelas que são o eixo central da realidade mental que estabelecemos e que nos situam claramente a respeito de quem somos e o que

é o mundo. Pensar que somos Deus em essência, como simples conhecimento adquirido via intelecto, é muito pobre. Basta qualquer vendaval psicológico para que sejamos lançados para a inquietude, basta a menor dor física para nos perdermos no desespero. Compreensões profundas são aquelas que se sustentam tal como faz uma boia no tormentoso mar. Dentro das compreensões metafísicas há uma que um dia, cedo ou tarde, o leitor encontrará e cujo entendimento profundo lhe outorgará a tão desejada paz que agora não possui entendimento; esta compreensão se enuncia como:

“Tudo é Brahman; o universo é maya”

Esta afirmação, que pode ser assimilada como simples “conhecimento” por qualquer pessoa que a leia, pode também, no entanto, tomar forma e força de compreensão de certeza e transformar realmente sua vida. Existe uma história a respeito que pode esclarecer profundamente este ponto. *Nisargadatta*, o último *jivanmukta* publicamente conhecido, após grandes esforços foi convencido por um amigo a ir visitar a quem posteriormente seria seu mestre. O encontro foi interessante e além, *Nisargadatta* comentaria a respeito que o mestre lhe observou e lhe disse: “Tu é *Brahman*, entenda e atue em consequência”. Aprofundando-se no escutado, *Nisargadatta* durante três anos reflexionou a profundidade do ensinamento aparentemente simples que havia recebido. Passado este tempo alcançou finalmente a capacidade de compreender a fundo o assunto e a vivenciar a profundidade do ensinamento, com o qual alcançou o estado superior de Realização.

A força de uma compreensão imensa, a força de uma compreensão altamente metafísica imprime um sentido de certeza a partir da própria compreensão, que é praticamente impossível duvidar a respeito de nada, então aparece a liberdade. Para isto o estudante deve ser sequestrado, arrebatado, transformado pela compreensão que contém o ensinamento.

Certezas como a de “Ser *Brahman*”, que “A Realidade é *Brahman*” ou “O universo diferenciado é *maya*”, nos permite transitar pelo caminho da vida e da morte sem o menor vestígio de dúvida. Nos permite transitar pelo caminho da dor mais atroz com a certeza de que tudo é ilusão; nos permite detectar a certeza da própria eternidade para comprovar de primeira mão o que realmente somos: o infinito sem diferenciação alguma. As compreensões metafísicas prosperam através do processo de discernimento, *viveka*. *Viveka* vai lentamente se instaurando a medida que há maior capacidade de presencialidade. No fim, tudo se resume em gerar presencialidade, em interagir contínua e exclusivamente diante do aqui e agora, sem que a mente crie outros horizontes. Cada vez mais a mente busca fugir ao passado ou ao futuro sem necessidade, deve-se trazê-la amorosamente ao momento presente, ao que está sucedendo: comer, trabalhar, jogar, descansar, a atividade presencial que está ocorrendo; assim, dia após dia, ano após ano. O posicionamento contínuo e constante da atenção ao que acontece desenvolve o discernimento, *viveka*, cuja inércia proporciona a certeza da própria compreensão metafísica, condição que nos acompanha sempre e provoca uma experiência nova, plena de alegria e de exaltação sem causa.

SLOKA 43

“Assim como ao amanhecer aparece o sol após a destruição das trevas, assim Atman surge logo após a destruição da ignorância diante da contínua compreensão do Ser”.

Esta *sloka* apresenta em sua redação um erro tácito que é fundamental esclarecer para que possamos entender a natureza de *Atman*, ou seja, da Consciência não-dual referida ao indivíduo. Recordamos ao leitor que *Brahman* é idêntico a *Atman*, mas geralmente usa-se este termo, *Brahman*, quando nos referimos a Consciência a nível coletivo ou universal.

Para ser preciso e rigoroso, não é exato que *Atman* aparece ao retirarmos a ignorância, *maya*, pois *maya* nunca provocou a desaparecimento de *Atman*, tal como retirar a falsa percepção de uma serpente não induz ao nascimento de uma corda, pois a corda sempre esteve ali como causa primária da serpente.

Na verdade *maya*, a ignorância, não é a causa da desaparecimento de *Atman*; o que a ignorância provoca é a percepção diferenciada de *Atman*. Por isto, o reto conhecimento, ou seja, uma percepção discernitiva (*viveka*) da Realidade, refaz a cognição e a converte em não-dual. Em nosso exemplo, a cognição não-dual não destrói a serpente nem tampouco a corda; ainda menos converte a serpente em corda e tampouco transforma a ambas em um terceiro. A cognição não-dual simplesmente modifica a relação de conhecedor-conhecido induzindo uma simultaneidade em ambos os aspectos, o que faz com que a Consciência assuma o rol não-diferenciado da cognição. O perceptor agora é também o conhecido e além, segue sendo o conhecedor.

É importante fazer este tipo de esclarecimento, pois as vezes as *slokas* podem induzir a uma certa confusão no leitor desprevenido, devido a dificuldade de encontrarmos palavras para definir o que está além delas.

A ignorância, *maya*, realmente nunca oculta a *Brahman* ou a *Atman*, o que faz é levar o perceptor a experimentar o universo desde qualquer uma das múltiplas e prováveis simetrias que a mente possa conhecer em sua análise dialética. Quer dizer, o que *maya* faz é produzir uma faceta diferenciada de *Atman* através de fracionamentos e sequências temporo-espaciais. O cérebro, por exemplo, processa a informação que chega ao córtex cerebral através dos sentidos e faz uma varredura cíclica sobre ela. Esta varredura integra a informação como uma unidade, como um sistema, enquanto sejam as múltiplas informações as que formam a nova unidade. O processo cognitivo é semelhante ao fato de comer um pão: não notamos separado a farinha, o sal, a levedura...; a informação integrada como um pão assume a sua própria unidade e independência do resto de possíveis eventos.

Agora o pão faz parte da memória como outro elemento a mais apreendido e portanto, como evento posterior de comparação com outras percepções futuras.

Todo o universo, em suas diferentes facetas, é *Brahman*. *Brahman* é o que É. Quando o que É se experimenta mentalmente através de sequências temporais e fracionamentos espaciais, no deixamos nunca de ver o que É, simplesmente percebemos o que É através do vel destas sequências e destes fracionamentos. É como observar uma paisagem através de uma janela cujo vidro está impregnado com um tom de cor; os matizes se modificarão devido a tinta no vidro, e na verdade os objetos nunca modificarão suas cores. Observar as formas com o novo tom é como perceber o mundo mediante o processo dialético que a mente adverte enquanto existe um eu que faz parte do processo cognitivo. O “eu” é como a cor adicional que o vidro possui e que modifica a percepção quando a vista o transpassa para observar a paisagem.

Em virtude do anterior, *maya* gera a multiplicidade de *Atman*, enquanto que o *Atman* nunca foi múltiplo, mas sim, é não-dual. É semelhante ao dormir, quando o sonhador se desdobra em inumeráveis eventos que compõe o sonho e enquanto é cada um deles, também é o sonhador que por sua vez está dormindo. Isto se parece a dualidade onda-partícula que possuem as partículas subatômicas. Elas não são exclusivamente ondas nem tampouco se comportam unicamente como sendo partículas; assim, a cognição múltipla de *Atman* não implica que se exista fracionamento, pois a mente assim o detecta devido a inclusão do eu, mas o *Atman* sempre teve mantido e manterá essencialmente sua natureza não-dual.

Retomando ao ponto anterior, se fosse possível desde a vigília testemunhar o desenvolvimento de um processo onírico, facilmente se detectaria a falta de coerência, a excessiva fantasia e inclusive veríamos o ilógico de alguns eventos que ali acontecem, mas junto ao sonho nasce um sonhador adjunto a ele. Para o sonhador o sonho possui sentido e consistência porque ele

mesmo nasceu sob as leis deste estado, não sob as leis próprias de algo prévio ao sonho. Sob as leis de onde nasce a diferenciação, devido a *maya*, surgem um perceptor desta diferenciação e lhe outorga sentido ao o que conhece. Esse perceptor detecta e dá sentido a diferenciação de todas as coisas, iniciando por ele mesmo. Ele nasce sob os atributos que criam este estado de percepção; o perceptor diferenciado é o resultado deste estado, por isto o estado dual não pode ser algo separado dele.

Quando o estado dual se retira, surge uma nova modalidade de percepção sob a condição da ausência de eu. A ausência de eu induz uma simultaneidade na mente; assim, retirados os atributos do fracionamento espacial e temporal se desfaz também, de forma paralela, o fracionamento do próprio perceptor a respeito ao percebido. Com o fim do fracionamento perceptor-percebido, surge um novo conhecedor com atributo não-dual. Este atributo não-dual permite ao novo conhecedor, o *Atman*, detectar o universo de forma onipresente e simultânea.

Não é possível a coexistência dos diferentes estados de percepção, o dual e o não-dual; cada um cria seus próprios atributos e seus próprios preceptores. O que a ignorância (*maya*) gera, é a crença de que o “eu” é real; e mantém como unidade no tempo e no espaço, graças aos processos kármicos que lhe oferecem certo sentido de continuidade. Assim, o “eu” toma sentido de identidade graças a identificação com o corpo, o *prana* e a mente. Este novo sistema integrado de funções formado por variados eventos toma o nome de individualidade, *jiva*.

Assim então, não é o *Atman* que aparece e desaparece; quem aparecem e desaparecem são os diversos preceptores associados aos diversos estados de Consciência que emergem segundo se formam os atributos que estruturam a mente. É o *Atman* e não estes diversos estados perceptores, aquele que usufrui do atributo da estabilidade. Ele sempre está, sempre É. O problema da afirmação da *sloka* encontra-se, precisamente em que se assume implicitamente como estável ao sujeito diferenciado e este não é, como não é estável nem realmente diferenciada uma

onda que emerge no mar. Assumir como hipóteses que a onda em si mesma “é algo”, pelo fato de que podemos recordá-la e referenciar sua substância com outra onda que seja percebida, implica em armar um quebra-cabeças onde o universo é a soma de partes.

SLOKA 44

“Enquanto Brahman é uma Realidade sempre presente, ainda assim e devido a ignorância produzida por maya, A Realidade não é captada. Com a destruição da ignorância Atman se revela. É como o caso do ornamento que se leva preso ao próprio pescoço”.

O exemplo de *Sankara* demonstra em parte o que se buscou esclarecer no *sloka* anterior, a respeito de que o *Atman* sempre está presente, não importando se *maya* esteja ou não na mente do perceptor. Imagine o leitor que você busca desesperadamente a um lápis por todas as partes da casa. Necessita urgentemente escrever e para isto começa a procurar ao redor no escritório onde se encontra sentado. Ao não encontrar o lápis, você inicia sua busca nos armários e em outros cômodos da casa, cada vez mais inquieto e agora com algum mal humor. Novos lugares, um a um são desocupados e não aparece o desejado objeto de busca. E finalmente, o cúmulo do desaparecimento, você toca a cabeça e surpresa! O lápis descansava sobre sua orelha. Sempre esteve ali, mas sua mente eminentemente visual não advertia a possibilidade de localizá-lo neste local.

Algo semelhante se passa com *Atman*, como no exemplo do lápis. A mente desliza nos hábitos de percepção que reforçam e estimulam o sentido e a continuidade da própria individualidade. Educamos a nossa mente para ver o mundo de uma maneira, por isto é impossível pedir-lhe que o veja diferente. Nosso sistema adaptativo tem permitido, por exemplo, que a vista humana detecte frequências de onda desde o infravermelho ao ultravioleta e de forma semelhante existem frequências

limitadas em nível da audição, do paladar e do olfato. É óbvio que não podemos determinar um tipo de realidade se nossa mente está impossibilitada de reconhecê-la.

A intromissão do sentido de eu na cognição gera limitações na forma de perceber o mundo e restringe as informações que outras modalidades de cognição sem o eu possam oferecer. O fato de detectar como base da cognição uma representação dual do mundo impossibilita de se reconhecer outras facetas possíveis de relação da informação. O fato de reforçar a cognição dual mediante hábitos de conduta finalmente impede qualquer aproximação a outras formas de conhecimento, exceto aquelas onde o sujeito e os objetos se experimentam independentes. Por isto, dar sentido ou explicação a *Atman* é tão difícil, pois a mente simplesmente não está possibilitada, por desenvolvimento neurológico, em ver o mundo de outra maneira a aquela como a cultura educativa implantou.

Um dos maiores defeitos que continuamente mantemos na percepção é nos situarmos em realidades de tempo e de espaço que não são válidos. Por exemplo, permitimos que a mente divague enquanto estamos no metro ou no ônibus; realizamos uma tarefa sem estar totalmente presente nela, permitindo a invasão de pensamentos ou sentimentos sem sentido; emocionamo-nos de forma inoportuna, inundando frações de tempo que deveriam ser usados para outros deveres. E finalmente, o maior problema do ser humano é sua desordem mental, seu caos interior. Esta desordem se reflete em estar reagindo diante das situações inexistentes e recriando ambientes que apenas existem na imaginação e na fantasia pessoal.

Tudo realmente começa desde a infância, quando lentamente se inicia o nascimento do sentido pessoal e permite a outra forma de interpretar o mundo. Uma criança não cria os laços de identificação com os sentimentos que experimenta tal como fazem os adultos. Chegando aos 5 ou 6 anos ela se da conta do que sente, que sofre, que sua mente carregada de informações começa a ter vida própria. Ninguém lhe ensina o que fazer

com seus pensamentos ou com suas emoções; os adultos estão preocupados com o futuro, de tal forma que o incerto presente de uma criança começa a obscurecer-se, pois não sabe o que fazer como tudo o que começa a experimentar. No final ganha a cultura. O adolescente deve erguer muros psicológicos para proteger-se de uma cultura que repele e não entende, mas tudo segue seu curso e o afã de sobrevivência faz com que o jovem ingresse na corrente cultural que antes criticava e se converte em tudo aquilo que jamais quis ser e nem aceitar.

Desde este triste panorama o/a jovem assume por educação que é um pecador, que não é ele/a quem pode salvar-se, senão que deve fazê-lo mediante os intermediários eclesíásticos destinados para tal fim. Aceita que uma vida moral lhe reporta o céu e que ao contrário lhe leva diretamente ao inferno. Ensinam-lhe a temer ao divino, o que lhe castra a capacidade de poder ter uma crença lógica sobre o superior. Temeroso de Deus se esconde em si mesmo e diante da realidade de uma mente caótica e desequilibrada, aprende a mentir para fingir sentir-se digno diante dos demais. Agora sua vida se apresenta ao futuro incerto que se aproxima. Mostram-lhe a eternidade do céu como aos galgos a falsa presa. Se cumprir com os mandamentos de fé, então poderá conquistar o visto para a eternidade e celebrar eternamente a ceia dos justos. Mas ele não é justo, é tão hipócrita como quem o ensinou a mentir e a temer. Como uma mente educada com semelhantes padrões pode afirmar-se e a interagir exclusivamente ao momento presente?

É por isto que a humanidade não acerta em encontrar um sentimento que perdure; tampouco reconhece momentos de percepção estáveis aonde a Consciência possa pousar-se cotidianamente. Educamos a nós próprios como sendo pecadores e o resultado é o constante sofrimento que se manifesta diante da mudança, diante da falta de estabilidade na percepção.

Não apenas o ser humano se encontra limitado, mas também acredita que é assim. Uma vez e outra mais lhe pedem que realize ritos e que siga tal como um cordeiro segue a o outro que

o precede. No entanto, basta reconhecer a intensidade de um instante para que nasça a surpresa. Sim a surpresa, essa forma de compreensão que anula o tempo. A indagação do momento presente converte os instantes em únicos, em excepcionais, em uma exaltação não conhecida antes. É ali, diante da surpresa que surge o interagir ao presente, quando se abrem as portas a um universo completamente desconhecido. Acaso o leitor alguma vez teve um momento perfeito, aquele onde nada falta e sobram os demais, aquele onde o momento vive e se enche de si mesmo? Cada instante da vida pode converter-se em um momento perfeito, mas devemos educar a mente para que persiga a realidade do momento presente e deixe de esconder-se e justificar-se em sua própria medíocre existência.

TABELA 2. CONSTITUINTES DE *JIVA*

KOSHAS	CUERPOS	SISTEMAS
<i>Vignano maya kosha</i>	Corpo de conhecimento	<i>Budhi</i> (intelecto) <i>Chitta</i> (memória)
<i>Mano maya kosha</i>	Corpo mental	<i>Manas</i> (raciocínio) <i>Ahamkara</i> (egoísmo)
<i>Prano maya kosha</i>	Corpo energético	<i>Prana</i> <i>Apana</i> <i>Vyana</i> <i>Udana</i> <i>Samana</i>
<i>Anno maya kosha</i>	Corpo físico	Órgãos de conhecimento: os 5 sentidos. Órgãos de ação: mãos, pés, anus, língua, sexo.

“Brahman parece ser jiva, individualidade, devido a ignorância, maya, tal como um tronco de uma árvore que pode a distância ser considerada como sendo um homem. Esse jiva é destruído quando se percebe a sua Real natureza”.

O conceito *jiva* deve entender-se como “individualidade”. Se alguém nos pergunta o que somos, geralmente respondemos: “Sou meu corpo, minha experiência, minha mente”. Então, o conjunto de elementos que inter-relacionados, criam uma entidade comum são aqueles que formam a própria identidade pessoal. Algo assim semelhante é *jiva*, o conjunto de elementos que constituem a própria individualidade. Partir da perspectiva do *vedanta*, o *jiva* é composto basicamente por quatro aspectos ou estruturas que ao alinharem-se, formam um indivíduo. Estes quatro aspectos são: o corpo físico ou *anno maya kosha*, o corpo energético ou *prano maya kosha*, o corpo mental ou *mano maya kosha* e o corpo de conhecimento ou *vignano maya kosha*.

Suponha o leitor que uma compreensão fundamental em sua vida o leve a enterrar uma parte de seu passado. Esse passado é evidentemente parte da realidade que o construiu. Metaforicamente decidimos então que, ao destruí-lo, podemos alcançar a liberdade desejada, pois a mente já não nos aprisiona na dúvida, nem na inquietude que antes se apresentava. Igualmente se passa com o enunciado pelo *sloka* por *Sankara*. A correta percepção não-dual destrói a *jiva*, a individualidade. Na verdade o indivíduo não se destrói com a obtenção da liberdade, simplesmente sua mente se restringe em dar sentido a palavras como: sou, meu; inibindo qualquer identificação mental com a declinação que existe ao falar ou ao pensar sob qualquer tipo de pronome pessoal. Assemelha-se a quando uma pessoa vive só e logo ao conhecer a alguém, acaba vivendo acompanhada; então já não se pode dizer: quero, necessito, devemos antes, para evitar problemas, dizer: queremos, necessitamos, ou seja, sua linguagem opera no plural e se apresenta agora como nós. Assim, igualmente, ocorre na mente de quem se firma ao momento

presente. Sua linguagem e seu pensamento se modificam, pois a vivência constante não-dual não apresenta sentido em identificar-se com o meu, com o sou, com desejo ou com o necessito, isto é, opera sem sentido de apropriação da experiência que se realiza ou do pensamento que aparece.

SLOKA 46

“O conhecimento que se alcança pela realização da verdadeira natureza do Real destrói imediatamente a ignorância que se encontra caracterizada por noções como “eu” e “meu”, semelhante ao sol que dissipa o erro sobre o caminho a seguir”.

O problema fundamental que há na percepção comum, insistimos, é que se gera uma modalidade de fracionamento do contínuo percebido, fracionamento ao que chamamos genericamente de “dualidade”, de maneira semelhante como uma pirâmide de cristal ao captar luz branca que incide em uma de suas faces, a decompõe nas sete cores do arco Íris; de forma análoga, a atividade chamada em sânscrito de *ahamkara*, egoísmo, o sentido de meu, o sentido de próprio é o fator responsável de fracionar o contínuo percebido e em criar objetos diferentes um do outro; em consequência, o conhecedor também se experimenta diferente do conhecido.

É devido a isto, que todas as grandes tradições religiosas e filosóficas têm buscado erradicar o sentido de egoísmo; o que diferencia de nossa apresentação das outras é que não se questiona o egoísmo desde o ponto de vista ético, mas sim, epistêmico. Ou seja, não se apresenta o egoísmo desde a ausência de virtude; se busca enfrentar o egoísmo desde o ponto de vista direto e essencialmente cognitivo, nunca ético.

A intromissão na mente do sentido de “meu”, transtorna o sentido de simultaneidade próprio do tempo e estabelece a sequência passado-presente-futuro; fraciona o sentido de onipresença próprio da percepção e gera o fracionamento do espaço, criando sentido de abaixo, atrás, diante, acima e os

lados. A intromissão do eu na percepção, modifica a informação do Real própria da não-dualidade e manifesta uma expressão mental diferenciada. Nesta nova expressão diferenciada, o marco espaço-temporal se adverte como sendo o ponto de referência dos objetos ali conhecidos. Assim aparece o mundo dual tal como habitualmente percebemos. Erradicando a operatividade meu, eu, que se instala no *antakarana*, a mente, outra vez a informação que compõe o mundo se experimenta como sendo não-dual.

Se novamente surge o sentido mental de meu, então outra vez aparece o mundo diferenciado, situado sob um marco lógico espaço-temporal sequencial. Por isso o *vedanta* busca erradicar a condição de meu, circunstância a que geralmente se denomina como “identificação”. Assim o ser humano por ignorância, *maya*, assume não apenas que existe como um ente independente, mas sim que se relaciona com sua mente, seu corpo e se identifica com eles dizendo sou. Esta identificação é tão real como a de um ente criado no sonho que testemunha sua própria existência enquanto faz parte do estado onírico e tão falsa como a própria realidade individual que nasce no próprio sonho.

Normalmente é bastante difícil erradicar o sentido de identificação que ocorre na mente, semelhante a que se é difícil notar a ilusão do sonho enquanto se está nele. A identificação com a mente e o corpo está tão assumida que, ao se processar mentalmente a informação, concluímos que somos o que recordamos; cada vez que sabemos, afirmamos que somos quem conhecemos; ou seja, a identificação da mente e sua expressão de meu, de mim, de eu, está tão enraizada que acreditamos ser os proprietários da ação e do saber. Como podemos extinguir a condição de identificação? Simplesmente: se extingue de forma espontânea quando a atenção se ocupa exclusivamente do momento presente. O momento presente é o único meio cognitivo onde não requer a quem conhece sentir-se como sendo o conhecedor do percebido. O momento presente possui essa única e exclusiva condição

que erradica de maneira silenciosa, absoluta e total o sentido de apropriação do que se conhece.

SLOKA 47

“O yogi dotado de completa iluminação vê através dos olhos do discernimento, viveka, a totalidade do universo em seu próprio Ser e considera a todas as coisas como sendo tudo e uno”.

Vamos estabelecer que um dos personagens de um sonho qualquer detecta que o universo vivenciado a seu redor possui uma realidade momentânea, de tal maneira que compreende que tudo criado se dissipará ao despertar do sonhador. Sabe este personagem que inclusive ele próprio se dissipará ao terminar o sonho, dando lugar ao sonhador, cuja realidade é indiscutível.

Veja o leitor as possíveis opções de vida que terá nosso personagem onírico ao despertar, pois sua dissolução será iminente. Poderia dizer, por acaso: “seguirei existindo quando despertar aquele que sonha?”; pois não, efetivamente o personagem do sonho é parte do sonho e deverá dissolver-se ao terminar o sonho. Por acaso perguntará: “mantereí minha condição individual?”; pois tampouco; sua condição individual é parte da própria criação onírica. Perguntará então: “morrerei quando despertar o sonhador?”; evidentemente não, pois em realidade o sonhante nunca existiu realmente como para afirmar que finalmente será destruído.

Em resumo, um sonhante qualquer que se reconhece sendo parte de um sonho, compreende que faz parte de uma realidade ilusória e que desaparecerá ao despertar o sonhador. Pergunta a si mesmo em que se converterá quando despertar o sonhador e ao diluir o sonho, para o qual não há uma resposta contundente.

Apresentar que o nosso sonhante será uno com o sonhador quando despertar é algo ainda mais fantástico, pois o sonhante perderá todo sentido de si mesmo. A personalidade do sonhador negará qualquer opção de individualidade de um possível

sonhante. O sonhante nem manterá sua individualidade, pois é inexistente, nem se fará uno com nada, pois sua história pessoal é também uma fantasia. E, no entanto, é capaz o sonhante de testemunhar a grandiosidade de uma realidade que se apresenta a seus sentidos enquanto dorme o sonhador; nota a brisa e seu coração se incendeia com o fogo do amor, vê nascer e o morrer pessoas enquanto que sua ilusória vida lhe ensina a compreender mais a si mesmo.

Diante da pergunta, O que é o Real? As possíveis respostas são abismais. O sonhante possui direito a perguntar também e tal como ocorre com aqueles que vivem em vigília, as respostas possíveis ainda não estão escritas. O *vedanta* possui uma resposta muito sui generis a respeito. Primeiro, apresenta que o sonante é essencialmente Consciência e é graças a isto que pode compreender, saber, aprender, entender e dar sentido a sua vida, enquanto esta seja ilusória e momentânea. Segundo, apresenta que o sonhante e o sonhador possui idêntica consciência, que a mente do sonhador é a causa do sonho e como tal, a criação onírica é apenas uma prolongação de sua memória e de suas compreensões. O sonhante não existe independente do sonhador. Terceiro, não há diversas consciências individuais associadas aos inumeráveis possíveis sonhantes. A consciência do sonhador as sustenta a todas; cada sonhante assume seu saber como sendo próprio e pessoal por simples desconhecimento. Quarto, não é possível afirmar que a consciência do sonhante é existente ou inexistente, basta afirmar que não se diferencia daquela do sonhador. Tampouco são a mesma; igualmente basta afirmar que são não-diferentes uma da outra.

A análise prévia pode ser realizada igualmente sobre qualquer indivíduo em vigília que assuma a experiência de sua própria individualidade. As respostas diante ao dilema da realidade serão similares as apresentadas anteriormente e as soluções são de igual eloquência e aparentemente confusas. O *vedanta* apresenta algo que se adverte como sendo certo apenas quando se é experimentado: a ausência do eu na percepção dilui as fronteiras

entre o conhecedor e o conhecido, dando possibilidade ao conhecimento de tudo em todas as coisas, de uma compreensão de ser em tudo e tudo simultaneamente em mim, tal como *Sankara* o apresenta no presente *sloka*.

Ao se diluir o eu, ocorreram várias coisas que inicialmente parecem ser impossíveis, mas que o experimentador desta situação compreenderá claramente. Dependendo do nível de diluição do eu, se pode alcançar níveis de Concentração e de Meditação que podem variar, mas, sem importar qual seja a profundidade da vivência de estados não-duais, com certeza alguma das seguintes experiências ocorreram: Uma das mais assombrosas e maravilhosas visões que outorga a não-dualidade é reconhecer que todas as coisas estão interconectadas pela Existência, o Amor e a Consciência; testemunhar que o Ser está em todas as coisas e todas as coisas fazem parte do Ser. Isto não é nem uma ideia poética e nem uma licença que o escritor usa para adornar seus escritos. A realidade de tudo em tudo é uma mágica inexplicável, mas, experimentável.

SLOKA 48

“O universo tangível é realmente Atman; nada do que existe pode ser outra coisa que Atman. Semelhante a um pote e a uma jarra que não são apenas que argila e não podem ser nada mais que argila, assim para um iluminado tudo aquilo que é percebido é o Ser e nada mais que o Ser”.

Esta *sloka* é uma das mais complicadas de se explicar, pela relação entre a índole metafísica de *Atman* e a condição empírica do universo. As relações que existe entre o criador do universo e a criação são apresentadas desde sempre sob três aspectos possíveis. No primeiro, o criador é idêntico ao criado; na segunda, o criado é independente do criador e na terceira, o criado evolui independentemente do criador até que alcance finalmente seu próprio status de realidade.

Qualquer destas três possíveis opções possuem razões a favor e contra. A apresentação que oferece qualquer uma delas sobre a relação entre o criador e a criação é com certeza o produto do exercício mental que a lógica oferece, mas nenhum deles é o resultado preciso da análise que a experiência direta provê. Segundo sejam as convicções dos fanáticos sobre a validade de uma das três opções mencionadas, se é possível que surjam guerras, matanças e discriminação. As diversas religiões posicionam a relação criador-criação sob estratégias intelectuais baseadas em sua própria conveniência; assim, desta maneira, criam um dogma e um ritual próprio que as caracterizam.

No entanto, não há uma explicação racional que possa dar por exato qualquer das três teorias enunciadas. Isto é devido a que a mente não está possibilitada para explicar aquilo que está além de si mesma. A metafísica, cuja ordem de complexidade é inexplicável mentalmente, se converte em uma categoria de realidade essencial impossível de compreender pela própria mente. Por isto, alguns sistemas religiosos estabelecem a fé como sendo o recurso de aceitação mediante as regras e os dogmas impostos.

O mais coerente seria perguntar a qualquer místico que tenha experimentado a visão de Deus, qual é a sua natureza e solicitar dele as explicações do caso. Mas surge um novo inconveniente: a mente de quem busca dar explicações a uma resposta metafísica requer de uma linguagem que por si já impõe uma limitação. A mente apenas pode acessar a informação cujo nível de realidade possa comparar-se com outro cujo nome e forma existam previamente; os conceitos prévios que formam a memória são completamente limitados ao marco tempo-espacial e a interpretação pessoal de cada indivíduo. Por esta razão os místicos geralmente usam o silêncio e inclusive a expressar mediante lágrimas a uma experiência que as palavras jamais podem mostrar. O místico faz certa celebração pela poesia e através dela permite entrever o mágico com o que ele convive em sua interioridade, o qual não é possível compartilhar.

O místico não pede explicações, simplesmente se entrega a vivência do amor, tal como o enamorado o faz quando se entrega a sua amada. O místico não está interessado em oferecer razões para que os demais o entendam; quem ama não se preocupa em ser entendido.

O *vedanta* afirma que apenas se é possível entender que “o universo tangível é realmente *Atman*” quando a mente flui na não-dualidade associada ao estado de Meditação. Enquanto a percepção não se apresenta a partir deste estado de Consciência, qualquer afirmação é apenas uma teoria. Ali, em Meditação, se experimenta que o universo é a substância da Consciência. Apenas ali se é possível constatar que a matéria, a energia e qualquer fração de substância etérea que possa existir, são apenas uma modificação do contínuo da Consciência não-dual. E quando isto é experimentado, quando a visão do perceptor o leva a inspecionar qualquer lembrança do universo, então se reconhece que Amar, Saber e Existir são realidades similares sobre as quais a mente dialética projeta inumeráveis categorias de diferenciação. Finalmente, diante do vestígio da Realidade não-dual, tudo é essencialmente Consciência, nada pode ser mais que Consciência; ali testemunha-se que o universo é *Atman*, que sempre assim tem sido e sempre assim será.

SLOKA 49

“O jivanmukta, dotado do conhecimento do Ser, abandona a identificação com seus upadhis porque com o conhecimento da sua natureza e percebendo que ele é Existência, Sabedoria e Felicidade Absolutas, surge Brahman de forma natural, como a larva que ao crescer alcança a natureza da abelha”.

Segundo a tradição, quando um discípulo alcança permanecer de maneira contínua por vinte e um dias em profundo estado de Meditação adquire a desidentificação consciente e inconsciente com os seus *upadhis*, com os corpos que geram sentido de identificação. Sob esta prerrogativa a mente não adverte nunca mais o sentido de meu, tampouco existe identificação

com tenho vida ou energia; além, cessa a identificação com sou meu corpo. Este extinguir com qualquer conteúdo mental, energético e físico jamais volta a se repetir, devido a isto que geralmente denomina-se de liberado a quem consegue este estado. Esta condição se assemelha na tradição budista ao alcance da iluminação alcançada por Budha.

O processo de desprendimento que produz a contínua Meditação é realmente um estado de descondicionamento da mente. Todo hábito que surge como recurso de sustentação mental do eu cessa, com a subsequente reorganização do comportamento habitual. Um liberado, um *jivanmukta*, já não adverte sentido de temor nem de dúvida. A mente fica impossibilitada de distrair-se em momentos que não sejam presenciais. O que geralmente denomina-se como sendo “emoções” e “sentimentos” se extingue semelhante a ela o “prazer” ou a “alegria”. Os estados mentais ficam para trás e são modificados por um estado semelhante a uma atenção constante e profunda. Nunca mais um só pensamento se intromete em um instante que não seja adequado a uma reação natural presencial; jamais a mente volta a sentir o jugo da angustia e do desespero. A contínua atenção, que se mantém de forma ininterrupta e sem esforço volitivo algum, forja estados de exaltação desconhecidos para o gênero humano. A alegria sem objeto, o ato alegre de profundo contentamento e a exaltação de simplesmente existir se convertem na base de qualquer ato, de qualquer rotina ou atividade.

A desidentificação com o corpo conduz a um total controle das atividades físicas. É comum nestes casos o recurso de manejar a vontade o ritmo cardíaco e demais funções involuntárias. A dor, quando se sente, simplesmente ocorre. As ações se advertem sob uma ótica excepcional e a intensidade de qualquer evento permite contemplar as coisas de uma forma sempre nova e única. O silêncio interior se assemelha a um imenso bloco de aço incólume, mas cheio de vida. O sentido de exaltação que provê a presença constante faz com que o mais simples movimento ou reação ofereçam um sentido de

concordância com todas as coisas. É fácil não pensar; e mais, pensar sem razão é algo que incomoda.

A erradicação do eu e a ausência de identificação com a vitalidade, retira a importância da vida ou da morte. A enfermidade ou a saúde são elementos que simplesmente acontecem em função de uma ordem que jamais se põe em questionamento. A simplicidade diante da ação e a ausência de excesso na palavra fazem de qualquer comentário um ensinamento ajustado e válido. Morre toda expectativa, tal como se desfazem os rios no mar. Não importa mais nenhum saber, sua consecução ou sua perda. A experiência de Ser é tão intensa que opaca qualquer busca e qualquer necessidade mental. O *jivanmukta* é livre de sua mente, de seus condicionamentos físicos, energéticos e mentais. Finalmente, quando a vida chega a seu fim, se alcança o nível de *videhanmukta*, ou seja, liberado e sem corpo algum, alcançando assim a liberação total.

O *videhanmukta* é como o espaço no espaço, sua Consciência é o Saber que flui no universo, seu corpo é a própria criação. Seu status jamais é modificado com o nascimento nem com a morte de um universo. Ele é o tempo e sua ausência, ele é o que tem sido e o que será, é o ser e o não ser. Livre de qualquer categoria, pois as possui a todas; livre da individualidade é Tudo.

SLOKA 50

“Um yogi que é jivanmukta, liberado em vida, depois de ter cruzado o oceano da ilusão e ter matado os monstros da dúvida e da aversão, se une com a paz e descansa na felicidade que apenas provém da Realização do Ser”.

Um *jivanmukta* mantém sua percepção de forma sustentada em um tipo de cognição não-dual associado sempre ao estado de Meditação. A percepção não-dual é altamente fluida, semelhante a deslizar-se sobre o gelo: a fricção é mínima. Da mesma forma, a cognição não-dual assume um rol carente de fricção, ou seja, carente de esforço cognitivo; perceber e reagir diante do

mundo, não gera o menor conflito nem o mínimo gasto psicológico, quando o perceptor ao conhecer se reconhece no conhecido. Se parece ao esforço psicológico que se requer para respirar normalmente, ou seja, não há nenhum.

Cada discípulo, na medida em que alcança um maior controle mental, vai alcançando a possibilidade de sustentar-se cada vez mais na não-dualidade. É a permanência ininterrupta na não-dualidade o que determina a infinita variedade de maestrias que se pode ir alcançando na medida que se transita no caminho interior. Seja pela via devocional ou discernitiva, se é possível pousar-se de forma indiferentemente ininterrupta no coração ou na consciência do divino.

Quando finalmente aparece o discernimento metafísico, *viveka*, é possível testemunhar que os objetos do mundo são por si mesmos instáveis, fugazes e que a Realidade consiste na integração não-dual de todos eles em uma percepção simultânea. Quando isto acontece, quando a percepção está em tudo e tudo está nela, então floresce um mundo inigualável para o ser humano, um universo que desafortunadamente, quando está próximo, lhe é impossível distinguir claramente.

Identifique o leitor, o esforço que se requer para subir uma geladeira pelas escadas em espiral de um edifício. As escadas são incômodas e o eletrodoméstico pesado. Adicionalmente, é difícil de manipular seu transporte, pois a própria escada em espiral não permite que muitas mãos possam fazer força. As duas pessoas que desde o início tem realizado a tarefa, chegam ao ponto onde suas mãos quase se paralisam pelo peso, mas ainda assim não podem soltar, criando uma tensão que chega a dor física. Assim, após vários andares de esforço e tensão, por fim chegam ao local aonde deve ser colocado o aparelho. Quando soltam a geladeira se relaxam, de tal maneira que se sentam momentaneamente no piso da cozinha aonde depositaram a mesma. Note o leitor suas mentes, agora descansando de todo o esforço, relaxadas pela intensidade física que finalmente acabou. Essa sensação de relax, de soltura que surge após um

imenso esforço não é sequer comparável com a própria percepção não-dual. O relax da percepção não-dual é tal que produz um tipo de alegria quieta e viva que se mantém continuamente como fundo da percepção cotidiana.

Os grandes Mestres, como os *budhas* ou os *jivanmuktas*, conseguem com que a mente finalmente se mantenha em um estado não-dual que jamais se modifica. Semelhante a qualquer outra pessoa comum, são capazes de observar o mundo e reagir diante ele; conseguem detectar os objetos de maneira individual e de possuir a destreza que qualquer ser humano possui para destacar um do outro, mas os distinguem carentes de sentido individual, devido a ausência de *ahamkara*, egoísmo. O fluir não-dual que outorga sua condição de percepção nunca oferece um sentido de individualidade; suas mentes, sem o menor esforço, “conhecem sem existir quem conheça”, “fazem sem que faça”. Neste fluir perceptivo vive de maneira comparativamente semelhante a quem tomou um drinque e relaxa a psique, permitindo-lhe um fluir na comunicação que antes não possuía.

Neste estado contínuo de não-dualidade, a “alegria de Ser”, ou a “alegria de Saber” fluí também por tudo. Ver o mundo integrado em uma unidade não-diferenciada se parece a observar a um colar cujas pedras estão unidas por um fio. Por sua vez se observam o colar e as pedras, tal como o *jivanmukta* observa a ambos, as partes e o todo. A Consciência, como o elemento integrador de conhecimento, flui por tudo sem um centro ativo, sem um egoísmo que se apresse a definir como sendo próprio o conhecido. Assim, situados em um nenhum lugar de si mesmo ou das coisas percebidas, vivem como água na água, espaço no espaço, saber no saber.

Onde está o *jivanmukta*? O vemos caminhar, comer e realizar atos comuns como qualquer outra pessoa. No entanto, quando ele observa o mundo, a Consciência sabe que Isso está passando, as coisas ocorrem sem que exista por sua parte qualquer localização na que se experimente a si mesmo. Não está nem dentro e nem fora da cabeça, sua identidade não se encontra nem diante e nem

atrás dos olhos, nem de um lado e nem do outro do corpo; sua cognição se impregna de uma ausência total de esforço, pelo simples ato e existir e saber que existe. Este modo de percepção concede tal excelência no corpo que não há tensão enquanto conhece. O sistema nervoso se mantém absolutamente repousado, transfigurado, quieto. É, definitivamente, a percepção não-dual quem provê o ato de ser experimentador não-localizado do mundo e proprietário de uma realidade sem fronteiras.

SLOKA 51

“Absolutamente desligado de todo apego ilusório e de toda ilusória felicidade externa, ele jivanmukta, que reside no Ser, se satisfaz com a felicidade proveniente de Atman que brilha ininterruptamente, como a uma lâmpada colocada dentro de um cântaro”.

Quando recordamos uma cor, por exemplo, o amarelo, imediatamente evocamos um tom representativo da ideia desta cor. Neste caso identificamos a ideia de amarelo com o ton que provê a lembrança da cor. Nossa mente, *antakarana*, está desenhada expressamente para relacionar lembranças com percepções. A velocidade do *antakarana* para processar esta informação é muito alta. Enquanto nossas percepções mentais são como fotogramas que se seguem uns aos outros, a velocidade em que se articulam é tão alta que nossa percepção parece um fluxo contínuo, tal como ocorre enquanto vemos a um filme de cinema e observamos a continuidade de uma trama projetada sobre a tela.

De maneira automática e graças ao aspecto *ahamkara* da mente, a percepção e sua lembrança (pensamento) ficam associados a um perceptor. Imediatamente surge o processo dialético (pensamento), e também emerge um sentido de identificação com o processo que induz o surgimento de um dono, de um proprietário da percepção que se está realizando. A esta identificação geralmente denomina-se de “egoísmo” ou “egocentrismo”, ou seja, a apropriação do pensamento por um ator. Desta maneira, ao pensar surge quem pensa, aparece o ator, o dono do

pensamento. Com ele emerge o eu, o meu, o sujeito, o perceptor, todo ele resumido no sentido de uma individualidade.

O nascimento do sentido de individualidade ocorre por identificação do pensamento com um ator inexistente cuja essência é apenas uma lembrança, uma ideia. Na medida em que um tipo de pensamento é recorrente favorece a criação de hábitos. Assim, o reforço que implica pensar constantemente se converte em um mecanismo de condicionamento, que inclusive será a base do acomodamento genético que nasce da adaptação ao meio no qual evoluímos.

Em um *jivanmukta* a mente segue pensando, mas não surge o processo de identificação entre a lembrança e o ator. Um *jivanmukta* pode recordar sem problema algo ou abordar o futuro, mas jamais nasce um sentido de identificação que outorgue uma individualidade. Desta maneira, o *jivanmukta* é livre do sentido de meu, do próprio, o que faz com que a mente não construa um centro ativo ao que denominamos de “consciência pessoal”, mas sim, que ela atue desde o próprio fluir de sua condição natural e não-diferenciada. Por isto, o *jivanmukta* se observa a si mesmo, mas não se encontra como uma entidade individual; esta sensação é profundamente grata, pois implica um relaxamento da percepção e a introdução de representações mentais pouco conhecidas pelo gênero humano. Estas novas representações mentais, que surgem ao funcionar sem egoísmo, são descritas por *Sankara* em sua máxima expressão como sendo a ininterrupta felicidade que experimenta o *jivanmukta* de forma natural e continua pelo simples ato de existir, conhecer e amar.

Quando as pessoas se identificam frequentemente com seus pensamentos, se encontram aprisionadas pelo processo intelectual ou emotivo que opera em sua mente, não conseguem dar-se conta que os pensamentos são independentes de quem os experimenta; assim ficam submergidas, absolvidas pelo mal estar ou pela alegria que eles produzem. O processo de desidentificação implica em separar, distanciar os pensamentos que a mente processa do conhecedor desta operatividade. Quando o

conhecedor alcança finalmente separar-se dos pensamentos que a mente produz, então se surpreende ao notar que ele próprio não é um pensamento, mas sim um contínuo de Consciência que flui por tudo. É capaz de compreender que não é diferente do espaço que se abre em seu interior e que chega inclusive a conter o universo inteiro nos processos profundos de meditação.

Esta qualidade de desidentificação com o mundo mental faz parecer que o *gnani*, o *jivanmukta*, seja frio, seco ou inclusive distante. Simplesmente nele se está fermentando a alegria que prove o discernimento, *viveka*, e que instaura uma nova forma de felicidade interior, cujos elementos possuem em comum o sentido de continuidade. Isso lhe permite, seja qual seja o temor ou a dúvida que se apresente “dar um passo atrás” e separar-se em qualquer momento da emotividade que produz a identificação diante da atividade mental. O *jivanmukta* está instalado na evidência de que Isso conhecido é não-diferente Dele. Nesta compreensão continua os temores e as dúvidas tomam uma importância mínima permitindo-lhe, tal como disse a *sloka*, viver “absolutamente desligado de todo apego ilusório”.

SLOKA 52

“O sábio, ainda que resida nas limitações de seus upadhis, não está impregnado de suas qualidades. Conhecedor de tudo vive como um ignorante; desapegado, se move como o vento”.

O *jivanmukta* possui consciência de seu corpo, de sua vitalidade e de sua mente. Pode reconhecer a existência da dor física, testemunhar enfermidades e inclusive mergulhar em suas próprias lembranças. A única diferença entre um *jivanmukta* e uma pessoa comum é a capacidade de desidentificação que opera em sua mente. Todo ser humano converte qualquer experiência mental ou física que realiza em algo próprio, pessoal, a tal ponto que se presume possuidor de consciência individual e testemunha que é ele quem realiza a ação, pois se adverte a si mesmo como sendo o executor de todo o ato. Ao levantar-se

pela manhã é ele quem faz o sobre-humano esforço de retirar as cálidas cobertas que lhe protegem no inverno; é ele quem necessita higienizar seu corpo e vesti-lo para preparar-se antes de ir a seu trabalho diário; é seu corpo que tem fome e requer do café da manhã para ter forças. Assim, cada ação sempre se interpreta sob a ótica de alguém que a realiza.

Toda pessoa comum, em sua linguagem cotidiana, sempre apresenta os verbos em primeira pessoa quando se sente realizador dos atos. Pensa e fala dizendo: caminho, trabalho, me limpo; assim, com todas as atividades que implicam ação se convertem em verbos associados a qualquer um dos pronomes pessoais: eu, tu, ele, nós, vós e eles. O verbo ao ser apresentado, imediatamente adota o tom próprio de quem realiza a ação, tal como a chuva que cai no mar adota imediatamente o caráter salgado da água.

A desidentificação impede a aparição do sentido de eu na ação realizada, seja esta física ou mental. Desta forma a mente processa a informação sem que exista um sentido de apropriação e nem de associação. A atenção do sujeito permanece, mas não se encontra um centro ativo onde se presume que exista o centro da individualidade. Então a ação se faz, mas não há quem a faça; há o saber, mas não há quem saiba. Liberada a mente do sentido de eu, modifica a modalidade de percepção e se estabelece novas regras de cognição; são estas novas regras de cognição as que determinam a aparição de novos estados de Consciência.

O *jivanmukta* tem a possibilidade de converter em objetos os seus pensamentos, isto é, pode experimentar-se diferenciado deles. Normalmente qualquer pessoa atribui a si mesma a condição mental que experimenta. Se por momentos ela está alegre, se define a si mesma da mesma forma; se ao contrário, ela encontra-se triste, de igual forma assume o rol de triste. Esta atividade psicológica que frequentam os seres humanos se parece com a suposição de que um vidro totalmente limpo assume a cor que a sua natural capacidade de transluzir

provê. Observando desde dentro de uma casa através dos vitrais cristalizados, estes modificam as diversas cores que a paisagem visualmente transmite. Semelhante processo passa com o sentido de identificação mental humano: os sentimentos, pensamentos, sensações e paixões se integram com o eu, combinando-se e criando uma entidade consciente que se diferencia de qualquer outra individualidade. A mente outorga a esta individualidade o sentido de passado e a forma de fluir no tempo, assegurando ao indivíduo ter uma direção evolutiva para o futuro. O *jivanmukta*, diferentemente, não possui um centro ativo desde o qual trabalhe e que poderíamos chamar de ego. A Consciência permanece ativa, mas não assume um rol individual. O conhecido segue conhecendo, o conhecedor segue conhecendo-se; no entanto, entre conhecedor e conhecido não se adverte sentido de diferenciação; nasceu então o sentido não-dual de percepção.

Também aos *jivanmuktas*, como apresenta a *sloka* e pela mesma razão, são chamados de os “grandes ignorantes” ou “os duas vezes nascidos”, pois nasceram primeiro de um ventre e logo nasceram para a percepção suprema, essa que lhes permite alcançar e traspasar o “oceano da ilusão”. Isto se ilustra em algumas outras culturas, como por exemplo, na Zen budista, com o apelativo de “Grande ignorante” que se atribuí ao mestre que se estabeleceu em satori³⁶, porque após haver conhecido tudo o que se pode conhecer, não se lhe nota, não se percebe nada de extraordinário nele e segue parecendo aos olhos do mundo ser tão ignorante como a maioria.

SLOKA 53

“Com a destruição de seus veículos no momento da morte, ele, o sábio contemplativo, o jivanmukta, se funde totalmente em Vishnu, o todo-poderoso espírito, como a água na água, o espaço no espaço e a luz na luz”.

36. Forma de existência que denota alcançar o conhecimento direto da Realidade, semelhante a que no *vedanta* denomina-se de *samadhi*.

Quando o momento de trânsito acontece e a morte se impõe ao corpo físico, então o *jivanmukta* realiza sua viagem final a dissolução na Consciência Absoluta. Seus *upadhis*, seus corpos físico, energético, mental, de conhecimento e bem-aventurança³⁷ se desintegram, sem que exista um núcleo kármico que sirva de foco para a permanência de suas identidades, tal como a uma boneca de sal que se desintegra na totalidade do oceano que a acolhe, quando é lançada a partir da praia nas ondas que a absolvem.

Diante da presença da morte e extinto todo o *karma*, não existe razão alguma pela qual as matérias física ou sutil se associem a um centro individual de funcionamento. Desintegrado o corpo, diluído o *prana*, dissolvido a mente, a Consciência adota sua condição natural não-dual. Esta condição não-diferenciada jamais tem sido modificada, nunca realmente tem sido outra coisa, nem se tem modificado ou transformado. A Consciência não-dual sempre se tem mantido como sendo o substrato e a essência de qualquer ato individual, tal como a corda é a causa eficiente da falsa serpente que é percebida.

Na maioria das pessoas, após a morte do corpo físico se segue a diluição do corpo energético ou prânico. Assim, envolvidos na matéria mental que formam suas próprias mentes, fazem parte de um mundo de ideias tão sólidas, como são os eventos que formam um sonho. Devido ao *karma* inacabado, suas mentes persistem criando um centro individual que forja um sentido personalístico. É justamente a causa das tendências físicas, energéticas e mentais, que fazem parte dos condicionamentos mentais que perduram como foco da existência, pelo que se determinam as premissas de nascimento e as condições primárias que se estabelecem ao redor dele, para dar início ao desenvolvimento de uma nova configuração de *upadhis* para a seguinte vida terrena.

Contudo, um *jivanmukta*, devido a não possuir um *prarabdha karma* inacabado, após a morte e devido a decomposição

37. Ver *slokas* 9 e seguintes.

do corpo físico, do *prana* e da mente em seus constitutivos básicos primários, mantém-se embebido “Nisso” que é Consciência existindo na própria Consciência não-diferenciada. A essa atividade evidentemente consciente não-dual que permanece antes, durante e depois da morte se chama *videhanmukti* ou a “Grande Liberação”. Simbolicamente *Sankara* a apresenta como *Vishnu*, o aspecto sustentador da trimurti hindu, como a prodigiosa natureza consciente que alcança o *jivanmukta* no momento em que acontece o trânsito final da morte.

O *videhanmukta* não está afetado nem pela morte do universo e nem pelo surgimento do seguinte. Ele é simplesmente um estado de cognição puro, pleno, e devido a sua intensidade está associado a uma profunda Bem-aventurança e a uma profunda Existência.

SLOKA 54

“Brahman deve ser concebido como aquela conquista que além Dele não há outra conquista superior, como a felicidade, além da qual não há outra felicidade superior, como o conhecimento, além do qual não há outro conhecimento superior”.

Quando se navega por oceanos do *Nirvikalpa samadhi*, cujas praias não o limitam jamais e cujas ondas nascem e morrem como universos que surgem e desaparecem, é possível constatar que neste estado de percepção não existe meta alguma por alcançar. A Consciência Absoluta Não-dual, a que geralmente denomina-se de *Brahman*, detecta todos os ângulos do universo de forma simultânea, vislumbrando a menor mudança que se possa ocorrer Nele. Tempo e espaço são variáveis posteriores a própria Consciência e não forjam partes; o tempo não se fraciona em passado ou em futuro. Ali, em *Nirvikalpa*, o olho que conhece a tudo o vê, o ouvido que escuta a tudo o escuta e o tato que sente a tudo o toca. A mágica ordenação de um universo inter-relacionado pela Consciência nota-se ativo, mas, por sua vez, nada Nele se move.

Para a Consciência não-dual de *videhanmukta*, agora convertido no próprio *Brahman*, o universo é imóvel e também em movimento, mas ainda diante da própria mudança tudo é sempre idêntico e sem modificação. No entanto, para os restantes seres envoltos por *maya*, o tempo os dirige para o futuro e o espaço os diversifica em inumáveis partes. Emerge apenas uma realidade com diversas formas de interpretação: a dual e a não-dual.

Após o *Nirvikalpa* não há nada além; não existe fronteira alguma que transpassar. *Brahman*, envolto em sua manta de infinito existe através de sua própria natureza ilimitada. O semelhante oceano incomensurável de existência, a experiência de conhecer a tudo em tudo, apresenta a mágica vivência da Bem-aventurança que apenas ali se é possível de experimentar. O amor se expressa em ondas, como imensos tsunamis cósmicos, que viajam dando vida a todo o ser. É impossível descrever em palavras a intensidade do que ali ocorre, salvo simplesmente afirmar que qualquer fantasia que se tenha que aborde o Real é completamente primária e absurda. Nenhum ser humano pode sequer imaginar a evidência de um universo sem limites completamente vivo e amoroso. Ninguém pode imaginar como a Consciência é capaz de vislumbrar no labirinto da existência um Saber que o envolve totalmente. Esta embriaguez de Bem-aventurança e de compreensão do infinito, apenas está reservada para aqueles cujo egoísmo tenha sido dissolvido totalmente e completamente.

Ali, no fogo da percepção do *Nirvikalpa*, emerge uma absoluta contemplação e cessa qualquer sentido de início e fim de todas as coisas, porque Ele, *Brahman*, se sustenta a Si Mesmo, se experimenta e se vive a si Mesmo, no mais puro conhecimento de Si Mesmo. Ali se consome a tudo o que tem sido, é e será. Essa é a eterna liberdade. Ele é o *Nirvikalpa samadhi*.

“Brahman, o Absoluto não-dual, tem de conceber-se como Aquilo que, uma vez visto, já não fica mais nada por ver; Aquilo que, uma vez sido, já não fica mais nada por ser; Aquilo que, uma vez conhecido, já não fica mais nada por conhecer”.

Poderíamos perguntar-nos: qual é aquela resposta que não produz uma nova pergunta? *Brahman*, o Real, o Absoluto não-dual é a resposta. Conhecer-lo é conhecer toda resposta sem produzir nenhuma nova pergunta. A certeza de conhecer a *Brahman* oferece uma liberdade singular: o fim de toda inquietude mental.

O conhecimento humano vai em direção de encontrar uma resposta que se molde com as observações; busca reconhecer leis que integrem aos objetos estudados e busca descrever esta inter-relação mediante equações matemáticas ou teorias empíricas; os mundos da física e da filosofia buscam sempre metas finais a desvendar. Cada novo conhecimento válido encaixa na fração de um novo todo que se constitui por ser um novo saber descoberto. Aumentando o saber se amplia o panorama de nosso conhecimento do próprio universo. Esta voraz forma de aumentar paulatinamente o conhecimento mediante novos descobrimentos nos levará, em teoria, a conhecer as leis fundamentais que formam nossa realidade. No final se supõe que o ser humano poderá possuir o estandarte que lhe outorgará o título de ser o descobridor de seu universo. Orgulhosos, mostrarão estes estandartes as gerações futuras para que nunca esqueçam o imenso alcance realizado. Mas, realmente haverá um final para o saber humano? Poderíamos ser conhecedores a título pessoal dos grandes mistérios que nos rodeiam?

Poderemos saber tudo, conhecer a tudo? É uma opção interessante, mas francamente inalcançável. Sob os axiomas descritos pelo método de conhecimento científico é impossível de se chegar a descrever a totalidade do saber, pois estes axiomas restringem as análises à forma em que exclusivamente presumimos ter de configurar uma investigação válida. Um método de

análises baseado na segregação, como um meio para conhecer a tudo, não é apenas contraditório, mas sim absurdo. Assumir e aceitar, por exemplo, que as entidades que o método científico aceita são exclusivamente as reais, isto é, as entidades formadas por substâncias materiais palpáveis aos sentidos, impede a inclusão do universo ideal e de todos os efeitos que este ambiente possa prover as substâncias materiais.

Uma solução ao problema final da cognição e de todo o saber em geral, é apresentar um novo esquema que denominamos como “realidade”. O novo paradigma que surge diante a nova definição da realidade, permite estabelecer originais cânones de análises e promover novas formas de estudos do universo. Para tal caso, suponhamos que o real é aquilo que o conhecer permite, de forma simultânea e onipresente, compreender a existência do objeto de estudo e de seu complemento cognitivo. Definir o Real sob estes novos atributos requer novas definições na cognição cotidiana que todo o ser humano realiza quando adverte o mundo que o rodeia. Apresentamos como axioma para este evento, que o sentido de eu possa desprender-se da mente, sem que esta perca sua condição consciente. Além, assumimos também como axioma que a Consciência é uma entidade cuja natureza é um fluxo contínuo e não-diferenciado de saber, isto é, que essencialmente a Consciência sabe e sabe que sabe.

Se encontrarmos um ambiente cognitivo tal como o apresentado no parágrafo anterior, a Consciência poderá detectar a ausência de eu na cognição, pois ela em si mesma é o saber e poderá assim reconhecer de maneira imediata qualquer objeto e seu complemento cognitivo. A Consciência seria capaz de conhecer e conhecer-se em todas as coisas simultaneamente. A esta forma de representação da realidade a denominamos de *Brahman*. O ambiente prático onde se é possível testemunhar esta realidade se dá na continuação da reação aos eventos físicos e mentais do meio denominado de momento presente.

“É preciso entender que Brahman é Existência, Conhecimento e Felicidade Absolutas, que é um contínuo não-dual, Infinito, Eterno e Uno e que alcança a tudo que existe, o que está acima, o que está abaixo e o que existe no meio”.

A experiência humana que acompanha o amar, o saber e o ato de existir é parte de nossa natureza essencial. Através da vida temos aprendido a vislumbrar as diversas complexidades com as quais se é possível reconhecer as graduações do sentir, do amar e do existir, que se apresentam a medida que nossa vida vai passando. Suas diversas facetas vão sendo assentadas e classificadas sob parâmetros morais, legais, sociais e outros. No final, com os anos, possuímos um imenso caleidoscópio de experiências que enriquecem nossa vida e que nos servem de parâmetros a consecução das metas que nos propomos.

A vida de alguns apresenta caminhos onde o amar é pleno, em qualquer de suas facetas; outros, os senderos os levam por experiências onde o saber é imprescindível. São ilimitadas as graduações das experiências que, momento a momento, recolhemos em nossa vida. A maioria delas se conserva em histórias escritas ou faladas que continuamente se renovam, de canções que se inventam com frequência, de filmes que mostram a diversidade de suas naturezas e mil atos mais que geralmente servem de canal ao imenso caudal de vida que acumulamos.

Assim desta forma, nosso sentir ou saber se comparam convenientemente com todas aquelas condições que relembramos nas diversas histórias de nosso passado. O saber se desliza a partir da genialidade dos sábios de antigamente, ou a dos científicos atuais, até a banalidade do vulgar ou do corrupto. De semelhante maneira, o amar se fraciona entre os limites do místico e dos do outro extremo, o narcisista. Nossas experiências de vida e sua complexidade parecem que sempre possuem uma referência escrita, falada ou escutada graças a qual evidenciamos um tipo de intensidade especial entre os extremos possíveis de serem vividos.

O contrário, as experiências que *Sankara* apresenta: *Sat*, Existência Absoluta, *Chit*, Conhecimento Absoluto e *Ananda*, Bem-aventurança Absoluta, são partes de um portfólio de vivências completamente desconhecidas para a maioria do gênero humano. Encontrar referências escritas, lidas ou faladas de pessoas próximas com as quais possamos saber como são estas experiências é francamente difícil. Nos movemos por situações cuja frequência habitual não reflete em nada a apresentações de experiências que estão além do limite de algo reconhecido pela imensa maioria.

O ato de experimentar em si mesmo a *Brahman* e compreender a imensidade de um saber além de qualquer possibilidade escrita, a opinião de converter-se em *Brahman* e de ser testemunha do amor que inunda o universo inteiro não é tarefa comum nem frequente. Geralmente é mais fácil optar por uma cara de assombro ou em simplesmente, esboçar um malicioso sorriso alusivo, do que a loucura antes que pressentir a possibilidade deste evento. O leitor sabe o que ocorrerá se falarmos a um religioso que em seu interior, você sente o profundo e silencioso chamado de Deus, principalmente quando eles quem, por exclusividade, podem vislumbrar este evento? Você sabe o que ocorrerá se este chamado se expressar em seu trabalho ou com os seus amigos que desde a infância lhe acompanham? Ocorrerá que o assombro inundado de raridade e risos modelariam as faces daqueles que o escutassem. Estas experiências limites geralmente são pouco frequentes que se consideram aberrações, experiências típicas de pessoas com algum tipo de neurose.

Nossa cultura possui idiomas de comerciantes e, portanto, as mentes que convivem com as palavras se convertem em iguais a elas. O descobrimento do mundo interior é nulo, a tal ponto que não se criam palavras para se definir os sucessos, as características e qualidades daquilo que habita em nossa essencialidade. É fácil de notar que a linguagem se regula em temas que possuem relação com a tecnologia, lugar onde diariamente nascem novas frases que definem novas funções. O mundo

metafísico está praticamente incompreensível devido a falta de clareza em definir o que é o Real.

SLOKA 57

“Brahman deve ser considerado como aquele irreduzível substrato que os Upanishads definem por descarte do que ‘não é’: não é transitório, não é uma felicidade destrutível”.

O ocidente associa como base substancial da realidade a matéria. A matéria é considerada um ente substancial, cuja natureza pode contrastar-se mediante os sentidos. O fato de que seja mensurável permite não ter nenhum tipo de incerteza a respeito de sua existência. Outros tipos de realidades, como a ideal, não são igualmente considerados como sendo válidos como os materiais, pois é impossível nas ideais constatar sua existência e imprimir um selo único que dependa exclusivamente de si mesmas. Assim, então, encontramos as substâncias materiais e ideais, onde das quais a material é admitida pelo sistema científico como o elemento que sustenta a realidade que configura nosso universo.

Existem realidades, como é o caso do estado onírico, onde os entes que ali se formam são exclusivamente um produto mental. Enquanto dormimos temos a experiência direta dos eventos que ali sucedem. Tanto os edifícios como as árvores e as pessoas são parte do fluxo de eventos experimentados. Sua realidade nunca é questionada, pois a experiência que oferecem os sentidos (também ideais) lhe outorga validade ao conhecido. No entanto, ao despertar tudo desaparece e surge uma nova ordem de realidade associado a novos cânones de existência: a vigília. No caso onírico, os eventos são recreações exclusivamente mentais e ainda assim, possuem uma condição de realidade total enquanto são experimentadas. A substância ideal é a base do estado onírico, mas em estado vigílico se considera a matéria como a base substancial da realidade.

Dividir a substância que forma a realidade como material e ideal é bastante limitado. Esta divisão se assemelha aos políticos majoritários, geralmente dois, que acreditam serem eles o centro de todas as expectativas sociais que possuem os cidadãos. A filosofia possui uma pedra no sapato que lhe impede de definir com mais clareza a realidade, quando busca classificá-la sob as exclusivas premissas de “material” e “ideal”. Existe uma nova forma de apresentar a substância base de todo o existente e é introduzir-nos na natureza da informação³⁸.

A informação como base substancial de realidade é um novo marco Intelectual, pois nos outorga a possibilidade de considerá-la como se fosse uma substância prévia a matéria e a ideia. A informação possui características especiais que criam relações entre o mundo da filosofia e da ciência, gerando assim novas teorias que alinham o saber em uma única direção.

Podemos inclusive definir a *Brahman* como um infinito de informações não-diferenciadas que conhece e se conhece a si mesmo de forma simultânea e onipresente, ou seja, em todo tempo e lugar. Quando se experimenta a meditação em profundidade e nasce a vivência do *samadhi*, não são a matéria e nem a ideia os eixos condutores da substância experimentada. O universo, em *samadhi*, se experimenta como algo análogo a colocar as sete cores do arco íris um contínuo ao outro em um disco giratório e imediatamente ao girarmos aparece a cor branca sobre sua superfície. A experiência de *Brahman* não revela como última realidade substancial um tipo de matéria nem um tipo de ideia especial. O próprio *Brahman* é o universo e sua substância é a Consciência, o Amor e a própria Existência que de nenhuma forma se diferenciam entre si.

38. Sugerimos ao leitor para a reflexão da informação como elemento substancial, a leitura de “Meditação & Quântica”, assim como “Os Campos de Cognição”, obras nas quais o autor se aprofunda na análise do termo em questão.

“Deuses como Brahma e Indra participam apenas de uma partícula da ilimitada Felicidade de Brahman e desfrutam proporcionalmente apenas da parte que lhes corresponde”.

Uma das grandes diferenças que existe entre os sistemas teológicos orientais e ocidentais é aquela que tem a ver com as divindades como sendo entidades que estão continuamente intervindos na criação, devido a que esta ocorre ininterruptamente. O Oriente assume que a criação não é um processo reduzível a um instante inicial que posteriormente se desenvolve na forma de uma evolução automática não muito claramente determinada, mediante as denominadas “leis da natureza”.

Para o Oriente a todo o instante está acontecendo a intervenção de toda uma graduação de divindades, *devas*, que impulsionam o movimento da vida através de três aspectos básicos: nascimento, manutenção e destruição de todos os seres. Este processo de mudança origina toda uma dinâmica de nascimento e morte mediante um ciclo constante que induz a evoluir. Em todas as ordens de existência do universo estão operando deuses, divindades ou *devas* em forma de inteligências reitoras³⁹, de impulsos de vida, desde a minúscula a mais alta forma de inteligência universal e são eles os encarregados de dar-lhe um sentido de ordem aos diversos planos de existência. Sua principal característica é a de responder inteligentemente por reação aos elementos que se estão produzindo na natureza; no entanto, as divindades não possuem a faculdade de reagir por sua vontade própria e decidir por interesse pessoal⁴⁰. São entidades totalmente possuídas por uma força de

39. Os *devas*, em todas suas diversas graduações, desde a trimurti inicial de *Brahma*, *Vishnu* e *Shiva* até os *devas* secundários e demais, são gerados pelo pensamento de *Ishvara*, o Deus criador. Quando *Ishvara* pensa, o universo se põe em movimento; os *devas* são simplesmente as inteligências diretrizes deste movimento e se resumem e assemelham ao que poderíamos de chamar “as forças inamovíveis” da natureza.

40. As mentes dos *devas* são altamente sátvicas, ou seja, canalizam pureza consciente, o qual os leva a não reagir mediante atos egoístas, já que esta atividade reativa é inteiramente tamásica, ordem da matéria preponderante na mente humana. É correto

criatividade, da manutenção ou da destruição, em função do que corresponda cada caso.

A partir desta perspectiva, a vida é um processo que se agita continuamente, que pode ser explicado desde uma visão mitológica como uma constante batalha entre as diversas forças que lutam por expressar sua própria natureza e condição. Por isto se apresenta que se é possível interatuar com estas forças inteligentes através de específicos mecanismos de comunicação plasmados nos ritos. Sejam estes gestuais, visuais ou sonoros, os ritos e os sacrifícios, ações sagradas, tratam de estabelecer uma ponte comunicativa com alguma divindade, como inteligência reitora a fim de se obter o resultado favorável, desejado pelos humanos.

Se tudo é *maya*, ilusão, qual sentido possui o de dedicar a atenção aos *devas* que também formam parte desta mesma realidade? O “pensamento” de que tudo é ilusão é muito diferente da “clareza” de que tudo é ilusão. As vezes, o único que se pode pensar é que tudo é ilusão, sem mais assertividade do que a própria instantaneidade do pensamento que se está emitindo. A partir da não-dualidade é perfeitamente legítimo atender a força e a expressão da divindade, como evento não-diferenciado do próprio universo criado. Partir da experiência não-dual denominada de *Brahman*, o universo é um contínuo cujas partes são simultaneamente um todo sem fronteiras. A existência de *devas* não desatende a Realidade não-dual, pois quem possui “olhos” para ver o Real adverte que os *devas* e demais entidades são simplesmente um contínuo de Consciência não diferenciada.

SLOKA 59

“Todos os objetos estão impregnados por Brahman. Todas as ações vão acompanhadas de Consciência, tal como o leite impregna a manteiga”.

apresentar que as leis de gravitação universal ou a ordem que impera na mitose celular são expressões inteligentes das leis da natureza; o Oriente simplesmente antropomorfiza mediante a mitologia estas condições e as chama de *devas*.

Perceba o leitor como, que mesmo querendo se é impossível deixar de conhecer. A atenção pode rondar outras esferas, mas inclusive ali sempre algo se está conhecendo. Nele o saber se parece ao existir, pois desde o nascimento até a morte permanece a existência associada a um corpo físico. Saber e existir são atividades que continuamente acontecem sem deterem-se em nenhum momento.

O leitor pode inclusive deslizar-se ao sonho, mas ainda ali novamente estará conhecendo eventos que formam esta realidade. Pode afirmar-se que não se sonha, mas também pode afirmar-se que simplesmente não se recorda. E por fim, a atividade do saber se parece ao ato de existir: perdura, se mantém a todo o instante. Se estiver distraído, atento ou dormindo, sempre a atividade de conhecer se mantém como um fluir contínuo.

Considera-se a Consciência como a atividade produtora do saber. A experiência mental requer da Consciência para conhecer, como as plantas do sol para sobreviver. A partir do *vedanta*, a Consciência e a mente são atividades complementares diferentes. A Consciência se assenta na mente como o fogo solar se assenta no metal para aquecê-lo. Assim como o sol ilumina a lua e esta reflete uma fração de sua luminosidade, semelhantemente a Consciência não-dual ilumina de saber a mente que reflete uma consciência⁴¹ individual.

Por esta razão, *Sankara* estabelece no presente *sloka* que a Consciência prevalece a qualquer mudança e também é a base sob a qual ocorre esta mudança. Para o Ocidente é difícil de entender esta apresentação, pois a consciência individual se apresenta como uma atividade própria da mente, tal como a luz de uma vela que inclui em si mesma o calor que emite enquanto, por sua vez, irradia seu brilho. Esta divergência de apresentações produz modelos em ocasiões totalmente descontraídas e leva a definições sobre a mente e o comportamento humano sob um modelo surpreendentemente oposto. A teoria ocidental

41. Sobre este tema em particular remetemos o leitor a nota 33.

não acerta em definir sob um modelo claro, qual é a relação que existe entre a mente e a consciência, o que permite a aparição de inumeráveis modelos comportamentais.

O *vedanta* estabelece três atividades com semelhantes características de continuidade: o ato da existência, *Sat*, que perdura durante e após a vida física; o ato de conscientização, *Chit*, que se mantém como base dos cinco estados de Consciência; e o do amor, *Ananda*, como elemento integrador de toda a informação. Finalmente, na experiência da Meditação se revela que as três são expressões de uma mesma natureza não-dual. O *vedanta advaita* trabalha desenvolvendo especialmente a análise de *Chit*, a consciência, e busca estudar meticulosamente esta atividade.

Os vedantines há milênios se depararam quando iniciaram a exaustiva análise da consciência, com um dilema: a consciência se resistia à investigação como objeto de estudo por uma razão muito simples, a de que para analisarmos a consciência teríamos que abrir mão, precisamente, da própria consciência, estabelecendo-se um aparente círculo vicioso. Ainda assim, conseguiram determinar alguma de suas características como, por exemplo, sua condição de ser auto-luminosa, ou seja, que apenas depende de si mesma para ser o que é. Tornaram-se espertos na arte de conhecer a consciência a partir da própria consciência para que finalmente, reconhecer que o universo é apenas a substancialidade da Consciência. Assim, concluíram que quem conhece, o conhecido e a força do saber constituem um todo não-diferenciado ao que denominaram de “não-dualidade”.

Por outra parte *Sankara* expõe seu pensamento, baseado na precisa e contundente afirmação de que o universo é não-dual, em uma época na qual preponderava uma clara decadência tanto no budismo como no hinduísmo. Fervilhavam inumeráveis escolas de pensamento e numerosos filósofos pregando sua particular modalidade de interpretação dos vedas. Surgiram, assim, os *charvakas*, os *jainas*, os *sikhs*, estabelecidos todos em um ambiente de confusão e certo caos, quando não, havendo um aberto enfrentamento entre as diversas visões.

Neste confuso cenário onde *Sankara* inicia, tal como se era de costume na época, a enfrentar-se com os expoentes mais conhecidos das diversas escolas filosóficas, vencendo-os um a um em franco debate, estendendo assim as bases de um novo modelo de realidade ao que chamou de “não-dualidade”. A não-dualidade como ideia era um compêndio organizado dos ensinamentos insinuados através de seus Mestres *Govindapada* e *Gaudapada*, os quais haviam criado o ambiente para que *Sankara* definisse com renovada maestria o modelo metafísico mais complexo que existe atualmente.

Resumindo o ensinamento de *Sankara*, define a *Brahman* como uma corrente não-diferenciada de Consciência que impregna o universo inteiro e que deve ser considerado como sendo à base de toda a informação que o compõe.

SLOKA 60

“Temos que compreender que Brahman não é nem sutil nem denso, nem é pequeno nem grande, que não possui nem nascimento nem modificações, que carece de forma, qualidades e cores”.

Neste *sloka* *Sankara* lança-se novamente a uma descrição nitidamente *advaita* da realidade. O sistema *advaita* busca dar uma solução ao problema da determinação da natureza da realidade sem criar nenhuma categoria substancial que a mente possa racionalizar.

Quando filosoficamente no ocidente falamos de substância, nos referimos a aquele tipo de matéria que forma e estrutura os corpos. A substância outorga a possibilidade de detectar e de perceber sensorialmente as coisas que ela compõe. A substância pode adquirir inumeráveis categorias graças as quais construímos diversos corpos ou entidades que povoam o universo. Talvez a expressão mais próxima ao que buscamos definir como “substância” faz referência no Oriente ao que poderíamos chamar de “informação”.

Tanto a substância química que forma os corpos materiais como sendo a substância ideal que formam as ideias, são partes das categorias que estabelece o Ocidente para analisar os constitutivos do universo. No entanto, a informação é uma substância prévia a matéria e a ideia, o que faz com que se possa formar qualquer estrutura material ou ideal e por sua vez, usufruir de outros atributos de complexidade que estas não possuem.

Uma das grandes vantagens da informação é que podemos estabelecer expressões matemáticas para seu estudo. A informação pode expressar-se através da teoria de conjuntos e usufruir de uma condição privilegiada de proximidade quando é analisado mediante a teoria dos números trans-infinitos de Cantor⁴². Qualquer tipo de conjunto infinito pode ser matematicamente expressado mediante a soma de conjuntos finitos. Assim, levando-o a uma exemplificação prática, um metro e meio metro são dois conjuntos de numeração finitos de pontos adimensionais que podem expressar-se como um conjunto infinito. Desta forma, teríamos finalmente um conjunto de infinitos a partir de conjuntos finitos diferentes.

Algo semelhante se passa com a informação e com sua agrupação, a qual chamaremos de “campo”. Assim, um campo de informação pode ser associado a um conjunto matemático de finitos elementos. A grande diferença com a teoria dos conjuntos é que o campo de informação está constituído, por definição de infinitos subcampos. Para esclarecer o leitor que esteja um pouco perdido, suponha que observamos uma paisagem e buscamos enumerar as informações que a constitui: verde, folhas, animais, sons, odores, cores, etc.; poderíamos caracterizar muitíssimas informações segundo seja o sentido físico que utilizarmos. Mas da descrição prévia “verde” e “folhas” se sobre-entende o campo “ramos”; de “animais” e “sons” se sobre-entende “gritos”; de “odores” e “cores” se sobre-entende

42. Georg Cantor, matemático russo introdutor do termo “transinfinito” para referir-se a qualquer tipo de números que, agrupados, formam um tipo próprio de infinito. Cantor argumentava que o termo infinito possa aplicar-se sem distinção a qualquer tipo de conjuntos não finitos, revelando assim uma diferença entre a infinitude dos conjuntos finitos.

“flores” ou “frutos”. O que o *vedanta* apresenta é que cada campo de informação possui por si, infinitos campos de informação intrínsecos, a tal ponto que qualquer campo de informação, por definição, possui infinitas informações.

A toda agrupação limitada de números, usualmente chamamos de “conjunto finito”. Assim todo o campo de informação, enquanto é limitado, possui infinitas informações; a este campo lhe outorgamos o atributo de fechado, pois possui fronteiras específicas como é o caso da paisagem que buscamos advertir, pois na realidade não buscamos detectar visualmente a cidade, nem os carros, nem mentalmente as lembranças, apenas exclusivamente a paisagem. Chamamos no *vedanta* de Realidade ao conjunto de informações que se ativa quando um campo fechado se abre e permite a inclusão das restantes informações dos restantes campos de informação.

Outra diferença com a teoria de conjuntos é que um campo de informação possui características semelhantes as que o *vedanta* atribui a Consciência⁴³. Por exemplo, a Consciência não é fracionável, nem existe nela um elemento primordial que sirva como eixo de sua constituição; assim, igualmente, a informação é adimensional, isto é, não possui uma categoria específica, mas, ao associar-se em campos, criam-se todas. Graças a esta simbiose entre informação e Consciência se é possível converter um campo de informação em um de cognição.

Um campo de informação é idêntico a um de cognição quando ao primeiro lhe adicionamos a propriedade consciente. Assim, podemos relacionar a epistemologia e a metafísica, ou seja, podemos inter-relacionar uma teoria que explique o que são as coisas e o que é o conhecimento delas. Portanto, definimos como sendo o Real a qualquer campo de cognição aberto. Todos os campos de cognição fechados que se consiga abrir mediante uma cognição correta é Real. Quando ao se reconhecer

43. Para analisar de forma exaustiva a natureza da consciência, convidamos ao leitor ao estudo detalhado do “Os Campos de Cognição” e da recente obra “Quântica e Meditação”, escritos por *Sesha* (www.vedantaadvaita.com).

um campo fechado qualquer, ou seja, algum evento percebido, é possível advertir o complemento do campo, ou seja, os restantes eventos cognitivos e fazê-los de maneira simultânea, então se conhece o Real. O elemento cognitivo empírico que permite esta atividade é o que o *vedanta* denomina de Meditação. A forma válida de se realizar a prática meditativa é retirar o sentido de eu da cognição e para isto, basta apenas uma percepção continuada do momento presente.

Assim, finalmente, a informação é a substância da Consciência, tal como reza grande sentença “Tudo é *Brahman*”.

SLOKA 61

“Brahman deve ser considerado como sendo a luz que ilumina o sol e os demais astros, mas que não é iluminado por eles. Brahman é Aquilo pelo qual tudo brilha”.

Temos implementado o termo “Consciência” como a capacidade que favorece o conhecimento e o autoconhecimento. Esta capacidade de evidenciar o mundo e auto evidenciar-se é própria e exclusivamente dos seres humanos. Assim, sob esta definição ocidental, tanto os animais como as espécies vegetais e o mundo mineral não possuem este sentido distinto de consciência. Na verdade, ser consciente de si mesmo e ser consciente do mundo da maneira como geralmente é efetuado é um ato exclusivamente humano, mas podemos reconhecer também sua expressão através da ordem que induz a inteligência da natureza em seus diversos processos.

Evidentemente a natureza é inteligente e profundamente ordenada na formação de qualquer reação. Basta analisar a complexidade do corpo humano, para determinar a imensidade de sabedoria que guarda cada função orgânica. O nível de ordem que se manifesta na mitose celular, os processos enzimáticos ou a própria percepção cognitiva, são amostras de que somos parte da capacidade de um saber que nos supera amplamente. Este nível de inteligência natural que se traduz na aparição das

diversas leis da natureza implica um nível de consciência e de inteligência que não advertimos com clareza.

Geralmente observamos a natureza e graças a isto nosso conhecimento se converte em aprendizagem. Sempre imitamos os procedimentos que a natureza já realiza com o único interesse de entender as leis mediante a qual funciona. Como poderíamos afirmar que a natureza não é inteligente e, portanto, consciente? A especialização de nosso sistema nervoso permite realizar complexas atividades e de sermos conscientes delas, por exemplo, pensar, sentir, aprender, etc. No entanto, os mundos minerais e vegetais não possuem um nível de especialização nervosa que permita os alcances humanos, embora tenham a possibilidade de gerar reações químicas ordenadas e sob critérios universais que oferecem a obtenção da energia atômica e a aparição da fotossíntese, entre milhares de possibilidades. Os mamíferos já possuem um critério que cada vez mais os aproxima a uma condição distante da consciência de raça e lhes permite pouco a pouco alcançar seu próprio auto reconhecimento individual.

O trabalho dos psicólogos Sigmund Freud e Carl Gustav Jung levou a estabelecer um novo paradigma a respeito da consciência, ao enunciar a participação do saber associado a experiências ocultas na mente ou simplesmente diversificadas e comuns na raça. Ou seja, a consciência é uma atividade que em seu encadeamento, faz parte de um saber ancestral pessoal e coletivo. Na verdade, da consciência sabemos muito pouco. Os vedantines a estão analisando desde milênios e temos encontrado a maneira de estudá-la; para isto temos aprendido a situar-nos no plano de percepção da própria consciência, adquirindo a destreza de sustentar-nos atentamente no próprio instante onde a mente conhece em um momento presente, para o qual erradicamos na cognição o sentido de egoísmo.

O *vedanta* fala então de consciência onírica, ou seja, o saber que se estabelece nos sonhos; de consciência vigílica, isto é, o saber que se procura enquanto se está desperto e a mente

racional; de consciência em observação, referindo-se ao saber que nasce quando nos aproximamos a um primeiro instante de momento presente; de consciência em concentração, quando a mente se expressa de forma não-dual em um campo de cognição fechado e de consciência meditativa, quando a cognição se associa a um campo de cognição aberto⁴⁴. Os cinco estados de consciência estabelecidos são frutos da observação interior realizada por numerosas pessoas que conseguiram aproximarem-se a um conhecimento detalhado de suas mentes, por gerações sem conta durante milênios.

A consciência se expressa de formas mais variadas do que a água em seus três estados, sólido, líquido e gasoso. A consciência expressa o surgimento do saber que inunda a mente dos gênios, que se exalta na intuição dos sábios e que atua nos mais comuns processos de raciocínio. A consciência está em tudo, semelhante ao sol que ilumina continuamente a tudo ao redor. Semelhante ao sol, a consciência ilumina sem a necessidade de ser iluminada; apenas se observa a si própria, apenas se conhece a si mesma.

SLOKA 62

“O Supremo Brahman brilha por Si Mesmo e impregna o universo internamente e externamente, tal como o fogo impregna por dentro e por fora uma bola de ferro em vermelho vivo”.

Brahman é o termo que corresponde a Consciência não-dual universal; é a Consciência Absoluta, o Ser Absoluto e a Bem-aventurança sem limites. O *vedanta advaita* trata a *Brahman* mais que tudo desde o âmbito da consciência. Por isto é importante no sistema *vedanta* tudo aquilo que tem a ver com a cognição, a mente e a consciência. O tratamento que se faz da consciência é muito diferente de qualquer outro modelo de pensamento. Perceba o leitor o conceito de “contínuo presencial”. Sempre há

44. Os termos campos de cognição fechado e campo de cognição aberto fazem parte do tratamento pedagógico que *Sesha* estabelece para se estudar os diversos estados de consciência. Remitimos ao leitor laico a essência da obra *Sesha*, “Os Campos de Cognição”, para que estude de maneira precisa esta pedagogia.

um momento presente que instante a instante flui, de tal modo que nunca se apresenta uma ruptura nele. Esse fluir se assemelha a da consciência, aonde nunca se apresenta qualquer fratura no fato de conhecer, de saber, de entender. Sempre e em todo momento se sabe, isso sim, referente a qualquer um dos estados de consciência possíveis, que alternativamente se faz presente. Sempre há saber, nunca se detecta um intervalo onde não exista consciência, como tampouco referente aos momentos presencias.

Este conceito de contínuo é verdadeiramente complexo de entender. É um fluir de saber que impregna a tudo, como o contínuo espacial que acoberta a todo volume ou o conteúdo temporal que impregna a todos os seres. Uma metáfora mais próxima de *Brahman* como um contínuo de consciência é um rio cujo caudal nunca cessa. Esse contínuo de água que flui pelas margens determina que sempre haja água, umidade, sons, espumas, ondas e demais coisas associadas ao rio. Assim, desta idêntica maneira, a consciência fluindo inclui basicamente a três coisas: o conhecedor, o conhecido e o poder do conhecimento. Esta tripla enunciação é a que associada a mente lhe permite realizar sínteses cognitiva.

No entanto, nem tudo termina aqui. Temos que tanto o conhecedor como o conhecido e o poder de conhecer não se apresentam exclusivamente como independentes, mesmo que a mente racional os veja assim. Para o *vedanta*, conhecedor, conhecido e conhecimento são expressões individuais e por sua vez simultâneas como, por exemplo, as múltiplas formas e cores independentes que formam um todo quando se observa a uma paisagem. A não-dualidade é um tipo de cognição especial que permite aos objetos conhecer-se como parte e também como um todo, tal como um corpúsculo subatômico que é simultaneamente onda e partícula.

Além da consciência se comportar como um contínuo e de se apresentar como não-dual, ela é auto-luminosa e é impossível de ser observada, ou seja a consciência emana saber e não se é possível convertê-la em um objeto de percepção de nada mais

que dela mesma. Por isto, quando um “objeto” qualquer flui na corrente não-dual de consciência, fica impregnado da força de ser conhecido; igualmente, quando um “sujeito” flui imerso na corrente não-dual de consciência e fica envolto da capacidade de saber e saber que sabe.

Semelhante a uma bola de ferro que ao aproximá-la do fogo, absolve espontaneamente seu calor até ficar com um vermelho vivo, assim, desta forma, quando a mente flui na corrente da Consciência adquire a capacidade de conhecer e de ser conhecido. E além, a mente também alcança erradicar a capacidade diferenciadora entre conhecedor e conhecido excluindo o eu da percepção, então ambos, conhecedor e conhecido, assumem um rol simultâneo ao que denominamos de “não-dualidade”.

SLOKA 63

“Brahman é distinto do universo, mas não existe nada diferente de Brahman. Se algo aparece distinto de Brahman é como uma falsa miragem no deserto”.

Esta afirmação de *Sankara* é talvez a mais completa de todas as outras que tenha enunciado ao longo do texto. Outorga a *Brahman* uma propriedade exótica, de ser distinto do universo, mas por sua vez impossibilita o universo de existir independentemente de *Brahman*. Parece a um jogo de palavras, um contra sentido no qual se é difícil resumir as vastas consequências desta afirmação. *Brahman* não é exatamente distinto do universo, mas sim, distinto da versão dual que temos do universo quando o conhecemos com a mente. O universo se pode advertir basicamente de cinco variadas formas segundo seja o estado de consciência que se apresente ao percebê-lo. O que *Sankara* quer estabelecer de forma incisiva é que o universo que se desprende de nossa visão racional não é *Brahman*, nem em sua magnitude nem em suas qualidades.

Detectar a *Brahman* sob a limitada ótica mental é um equívoco que impede a definição exata do que é o Real. Devido a que

a mente dual, apenas é capaz de conhecer o universo mediante a fratura de conceitos, não é viável usar a dualidade para estabelecer o caráter real de *Brahman*. Por isto *Brahman* é distinto do universo, é diferente do universo dual que a mente detecta enquanto está sujeita a dualidade que impõe o eu.

No entanto, não existe nada diferente de *Brahman*, pois ele é a base essencial de tudo o existente. Qualquer coisa que exista, ainda que se perceba sob uma apreciação dual, o que existe possui como base a *Brahman* em sua essência. Talvez um exemplo que esclareça este emaranhado de conceitos é a relação entre sonho e vigília. Qualquer evento do sonho, enquanto se está sonhando, é diferente do sonhador que o criou, mas por sua vez, nenhum evento do sonho é diferente do sonhador que o criou. Enquanto se dorme e observamos a uma montanha, não podemos afirmar que ela é o sonhador que neste momento está tranquilamente descansando na cama; igualmente, enquanto sigamos dormindo, é inegável que a montanha é uma criação mental do sonhador. A montanha é, e não é real, mas *Brahman* sempre é Real.

Em virtude do anterior, *Sankara* afirma que o assumir o universo como sendo diferente de *Brahman* (em nosso exemplo paralelo seria assumir que a montanha é diferente do sonhador), é apenas uma aparência de diferença, uma simples ilusão, tal como a uma miragem no deserto desencadeada por uma errada percepção da realidade dual.

Brahman possui aquela virtude de comportar-se paradoxalmente, qualidade reservada apenas ao infinito. Assim então, sendo, não se reconhece; mas o que se reconhece mentalmente não é *Brahman*. A solução ao paradoxo da realidade se soluciona ao interpretarmos que a individualidade é um acidente e que o infinito é a base essencial do que somos. Advertir que a individualidade é um acidente implica em reconhecer que a percepção dual é apenas uma incorreta e limitada forma de cognição. Por isto, desfazendo a base mental que instaura a dualidade, o eu, se é possível firmar-se de maneira correta na cognição e estabelecer que o infinito seja a base essencial do indivíduo.

O *vedanta*, dentro de sua terminologia, define que assumir algo inexistente como sendo válido é *adyarupa*, ou seja, um processo de sobreimposição e alcançar testemunhar com um reto conhecimento o que é o Real e o contínuo de Consciência não-dual se denomina apavada, o processo de “des-sobreimposição”.

SLOKA 64

“Tudo o que é percebido, tudo o que é escutado é Brahman e nada mais que Brahman. Ao se obter a compreensão do Real, se experimenta o universo como Brahman não-dual, Existência – Conhecimento – Felicidade Absolutas”.

Existe uma compreensão final que sustenta, enraíza e engloba a todas as compreensões restantes: é a compreensão do Ser Absoluto, da Divindade em Mim, da Totalidade em Mim; é a compreensão de que tudo é *Brahman*, de que tudo é Real, de que tudo é Ser, de que a Existência, O Conhecimento e a Felicidade são não-diferentes. Quando o ser humano encontra esta compreensão que amadurece passo a passo, então ela se converte em um caminho por onde transita o buscador da verdade.

Finalmente, quando a compreensão do Ser amadurece, *Brahman* se converterá em uma testemunha que se manifesta em cada canto do caminho; então cessa toda busca, desaparece acima e abaixo, frente e atrás. Nunca mais se teme a vida ou a sua ausência, se aceita o que acontece seja o que seja. Quando o corpo finaliza sua tarefa se converterá em cinzas, o *prana* e a mente se diluíram no espaço e a Consciência animará a imensidade do universo. A partir daí, o próprio Ser será testemunha de mil crepúsculos, de vida e morte de universos sem conta, lágrimas e alegrias serão detalhes do infinito de faces que possui a existência.

Ali o amor não é um tipo de sentimento, mas sim a manta que cobre e abriga céu e chuva. O fogo dos sóis se converte no brilho que converte aos amantes em imortais e a obscuridade da noite em silêncio que protege o frágil e o caminhante. Cessa o passado, cessa toda busca, o caçador caça a si mesmo e se converte em

presa para devorar sua fome de saber. Como colocar em palavras o que apenas as lágrimas do místico entendem? Apenas quem tem visto a Deus pode desejar com loucura seu encontro, apenas quem jamais pergunta pode encontrar as respostas adequadas.

SLOKA 65

“Apesar de Atman ser Realidade, Consciência, Bem-aventurança e está presente em todas as partes, ainda assim é percebido apenas pelos olhos da Compreensão. Mas aqueles cuja visão se encontra obscurecida pela ignorância, agnana, não veem a Atman todo-luminoso, semelhante ao cego que não pode ver o sol resplandecente”.

Consideramos pertinente realizar uma pequena reflexão sobre os conceitos de *Atman* e *Brahman*, a fim de prevenir qualquer tipo de engano de percepção na hora de manejarem-se neles. A filosofia *vedanta* assume o estudo do existente desde uma original apresentação, onde a realidade pode expressar-se em função da perspectiva individual e ou coletiva, de modo que a condição coletiva possa possuir um tamanho tão peculiarmente amplo como se deseje, assumindo sempre como uma somatória de unidades individuais. Assim, uma unidade individual pode ser “dedo” e sua unidade coletiva “mão”; esta, por sua vez pode ser vista como sendo uma unidade individual englobada na unidade coletiva “braço” ou “corpo” e este último, por sua vez, pode fazer parte como unidade individual da unidade coletiva “raça humana”, e assim sucessivamente.

Com os elementos inanimados ocorre o mesmo: a unidade individual “árvore” pode englobar-se na unidade coletiva “bosque”; a unidade individual “rio” pode tomar forma de expressão coletiva no que denominamos “mar”, etc.

Nesta linha, constitui - se uma estranha novidade do pensamento *vedanta* o transladar esta análise prévia que temos feito à natureza da consciência. Esta pode responder a semelhante

tratamento que aplicamos aos organismos físicos animados ou inanimados. Desta maneira, a unidade consciente humana pode empresar-se desde uma perspectiva individual ou também como a soma destas. A unidade individual consciente associada a um corpo físico se denomina geralmente de *Chidabaasa* e a soma de entidades individuais que se expressam em um cosmos é chamada de *mahat*.

Desta forma o *vedanta* apresenta uma Realidade individual e uma universal, as que se denominam de *Atman* e *Brahman*, respectivamente. No entanto, para evitar confusões introduzimos uma contundente afirmação mediante a enunciação de uma grande sentença ou *mahavakya* que as relaciona: *Aiam Atman Brahman, este Atman é Brahman*. Esta sentença define claramente que são idênticos tanto *Atman* como *Brahman* e que não se pode apresentar nenhuma aparente dicotomia entre as suas naturezas.

Devido a que *Atman* e *Brahman* são Consciência absoluta e não-dual, são a base essencial do conhecimento e de toda síntese final na forma de compreensão. *Atman* encontra-se no saber e claramente na compreensão. A compreensão opera exclusivamente no momento presente, por onde *Atman* é também a natureza que sustenta o momento presente e o revela como um contínuo.

SLOKA 66

“O jiva livre de impurezas, tendo sido iluminado pelo fogo da compreensão, ao escutar os ensinamentos de um mestre esclarecido brilha por Si Mesmo como o ouro”.

Denomina-se de *jiva* a unidade estrutural que forma o ser humano. Referimo-nos a soma do corpo físico, prânico, mental e de conhecimento. Estas quatro envolturas ou *koshas* que aparentemente envolvem o *Atman* possuem a característica de produzir identificação com eles, na forma de “sou o corpo”, “tenho vitalidade”, “duvido” e “conheço”. *jiva* é um termo que em nosso idioma significa “individualidade”.

Como temos comentado a consciência do *jiva*, ou seja, a consciência individual geralmente denomina-se de *chidaabasa*, ou consciência reflexa. O *vedanta* define meticulosamente cada propriedade que entra em jogo na cognição, de tal forma que não haja lugar para descrever incorretamente qualquer processo que possa ocorrer durante o conhecer. Esta imensa bagagem de palavras geralmente confunde ao estudante não avançado nesta terminologia própria, mas, no final, quando se entende mediante a experiência direta o processo de encadeamento de cada estado de consciência, então realmente se agradece o imaculado detalhe com o qual se descreve esta atividade.

Jiva é a soma de *anno maya kosha*, *prano maya kosha*, *mano maya kosha* e *vignano maya kosha*⁴⁵. *Jiva* representa tudo àquilo que pode forjar sentido de identificação pessoal. A mente ou *antakarana* corresponde a *mano* e *vignano maya kosha*. Por sua vez, a consciência individual se assenta em *vignano maya kosha*. Quando *Sankara* apresenta que devem ser retiradas as impurezas, se refere a que os constitutivos que formam os *koshas* devem, mediante as diversas disciplinas instrumentadas por um mestre, transformar seus componentes rajásicos, ativos e tamásicos ou inertes em sátvicos ou equilibrados.

A disciplina espiritual não leva por si mesma a liberdade interior. O saber não é produto de acalorada disciplina que apenas é capaz de mudar hábitos rajásicos e tamásicos em sátvicos. A compreensão não é produto de algo prévio. Qualquer trabalho de busca interior retira a dúvida, mas não produz compreensão. A compreensão é uma atividade sempre presente, não nasce e nem se modifica, não prospera nem morre; ela; a compreensão, sempre está presente em toda a atividade, inclusive em sua ausência. A experiência desfaz a dúvida, mas não induz a compreensão. Não importa qual atividade se realize, maneje e domine o ser humano, tudo isto apenas lhe produzirá ausência de dúvida; a compreensão não

45. No *sloka* 14 o leitor poderá recordar o apresentado a respeito às envolturas ou *koshas* com as quais se reduz aparentemente o *Atman*.

depende da destreza, simplesmente sei que conheço ou sei que não conheço.

jiva busca libertar-se de impurezas mediante uma prática interior, pois entre todas as diversas compreensões mentais que reuni um indivíduo há apenas umbrais entre elas, mas não diferenças. O ser humano acredita que conhece uma e outra coisa quando adverte a uma planta ou a uma pedra, mas a compreensão é uma atividade contínua; por isso, desde a míope ótica mental que se apresenta mediante o constante pensar, se é possível evidenciar que entre cada compreensão mental não há diferenças, mas sim umbrais que, sob a luz da mente individual, se experimentam como fracionamento.

A compreensão é o fruto maduro da consciência, é a faculdade que permite o conhecer, é o cume do saber. O tesouro de compreender permite entender o que somos, permite descobrir a realidade que se abate a aparente mudança que opera na mente.

SLOKA 67

“Atman, que é o sol do conhecimento, se eleva no firmamento do coração e destrói as trevas. O Onipenetrante e Sustentador de todos é quem ilumina a totalidade e inclusive a Si Mesmo”.

Atman é o Real; é identificado com a natureza essencial da consciência, ou seja, com o conhecimento, com a força do saber, com o próprio ato que envolve a aprendizagem. Para o *vedanta*, *Atman* é o Real e por sua vez, o Real é a Consciência não-dual. Por isto se entende o empenho de se buscar um mecanismo prático mediante o qual se aprenda a atuar-testemunhar a Consciência. Este processo de autoconhecimento da Consciência se denomina e “meditação”.

A Meditação é um estado de consciência superior, além de chamar a si como o mecanismo prático que leva a percepção de campos abertos. O estado de Meditação possui uma testemunha da realidade que ele vislumbra; e esta testemunha do estado de Meditação a chamamos de *Atman*. O *Atman* é o sujeito que

conhece o universo inteiro de forma não-diferente a Ele mesmo; *Atman* é o estado supremo do conhecedor do próprio universo.

Assim como *Atman* compreende o universo interior, igualmente o “eu” assume que compreende aquilo que pensa. O único realmente libertador é amar inegoisticamente ou compreender aquilo que conhecemos. O único que verdadeiramente outorga a paz é amar profundamente ou compreender ilimitadamente. No entanto, devemos entender que compreender não tem relação com a claridade sobre a síntese que a mente realiza quando raciocina; compreender é algo muito mais imenso que o simples resultado cognitivo. Compreender que somos realmente um contínuo não-dual de Consciência gera um vislumbre de saber que se firma em serenidade. Modelar compressões que nunca sedem diante da enfermidade, do poder ou da morte é um sintoma de descobrimento de um tesouro atemporal. A maior compreensão é aquela imutável, aquela que não requer nada além de si mesma para sustentar a verdade. A compreensão fundamental é conhecer-nos como *Atman*, como esse fluxo de saber não-dual que é por sua vez a base substancial do universo em todas suas categorias. Quando se conhece a *Atman* se é *Atman*; ali neste supremo estado, jamais se temerá a morte, o futuro, o silêncio nem a solidão. Imersos em *Atman* nada mais se busca nada mais se deseja, desde esse momento já não importam mais as respostas nem as razões nem as justificativas, apenas valem os instantes e a vivência presencial associada a eles.

SLOKA 68

“Aquele que, renunciando a toda a atividade, rende culto no sagrado e imaculado santuário de Brahman, que é independente de tempo, lugar e distância, que se encontra presente em todos os lugares, que é o destruidor do calor, do frio e de todos os demais opostos e que é o doador da felicidade eterna, surge onisciente e Onipenetrante e obtém a imortalidade”.

Existem aqueles que renunciam a ação e há aqueles que renunciam ao fruto da ação; são duas situações completamente diferentes. Aquele que renúncia ao resultado da ação os sábios o chamam e *karmayoguin*, mas aquele que renúncia à própria ação o chamam de *gnanayoguin*. O *vedanta advaita* geralmente estipula que o primeiro passo para se alcançar o *gnana*, o Sendero do discernimento, é a vivência do *karmayoga*. Ninguém pode renunciar a ação e por ela o mundo, sem antes ter a suficiente preparação para isto.

Quantos homens tem buscado renunciar ao mundo, impulsionados por uma busca interior equivocada e ao final simplesmente buscavam esconder o mundo e a si mesmos, suas próprias misérias interiores! Quantos homens renunciam ao mundo sem estar prontos para isto e ao final se convertem em presas de suas próprias necessidades pessoais! Existem efetivamente dois tipos de renúncia: a renúncia ao fruto da ação, circunstância que libera graças a que se impede o surgimento de um novo *karma agami*⁴⁶ e a renúncia da ação, que a realizam apenas aqueles que têm o ininterrupto vislumbre da Realidade, aos que também geralmente são chamados de *sanyasin*.

Nossa cultura ocidental tem oferecido e ainda oferece reiteradamente o isolamento da sociedade aos buscadores do divino, para que se dediquem constantemente a si mesmos. Inumeráveis monastérios são a prova do afã desmesurado de se criar um ambiente distante do ruído mundano. No entanto, o relaxamento da mente tem levado a numerosos buscadores a serem testemunhas impotentes de seus próprios infernos, devido à própria ingenuidade de se acreditar que basta se desejar ao divino para alcançá-lo. Centenas de expiações, castigos e leituras se acumulam por anos a quem busca preparar-se para servir ao divino, quando realmente apenas buscam

46. O *karma agami* é um dos três tipos e *karma* que geralmente se estuda na tradição hindu. *Karma agami* é aquele que nasce quando um sujeito encarnado em um corpo físico se identifica com as ações que realiza. Ao identificar-se projeta ao futuro sua preferência pessoa, seu sentido de eu, graças ao qual se estabelece um círculo vicioso impossível de evitar ao que geralmente denomina-se de *samsara*, ou roda de mortes e renascimentos.

uma maneira de sentirem-se bem consigo mesmos. Não há pior ego que daquele que busca a santidade. Buscar fazer com que dois políticos se coloquem de acordo quando suas posições são contrárias é impossível e finalmente os eleitores servirão de balança para que algum dia se chegue a algum acordo. Mas coloque dois religiosos de distintas tradições a dialogarem e jamais chegaram a nenhum encontro, pois acreditam serem eles os donos do Deus que representam e do poder que ostentam por máximo merecimento.

O *vedanta* busca o infinito no próprio ato de conhecer. Adentrando-se no mistério da percepção o discípulo aprende a vislumbrar que o universo apresenta um tom diferente quando o observa a partir da quietude mental. Ali, estabelecido na contínua simplicidade do momento presente, poderá ser testemunha de que toda mudança flui na quietude, tal como a onda que oscila no imóvel oceano. Testemunhar a força do Ser através da constante atividade do autoconhecimento os levará algum dia a compreender que vocês são os deuses, que em seu coração bate o sentir desinteressado do Amor que integra todas as coisas e que em sua cabeça se desdobra o infinito na forma de Compreensão.

SEGUNDA PARTE

Atmabodha

de Sri Sankaracharya

Epílogo

O *Atmabodha* é um dos mais conhecidos clássicos livros do *vedanta advaita* e em sua relativa simplicidade, possui uma descrição maravilhosa através de exemplos, muito simples e poéticos sobre a natureza da cognição não-dual e a realidade do Ser.

Ao longo de seus *slokas*, *Sankara* realiza um pormenorizado detalhe da natureza da Consciência e descreve todo tipo de relações com situações simples e acessíveis a qualquer leitor.

Constituí, neste sentido, em um mapa muito detalhado e profundamente alentador para introduzir-se na natureza da Consciência.

As ideias que expõe são excepcionais, mas descritas sempre com exemplos e situações comuns e frequentes. Isto é o que faz grande o *Atmabodha* e a *Sankara* como mestre e pedagogo.

É na verdade, assombroso ver como o gênio de *Sankara* penetra em realidades tão profundas e elevadas através de uma linguagem tão Elemental, tão de todos os dias.

Resulta certamente especial o modo como trata os elementos fundamentais que abordam o *vedanta*, especificamente no que é referente a natureza da Consciência, o tema de *Brahman*, o da conotação não-dual de sua natureza e o de sua realidade primordial como Existência, Conhecimento e Bem-aventurança Absolutas.

Atmabodha

de Sri Sankaracharya

Sloka 1

“Eu componho o Atmabodha, o conhecimento de Si Mesmo, para servir as necessidades daqueles que, tendo se purificado mentalmente através de práticas e austeridades, e havendo adquirido paz interior, carecem de inquietudes e buscam a Liberação”.

Sloka 2

“Como o fogo é a causa direta da cocção, assim a compreensão que outorga o Conhecimento, e nenhuma outra forma de disciplina/prática, é a causa direta da liberação, porque a liberação não pode ser obtida sem o Conhecimento de Si Mesmo”.

Sloka 3

“A ação não pode destruir a ignorância porque a primeira não está em conflito com a segunda. Apenas a compreensão que outorga o conhecimento é capaz de destruir a ignorância, como apenas a luz é capaz de diluir a densa escuridão”.

Sloka 4

“É apenas devido a ignorância produzida por uma equivocada compreensão que o Ser não-dual aparece como finito e delimitado a “nome e forma”. Quando a ignorância é destruída, o Ser não-dual, que não admite nenhuma multiplicidade, revela a Si Mesmo cuja verdadeira natureza é não-dual, tal como o sol se revela quando as nuvens se afastam”.

Sloka 5

“O praticante, devido as repetidas compreensões que diariamente outorgam as experiências, purifica sua mente que se encontra envolvida pela ignorância; a compreensão desfaz a ignorância tal como o pó do kataka desaparece depois que se tem limpaado a água lodosa”.

Sloka 6

“O mundo do samsara, cheio de apegos, aversões e dualidades é como um sonho: parece ser real tanto tempo quanto nos mantenhemos dormindo, mas apresenta-se como irreal ao despertar”.

Sloka 7

“O samsara parece ser real tanto tempo quanto o Brahman não-dual, que é a base consciente e substancial de tudo o existente, permaneça incompreendido. Isto é semelhante a ilusão de se ver o metal prata em uma concha de ostra”.

Sloka 8

“A percepção das múltiplas e diferenciadas “formas” existe exclusivamente na mente de quem percebe, sendo seu substrato o eterno e todo abrangente Vishnu, cuja natureza essencial é Existência e Consciência. “Nomes” e “formas” são como as pulseiras e braceletes, e Vishnu como sendo o ouro”.

Sloka 9

“O oni-abrangente akasha parece ser limitado devido às diversas formas nele contidas e por serem experimentadas como sendo distintas das outras, mas o akasha torna-se sendo não-diferente diante da destruição do sentido de limite contido nas formas mentais. Semelhantemente, estas formas (upadhis) delimitadas mentalmente por “nomes”, fazem perceber a Brahman não-dual como diverso, mas Brahman surge finalmente como sendo uma realidade não-dual mediante o ato da atenção sustentada nos mesmos upadhis diferenciados”.

Sloka 10

“Devido a incessante atividade mental do perceptor, possuidor de consciência individual, os diversos upadhis (formas diferenciadas) como casta, cor e etapa de vida são sobrepostos ao Atman tal como o sabor e a cor podem sobrepor a água”.

Sloka 11

“O corpo denso, provido de karma, é consequência das ações passadas e está formado pelos cinco grandes elementos sutis, que se tornam densos quando a metade de um dos elementos sutis se une com a oitava parte de cada um dos outros quartos. O corpo denso é chamado de “sede” da experiência do prazer e da dor”.

Sloka 12

“O corpo sutil se encontra formado pelos cinco pranas, pelos dez órgãos, por manas e budhi, todos formados pelos elementos primários antes de sua subdivisão e sua combinação entre si. O corpo sutil é chamado ‘intermediário’ da experiência do prazer e da dor”.

Sloka 13

“Avidya ou ignorância, base do estado causal, é indescritível e sem origem; é um upadhi sobre-imposto a Atman. Sustentamos seguramente que Atman é diferente dos três upadhis”.

Sloka 14

“Devido a Consciência não-dual ser a base das cinco envolturas (koshas), o Atman não-dual aparece com atributos diferenciados, como ocorre com um cristal que parece dotado de cores tal como o vermelho ou o azul, quando este está sobreposto as cores vermelho ou azul”.

Sloka 15

“Por meio de budhi, que é a função discriminativa da mente, se e possível distinguir a Brahman não-dual das envolturas sobre impostas que o tem encoberto, da mesma maneira em que se separa o grão de arroz da casca que o encobre, golpeando-o com uma pedra de moer”.

Sloka 16

“Embora o perceptor individual não reconheça ao Onipotente Atman não-dual como base substancial em todas as coisas diferenciadas, Ele se manifesta na mente associado a budhi, semelhante a um reflexo nas águas claras ou em um espelho límpido”.

Sloka 17

“Graças a atividade de viveka é possível dar-se conta de que o Atman não-dual é não-diferente do corpo denso, dos órgãos dos sentidos, da mente, de budhi e de prakriti, e que é a testemunha destas funções, comparável a um rei”.

Sloka 18

“Da mesma maneira que a lua parece mover-se quando as nuvens se deslocam sobrepostas no céu, assim também é para a mente carente de viveka, discernimento, o Atman parece estar ativo, quando na verdade a percepção do mundo é apenas uma sobreposição mental no qual intervêm os sentidos”.

Sloka 19

“O corpo denso, os sentidos e budhi se ocupam cada um de sua respectiva tarefa com o suporte da Consciência inerente a Atman, semelhante aos homens que trabalham com a ajuda da luz que é inerente ao sol”.

Sloka 20

“Alguns, por falta de discernimento, viveka, sobrepõe a Atman puro, que é Existência e Consciência Absolutas, as características e funções do corpo denso e dos sentidos, tal como as pessoas comuns atribuem as características de ‘côncavo’ ou ‘azul’ ao céu”.

Sloka 21

“Assim como o reflexo da lua sobre as águas parece mostrar que está se encontra em movimento, da mesma forma, devido à falta de discernimento, viveka, o atuar, o regozijo e todas as limitações que pertencem apenas a mente são falsamente sobrepostas ao Atman”.

Sloka 22

“Apegos, desejos, prazeres, sofrimentos e outros, se percebem como existentes enquanto perdurar a função budhica da mente; deixam de ser percebidos no estado de sono profundo, quando a mente deixa de funcionar. No entanto estas funções diferenciadas que operam na mente pertencem apenas a ela e não a Atman”.

Sloka 23

“A natureza de Atman é Eternidade, Pureza, Realidade, Consciência e Bem-aventurança, assim como a luminosidade é a natureza do sol, o frescor é a natureza da água e o calor é a natureza do fogo”.

Sloka 24

”Noções tais como ‘eu sei’ ou ‘eu conheço’ são produzidas pela atividade do antakarana associada a dois aspectos de Atman: Existência e Consciência”.

Sloka 25

“Atman não-dual nunca experimenta qualquer mudança, assim como tampouco budhi se encontra jamais dotado de Consciência. O homem ignorante, no entanto, acredita que Atman é idêntico a budhi, e assim cai sob a ilusão de considera-se a si mesmo como se fosse ele quem vê e ele quem conhece”.

Sloka 26

“Quando se confunde o Atman com o indivíduo, como ao confundir uma corda com uma serpente, tem-se medo; quando ‘Isso’ sabe que não é o indivíduo, mas penas o Atman Supremo, não se tem medo”.

Sloka 27

“A realidade da mente, dos órgãos dos sentidos, etc., é iluminada por Atman, do mesmo modo que uma jarra ou um pote são por uma lâmpada, mas estes upadhis não podem iluminar por si mesmos seu próprio Ser”.

Sloka 28

“Assim como uma lâmpada iluminada não necessita de outra lâmpada para manifestar luz, assim Atman, sendo Consciência em Si Mesmo, não necessita de nenhuma outra Consciência para manifestar seu Ser”.

Sloka 29

“O discernimento, viveka, direcionado a negar a realidade dos upadhis, ajudado pelas sentenças das escrituras que dizem de Brahman: ‘nem é isto’, ‘nem é isto’, permite, junto aos grandes aforismos védicos, reconhecer a identidade da alma individual, jiva, e o Ser Supremo, Atman”.

Sloka 30

“O corpo físico, junto com os elementos sutis diferenciados recriados por avidya, a ignorância primigênia, e por prakriti, cuja natureza ilusória é idêntica aos objetos diferenciados, são impermanentes como bolhas. Perceba que, através do contínuo discernimento, viveka, que é o Imaculado Brahman, completamente distinto a suas envolturas diferenciadas”.

Sloka 31

“O que Realmente Sou é livre de mutações tais como nascimento, senilidade e morte, porque o que Realmente Sou é distinto deste corpo; o que Realmente sou está desapegado de todos os objetos dos sentidos, tais como o som e o sabor, porque em Minha essência careço de órgãos sensoriais”.

Sloka 32

“O que realmente Sou está livre de apegos, de tristeza, de málcia e de temor, porque o que Realmente Sou é algo distinto da mente. O que É carece de prana e de mente, é puro, é mais alto que o elevado e imperecível”.

Sloka 33

“Daquilo que Sou nasceu o prana, a mente e todos os órgãos dos sentidos, o éter, o ar, o fogo, a água e a terra, porque Aquilo é a substância e o suporte de tudo o diferenciado”.

Sloka 34

“O que realmente Sou carece de atributos e de ação, é eterno e puro, é livre de mácula e de desejo, não apresenta modificações; devido a isto, realmente carece de forma e faz com que Eu seja sempre livre”.

Sloka 35

“O que Realmente Sou preenche todas as coisas diferenciadas, tal como o espaço (éter) preenche por dentro e por fora todos os objetos diferenciados. O que Realmente Sou carece de modificações e é o mesmo sempre. O que Realmente Sou é puro, desapegado, imaculado e imutável”.

Sloka 36

“O que Realmente Sou é aquele Supremo Brahman, que é Eterno, Imaculado e Livre, que é Uno indivisível e não-dual, cuja natureza á a felicidade, a Bem-aventurança, o Conhecimento e o Infinito”.

Sloka 37

“A impressão cognitiva ‘Eu Sou Brahman’, criada por uma ininterrupta compreensão, destrói a ignorância e seus derivados, da mesma maneira que a medicina rasayana destrói as enfermidades”.

Sloka 38

“Sentado em um local solitário, liberando a mente de todas as dúvidas e desconectando os sentidos, deve meditar com imóvel atenção no infinito Atman, que é Um-sem-segundo”.

Sloka 39

“O homem sábio que possui forte discernimento, viveka, ao atender constantemente ao Atman funde o mundo objetivo na Realidade não-dual, em Atman”

Sloka 40

“Aquele que tem obtido a Suprema Bem-aventurança deixa de lado os objetos, seus nomes e formas, e reside no mundo como se fosse a personificação ou a encarnação da Consciência Infinita ou a Infinita Felicidade”.

Sloka 41

“O ser Supremo, cuja natureza é idêntica a da Bem-aventurança infinita, não admite a distinção entre o conhecedor, o conhecimento e o objeto de conhecimento. Ele É Compreensão Pura”.

Sloka 42

“Por meio da Meditação constante, comparável ao atrito das lenhas para acender o fogo, eleva-se a chama do conhecimento e da permanência da compreensão, que reduz a ignorância completamente a cinzas”.

Sloka 43

“Assim como ao amanhecer aparece o sol após a destruição das trevas, assim Atman surge logo após a destruição da ignorância diante da contínua compreensão do Ser”.

Sloka 44

“Enquanto Brahman é uma Realidade sempre presente, ainda assim e devido a ignorância produzida por maya, A Realidade não é captada. Com a destruição da ignorância Atman se revela. É como o caso do ornamento que se leva preso ao próprio pescoço”.

SLOKA 45

“Brahman parece ser viva, individualidade, devido a ignorância, maya, tal como um tronco de uma árvore que pode a distância ser considerada como sendo um homem. Esse viva é destruído quando se percebe a sua Real natureza”.

Sloka 46

“O conhecimento que se alcança pela realização da verdadeira natureza do Real destrói imediatamente a ignorância que se encontra caracterizada por noções como “eu” e “meu”, semelhante ao sol que dissipa o erro sobre o caminho a seguir”.

Sloka 47

“O yogi dotado de completa iluminação vê através dos olhos do discernimento, viveka, a totalidade do universo em seu próprio Ser e considera a todas as coisas como sendo tudo e uno”.

Sloka 48

“O universo tangível é realmente Atman; nada do que existe pode ser outra coisa que Atman. Semelhante a um pote e a uma jarra que não são apenas que argila e não podem ser nada mais que argila, assim para um iluminado tudo aquilo que é percebido é o Ser e nada mais que o Ser”.

Sloka 49

“O jivanmukta, dotado do conhecimento do Ser, abandona a identificação com seus upadhis porque com o conhecimento da sua natureza e percebendo que ele é Existência, Sabedoria e Felicidade Absolutas, surge Brahman de forma natural, como a larva que ao crescer alcança a natureza da abelha”.

Sloka 50

“Um yogi que é jivanmukta, liberado em vida, depois de ter cruzado o oceano da ilusão e ter matado os monstros da dúvida e da aversão, se une com a paz e descansa na felicidade que apenas provém da Realização do Ser”.

Sloka 51

“Absolutamente desligado de todo apego ilusório e de toda ilusória felicidade externa, ele jivanmukta, que reside no Ser, se satisfaz com a felicidade proveniente de Atman que brilha ininterruptamente, como a uma lâmpada colocada dentro de um cântaro”.

Sloka 52

“O sábio, ainda que resida nas limitações de seus upadhis, não está impregnado de suas qualidades. Conhecedor de tudo vive como um ignorante; desapegado, se move como o vento”.

Sloka 53

“Com a destruição de seus veículos no momento da morte, ele, o sábio contemplativo, o jivanmukta, se funde totalmente em Vishnu, o todo-poderoso espírito, como a água na água, o espaço no espaço e a luz na luz”.

Sloka 54

“Brahman deve ser concebido como aquela conquista que além Dele não há outra conquista superior; como a felicidade, além da qual não há outra felicidade superior; como o conhecimento, além do qual não há outro conhecimento superior”.

Sloka 55

“Brahman, o Absoluto não-dual, tem de conceber-se como Aquilo que, uma vez visto, já não fica mais nada por ver; Aquilo que, uma vez sido, já não fica mais nada por ser; Aquilo que, uma vez conhecido, já não fica mais nada por conhecer”.

Sloka 56

“É preciso entender que Brahman é Existência, Conhecimento e Felicidade Absolutas, que é um contínuo não-dual, Infinito, Eterno e Uno e que alcança a tudo que existe, o que está acima, o que está abaixo e o que existe no meio”.

Sloka 57

“Brahman deve ser considerado como aquele irredutível substrato que os Upanishads definem por descarte do que ‘não é’: não é transitório, não é uma felicidade destrutível”.

Sloka 58

“Deuses como Brahma e Indra participam apenas de uma partícula da ilimitada Felicidade de Brahman e desfrutam proporcionalmente apenas da parte que lhes corresponde”.

Sloka 59

“Todos os objetos estão impregnados por Brahman. Todas as ações vão acompanhadas de Consciência, tal como o leite impregna a manteiga”.

Sloka 60

“Temos que compreender que Brahman não é nem sutil nem denso, nem é pequeno nem grande, que não possui nem nascimento nem modificações, que carece de forma, qualidades e cores”.

Sloka 61

“Brahman deve ser considerado como sendo a luz que ilumina o sol e os demais astros, mas que não é iluminado por eles. Brahman é Aquilo pelo qual tudo brilha”.

Sloka 62

“O Supremo Brahman brilha por Si Mesmo e impregna o universo internamente e externamente, tal como o fogo impregna por dentro e por fora uma bola de ferro em vermelho vivo”.

Sloka 63

“Brahman é distinto do universo, mas não existe nada diferente de Brahman. Se algo aparece distinto de Brahman é como uma falsa miragem no deserto”.

Sloka 64

“Tudo o que é percebido, tudo o que é escutado é Brahman e nada mais que Brahman. Ao se obter a compreensão do Real, se experimenta o universo como Brahman não-dual, Existência – Conhecimento – Felicidade Absolutas”.

Sloka 65

“Apesar de Atman ser Realidade, Consciência, Bem-aventurança e está presente em todas as partes, ainda assim é percebido apenas pelos olhos da Compreensão. Mas aqueles cuja visão se encontra obscurecida pela ignorância, agnana, não veem a Atman todo-luminoso, semelhante ao cego que não pode ver o sol resplandecente”.

Sloka 66

“O jiva livre de impurezas, tendo sido iluminado pelo fogo da compreensão, ao escutar os ensinamentos de um mestre esclarecido brilha por Si Mesmo como o ouro”.

Sloka 67

“Atman, que é o sol do conhecimento, se eleva no firmamento do coração e destrói as trevas. O Onipenetrante e Sustentador de todos é quem ilumina a totalidade e inclusive a Si Mesmo”.

Sloka 68

“Aquele que, renunciando a toda a atividade, rende culto no sagrado e imaculado santuário de Brahman, que é independente de tempo, lugar e distância, que se encontra presente em todos os lugares, que é o destruidor do calor, do frio e de todos os demais opostos e que é o doador da felicidade eterna, surge onisciente e Onipenetrante e obtém a imortalidade”.

Outras obras do autor

Para adquirir outras obras de *Sesha* ou acessar as versões digitais gratuitas das mesmas, entre na seguinte Web:

www.sesha.info

Asociación Filosófica Vedanta Advaita Seshha

— AFVAS —

A AFVAS nasce como meio de aproximação dos ensinamentos que *Sesha* tem apresentado pelo mundo, assim como para poder deixar um legado revisado integralmente por ele. Este extremo se resume no artigo 3 dos estatutos da Associação:

Artigo 3: A existência desta Associação possui fins: O estudo e a divulgação dos ensinamentos do *Vedanta Advaita* do autor denominado de *Sesha*, assim como qualquer outro ensinamento deste mesmo autor, incluído as que se referem a filosofia oriental em geral a prática da meditação e a física quântica e relativista.

Esta associação de encarrega principalmente de transmitir, corrigir, revisar e editar os textos, áudios e vídeos dos diferentes cursos e eventos realizados, para que finalmente se possa colocá-los a disposição pública na Web criada para isto (www.vedantaadvaita.com). Assim mesmo, se realizam outras tarefas que facilitam a expansão de seus ensinamentos, como podem ser as traduções, Power Points, boletins, livros, etc. no artigo 4 dos estatutos se refere a este ponto:

Artigo 4: Para o cumprimento destes fins se realizam as seguintes atividades: a transcrição, edição e tradução de textos, áudios, vídeos e de qualquer outro suporte tecnológico deste mesmo autor, assim como o desenvolvimento de uma página Web aonde inclui tais itens.

Para custear a este projeto os sócios pagam uma cota mensal de 15 euros (com possibilidade de fazê-la efetivamente em quatro modalidades diferentes; mensal, trimestral, semestral ou anual) e com o dinheiro arrecadado se financiam os trabalhos realizados tanto por profissionais como pelos próprios sócios.

Caso lhe pareça interessante o projeto e queira participar, ou deseje aprofundar sobre *Sesha*, pode acessar a seguinte Web: www.vedantaadvaita.com.

Nesta Web poderá registrar-se para receber todas as novidades relacionadas com *Sesha* que a AFVAS faz públicas periodicamente.

Também pode entrar em nosso correio eletrônico, a partir do qual lhe informaremos com prazer a tudo o que se relaciona a AFVAS e a *Sesha*: asociacion@vedantaadvaita.com